

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Tainá Almeida Antunes

Economia do cuidado e a Espiritualidade cristã
O cuidado como um lugar do Espírito

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Francilaide Queiroz Ronsi

Rio de Janeiro
Março de 2025

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



PUC
RIO

Tainá Almeida Antunes

Economia do cuidado e a espiritualidade cristã
O cuidado como um lugar do Espírito

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Francilaide de Queiroz Ronsi

Orientadora
PUC-Rio

Lúcia Pedrosa de Pádua

PUC-Rio

Ivoni Richter Reimer

PUC Goiás

Rio de Janeiro, 18 de março de 2025.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Tainá Almeida Antunes

Graduada em Teologia pela Universidade do Grande Rio prof. José de Souza Herdy em 2015. Com experiência de 10 anos na música sacra e ensino religioso infantil, e nos últimos 4 anos com liderança de adolescentes e ensino religioso com juventudes. Pesquisadora na área de Teologia e Literatura, e também em Teologia com uma ótica feminista e decolonial. Membro fundadora do Círculo de Teólogas Africanas Interessadas – capítulo Brasil.

Ficha Catalográfica

Antunes, Tainá Almeida

Economia do cuidado e a espiritualidade cristã : o cuidado como um lugar do Espírito / Tainá Almeida Antunes ; orientadora: Francilaide de Queiroz Ronsi. – 2025.

103 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Economia do cuidado. 3. Espiritualidade cristã. 4. Teoria da reprodução social. 5. Interseccionalidade. 6. Teologia feminista. I. Ronsi, Francilaide de Queiroz. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

“A mão que balança o berço
governa a nação e o destino”.
Provérbio africano

Agradecimentos

Quero agradecer a Deus pela oportunidade de viver a vida.

Cheguei até aqui para concluir este trabalho tendo passado pelas mais distintas formas de cuidado: desde os 12 anos trabalhei como cuidadora de casa, cuidei de minha mãe acamada por alguns meses, cuido hoje de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), antes de me tornar bolsista CAPES trabalhei como diarista informalmente para os custos de alimentação e transporte. Conheci muitas faces do cuidado, suas não poucas exigências e custos. Parte da minha vida e da vida (e morte) de outras mulheres me atravessaram para fazer essa pesquisa. Esse trabalho é uma forma de lembrar e me indignar por elas também.

A meu companheiro de vida, Klinger, que dentro de suas possibilidades, sempre foi incentivo para que buscasse esse mestrado. Foi o único que de fato chorou de felicidade e cansaço comigo.

Agradeço às professoras Lavínia, Andreza, Juliana, Cris, e as assistentes terapêuticas Sheila e Victoria que foram uma rede de apoio fundamental de cuidado e terapias para meu filho, antes, durante e depois do diagnóstico em meio ao processo do mestrado. Obrigada por amarem e o abraçarem, ele não sorria na escola antes de vocês e disso eu nunca vou me esquecer.

Agradeço à PUC-Rio por me proporcionar esta experiência do mestrado. Sem os auxílios e oportunidades de ter aula com professores incríveis, esse trabalho não poderia existir.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À minha orientadora, Professora Francilaide de Queiroz Ronsi, pelo direcionamento, carinho e atenção durante todo o processo.

Às minhas professoras Maria Clara Bingemer, pela escuta e carinho durante as aulas, e Lúcia Pedrosa-Pádua pelo incentivo direto e disposição para ajudar.

Agradeço aos amigos e amigas que compreenderam minhas ausências, aos colegas da PUC-Rio pelo convívio, e pelas amizades que conheci e fortaleci.

Aos professores e professoras que participaram da Comissão examinadora.

A todos os professores e funcionários do Departamento pelos ensinamentos e pela ajuda.

A todos os amigos e familiares que de uma forma ou de outra me estimularam ou me ajudaram.

Resumo

ANTUNES, Tainá Almeida; Francilaide de Queiroz Ronsi. **Economia do Cuidado e a Espiritualidade Cristã**: o cuidado como um lugar do Espírito. Rio de Janeiro, 2025, 103p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A Economia do Cuidado tem sido um tema cada vez mais presente nos debates públicos. Nessa dissertação, analisamos a Economia do Cuidado com foco no trabalho doméstico não remunerado, presente na maioria dos lares brasileiros, que é feito majoritariamente por mulheres e meninas. Usamos a Teoria da Reprodução Social e a perspectiva interseccional para observarmos e contextualizarmos a invisibilidade desse trabalho pela sociedade e, concomitantemente, a exploração desse trabalho pelo Capital. Analisamos as consequências dessa exploração na saúde física e mental dessas mulheres e meninas, e reclamamos o cuidado delas como direito. A inserção do tema Espiritualidade acontece na percepção de que essa é uma dimensão do humano, e que também sofre pela sobrecarga de cuidado na qual mulheres e meninas estão submetidas. Finalmente, propomos uma espiritualidade cristã que seja pautada na justiça, compaixão, e na práxis de Jesus Cristo a fim de oferecer libertação a essas mulheres e meninas. O início dessa transformação se dá no rejeito da romantização do sofrimento delas, compreendendo que o cuidado é um lugar do Espírito e, por isso, ele precisa estar presente para humanizar as dinâmicas de cuidado, e promover uma atitude crística de antevisão e alívio da sobrecarga de mulheres e meninas, promovendo assim uma vida e saúde integral às mulheres e meninas.

Palavras-chave

Economia do Cuidado, Espiritualidade cristã, Teoria da Reprodução Social, Interseccionalidade, Teologia Feminista, Práxis crística, *Locus Spiritum*.

Abstract

ANTUNES, Tainá Almeida; Francilaide de Queiroz Ronsi (Advisor).
Care Economy and Christian Spirituality: care as a place of the Spirit.
Rio de Janeiro, 2025, 103p. Dissertação de Mestrado - Departamento de
Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The Care Economy has become an increasingly prominent topic in public debates. In this dissertation, we analyze the Care Economy with a focus on unpaid domestic work, which is present in most Brazilian households and is predominantly carried out by women and girls. We employ Social Reproduction Theory and an intersectional perspective to examine and contextualize the invisibility of this work in society and, simultaneously, its exploitation by Capital. We analyze the consequences of this exploitation on the physical and mental health of these women and girls and claim their right to care. The inclusion of the theme of Spirituality arises from the understanding that it is a dimension of human existence and that it, too, suffers under the burden of care to which women and girls are subjected. Finally, we propose a Christian spirituality rooted in justice, compassion, and the praxis of Jesus Christ to offer liberation to these women and girls. The beginning of this transformation lies in rejecting the romanticization of their suffering, understanding that care is a place of the Spirit and, therefore, must be present to humanize care dynamics and promote a Christ like attitude of foresight and relief from the burdens placed upon women and girls. In doing so, we aim to foster holistic life and health for women and girls.

Keywords

Care Economy, Christian Spirituality, Social Reproduction Theory, Intersectionality, Feminist Theology, Christic Praxis, *Locus Spiritum*.

Sumário

1.	Introdução	10
2.	Economia do Cuidado	19
2.1	Conceitos e Contextos	23
2.2	Care: mercado de trabalho, cuidado não remunerado e suas dimensões	29
2.3	O cuidado na América Latina e particularidades do caso Brasil: perspectivas interseccionais	34
3.	Cuidado: lugar da “vocação” visível e da autoridade invisível	42
3.1	O cuidado como lugar marginalizante de mulheres e meninas	42
3.2	O cuidado como lugar de autoridade	50
3.3	O cuidado como lugar de experimentação relacional e espiritual	56
4.	Cuidado e espiritualidade	61
4.1	“Eis teu filho! Eis tua mãe!”: uma práxis de Jesus Cristo	64
4.2	Por uma conversão das dinâmicas familiares e pela humanização de quem cuida	74
4.3	O cuidado como <i>locus spiritum</i>	81
5.	Conclusão	88
6.	Referências Bibliográficas	94

Introdução

*Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal*

*A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina*

*Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar*

*Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar*

*Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define (você é seu próprio lar)*

*Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só*

*Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima*

*Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar*

*E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar*

*E o homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só*

*Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só*

*Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define, minha casa não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)
(Eu sou meu próprio lar)
Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)*

A música com a qual iniciamos este capítulo é intitulada “Triste, Louca ou Má” da banda *Francisco, el Hombre*, e traz uma emblemática confissão:

[...] Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar [...]¹

Essa confissão em primeira pessoa aparece como reivindicação de sua condição de ser humano com possibilidades múltiplas de existência. Isso acontece após a confessoria da música denunciar o estado em que toda mulher é colocada ao fugir da normatividade de gênero, o estado de “triste, louca ou má”. Mostrando que, em uma cultura em que ao feminino é atribuída a “receita cultural do marido, da família, cuida, cuida da rotina”; aquela que recusar essa receita, deixa de ser uma boa mulher e passa a ser qualificada na sociedade como uma mulher triste, louca ou má.

A problemática apontada pela banda *Francisco, el Hombre* nessa música traz uma discussão pertinente, e contribui para ela inserindo artisticamente essa discussão na cultura brasileira. Essa música melodia uma perspectiva emancipatória das mulheres, e utiliza a arte também como um espaço para reflexão de gênero acerca do feminino e de sua performance de cuidado nas sociedades ocidentais e ocidentalizadas, cujo desempenho é apresentado na música como uma “receita cultural” a ser seguida.

Essa “receita cultural” e os resultados de sua aceitação/negação apresentados na música em questão, nas suas devidas proporções, casam-se com os dados

¹ STRASSACAPA, J. Triste, Louca ou Má.

coletados e com a problemática a ser trabalhada nessa pesquisa. Falaremos da existência da Economia do Cuidado, a precarização e invisibilidade do trabalho de cuidado, principalmente o doméstico não remunerado.

Nesse primeiro capítulo, apresentaremos de forma resumida o percurso epistemológico, o diálogo interdisciplinar desse trabalho com as áreas da filosofia, sociologia e teologia, para reflexão e aclamação de uma espiritualidade cristã que se estenda às relações domésticas de cuidado, em um exercício a partir de baixo e de dentro, para visibilizar o sofrimento de mulheres e meninas, olhando e cuidando de quem cuida, pois o cuidado é um lugar do Espírito, no qual ele precisa ser movido para trazer fôlego, vida e transformação integral onde essas mulheres e meninas são diariamente esmagadas.

Trataremos sobre a Economia do Cuidado por ter se tornado um tema cada vez mais presente nas discussões e debates sobre políticas públicas no Brasil. Academicamente, os estudos sociológicos do trabalho europeus acerca da Economia do Cuidado são difundidos a partir de 1960². Os debates das feministas materialistas francófonas que contribuíram para o entendimento do que chamamos nessa pesquisa de trabalho reprodutivo, são datados a partir de 1970³.

A Economia do Cuidado, ou o conceito de trabalho reprodutivo estão dentro da problemática da Divisão Sexual do Trabalho. Essa divisão é, conceitualmente, trabalhada academicamente a partir de dois princípios, segundo Hirata: o princípio de separação (trabalhos de homens-produtivos e trabalhos de mulheres-reprodutivos) e o princípio hierárquico (trabalhos dos homens “vale” mais que os trabalhos das mulheres), legitimados por uma ideologia naturalista, restrita ao sexo biológico, o que, em tese, apresentaria essa divisão sexual como imutável⁴.

É importante observar que, quando se fala de “valor” do trabalho em um mundo capitalizado, se trata do trabalho que produz lucro de forma direta, podendo assim, ser remunerado por isso⁵. O trabalho de pessoas que cuidam em seu próprio ambiente doméstico de forma gratuita, mais especificamente, mulheres e meninas,

² HIRATA, H. Nova Divisão Sexual do Trabalho? p. 234.

³ ALVES, C. C. F. O trabalho reprodutivo sobre o Capital, p. 28.

⁴ HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da Divisão Sexual do Trabalho, p. 599.

⁵ FEDERICI, S. Calibã e a Bruxa, p. 12.

não incide em vínculo empregatício nem produz lucro direto e, por isso, ele é desvalorizado⁶.

Porém, é um trabalho exaustivo, ininterrupto. Exige um tempo considerável da vida de mulheres e meninas. Incide diretamente na saúde e na vida das pessoas que trabalham fora do ambiente doméstico e subsidia o mercado de trabalho com pessoas aptas para ele. Sendo que essas mulheres e meninas não possuem remuneração por este trabalho de cuidado, nem férias e, conseqüentemente, não têm direito a uma certa seguridade social (como aposentadoria, auxílio-doença, pensão, por exemplo) dentro das relações do Capital.

Nesta pesquisa daremos ênfase a um dos aspectos específicos do trabalho de cuidado: o trabalho doméstico não remunerado, por ser esse o que é produto de e, ao mesmo tempo, produz maior vulnerabilidade social e afeta drasticamente a saúde física, mental, e conseqüentemente a espiritualidade dessas mulheres e meninas no Brasil.

Para isso, tomamos como ponto de partida dados registrados da Organização das Nações Unidas, Organização Internacional do Trabalho, informações de iniciativas como o Think Olga e a Oxfam Brasil, Plan International, por exemplo, que nos trazem tanto análises quantitativas acerca do trabalho de cuidado, suas características multifatoriais, quanto suas conseqüências socioeconômicas e as particularidades do caso brasileiro.

Como perspectiva metodológica, adotamos algumas vozes teóricas presentes no campo da Teoria da Reprodução Social, e a perspectiva da Interseccionalidade trabalhada por autoras brasileiras que serão apresentadas e estão situadas no decorrer da pesquisa. O objetivo é compreendermos como o Capital não apenas acumula riqueza e explora mão-de-obra, mas também se apropria da vida humana fora dos ambientes de trabalho, garantindo que as mulheres sustentem de forma gratuita e ininterrupta a sua expansão por serem elas as geradoras e cuidadoras de gerações de trabalhadores⁷.

É importante discutir sobre as mazelas que estão presentes dentro da economia do cuidado, pois essa apropriação da vida pelo Capital, incide em muitos

⁶ HIRATA, H. Nova Divisão Sexual do Trabalho? p. 234.

⁷ ALVES, C. C. F. O trabalho reprodutivo sobre o Capital, p. 94.

problemas. Dentre eles, a deterioração da saúde física e mental de mulheres e meninas devido à sobrecarga de trabalho. E, ao defendermos uma visão de acolhimento integral do ser humano, defendemos por isso a relevância de incluirmos o problema da sobrecarga de cuidados feminina nas reflexões teológicas.

Não se trata apenas do que ficou conhecido como “dupla jornada de trabalho”, termo comumente utilizado para se referir à dinâmica das mulheres que se inseriram no mercado de trabalho e continuam tendo maior responsabilidade pelos afazeres domésticos em casa. Trata-se de compreender que, o que a maioria de mulheres e meninas brasileiras vivenciam no cotidiano é uma jornada tripla, ou múltipla, pois o cuidado se intensifica de acordo com o nível de dependência das pessoas que vivem na casa (criança, idoso, pessoas com deficiência (PCD)) e com a baixa renda familiar que não permite contratar uma pessoa profissional de cuidados.

Além disso, a realidade das desigualdades de gênero e a pobreza de tempo, muitas dessas mulheres e meninas convivem diariamente com a violência do Estado, devido à dificuldade de acesso de alguns serviços⁸, a violência em seus locais de moradia e, muitas das vezes, a violência doméstica. São variáveis que implicam diretamente em suas vidas, variáveis que, inclusive, as submetem a uma vulnerabilidade que é capaz de adoecê-las e, até mesmo, extinguir suas vidas. Devido a essas situações que atravessam mulheres e meninas na sociedade, não é possível afirmar que suas espiritualidades estejam isentas dessas transposições.

Esse conhecimento acerca das realidades materiais de mulheres e meninas é importante para discutirmos a relação entre o cuidado e a espiritualidade e, no foco dessa pesquisa, a espiritualidade cristã. Pois os discursos das experiências de fé cristãs em países ocidentais e ocidentalizados como o Brasil influenciam a forma como o cuidado é visto, realizado e, principalmente, como ele também é invisibilizado sob um manto de romantização do sofrimento. O que pode mascarar a necessidade de transformação social e soluções possíveis.

Além disso, essa visão romantizada do cuidado impede o seu reconhecimento como um lugar do Espírito, do qual pode brotar vida, comunhão, novas possibilidades de existência, através de uma espiritualidade que encarne a práxis crística no cotidiano. A cristalização da figura feminina atrelada ao cuidado como

⁸ AKOTIRENE, C. Interseccionalidade, p. 40.

“vontade de Deus” sem a observação das realidades de mulheres e meninas, pode colaborar com o Capital por expressar certo determinismo religioso, um cristianismo professado, que propaga e ainda mantém desigualdades em curso.

Por isso, a fim de iniciar um percurso teológico para então apresentar uma espiritualidade possível, mostramos como os lugares de cuidado são sítios de experimentação relacional através do pensamento filosófico. Para exemplificar como a espiritualidade é uma dimensão do ser humano, e também terreno das experiências humanas, utilizamos a perspectiva teoantropológica para adentrar nas complexidades e necessidades que exigem uma superação do dualismo antropológico a fim de reconhecer as multifaces do humano em relação às experiências da vida e vivências espirituais.

O objetivo é refletir sobre o cuidado da forma como ele tem sido vivido, performado e interpretado na sociedade e, através do conhecimento da “mística da compaixão”⁹, propor uma reflexão cristã de forma mais abrangente, capaz de observar o cuidado. Para não só oferecermos apenas soluções antropológicas, mas também entendermos que o cuidado é intrínseco ao ser humano, e não apenas uma atribuição exclusivamente feminina. E, por isso, a práxis de Jesus Cristo, que é voltada para a compaixão, e seu olhar convertido ao sofrimento humano capaz de o impelir a aliviar os fardos das pessoas que necessitavam, deve ser o modelo que nos impele a olhar para as mulheres e meninas sobrecarregadas e lhes dar alívio de sua sobrecarga.

Dito isso, a pesquisa reforça a importância de a teologia cristã refletir sobre o cuidado doméstico não remunerado e denunciar a exploração desse cuidado perpetrada pelo Capital em detrimento da vida dessas mulheres e meninas. Desafiando, inclusive, a cultura que ela mesma ajudou a cristalizar em um movimento de promoção de uma cultura de cuidado interdependente, tendo a consciência de que o cuidado é um *locus spiritum*, um lugar do Espírito.

E que, por isso, a espiritualidade cristã deve não apenas denunciar como ação profética, mas também antever as necessidades da existência das pessoas que cuidam, especificamente as mulheres e meninas, como uma forma de cuidado ativo

⁹ METZ, J. B. Mística de olhos abertos, p. 19.

dessas pessoas. Pois as relações de cuidado também são espaços da ação do Espírito, em que Ele tem que estar presente dignificando-as. Para essa compreensão de cuidado, o Corpo de Cristo precisa ser referência de esperança de muitas mulheres e meninas que precisam ser cuidadas, pois, cuidando delas, cuidaremos da humanidade e de seu futuro.

Temos no segundo capítulo, como referenciais teóricos, as críticas de Silvia Federici acerca do conceito de Reprodução Social, contribuindo para os debates acerca do Trabalho Reprodutivo, e a contribuição de Nadya Guimarães com sua definição de “circuitos de cuidado”, atentando para as multífaces do *care* e como esse conceito possui diferentes significados, performances, entre países do norte global e sul global, e também as particularidades da América Latina e no Brasil.

No terceiro capítulo, utilizamos a máxima de Johann Metz sobre a “autoridade dos sofredores” como um princípio fundamental para dar visibilidade às múltiplas violências às quais mulheres e meninas estão sofrendo dentro de suas casas. Usamos também o conceito de suspeição acerca da realidade feminina diante da teologia, abraçado por Ivone Gebara, para demonstrar a importância desse movimento sobre nossas impressões acerca da possibilidade de nossos discursos amplamente difundidos não estejam contribuindo para cristalizar essa realidade violenta.

Também damos contorno a algumas construções teológicas acerca do feminino e utilizamos Jean Delumeau, cuja densa pesquisa acerca do pecado e do medo no ocidente revelam também como o medo da mulher foi refinado ao observarmos as produções acadêmicas, homilias do cristianismo até o século XX. Contribuindo não apenas para um medo controlador da sociedade, mas também preparando a cultura ocidental para validar as divisões parcelares e sexuais do trabalho, necessárias à industrialização.

O terceiro capítulo termina com uma apresentação da “mística da compaixão”¹⁰, apresentada por Johann Metz, como ponto de partida para uma

¹⁰ É importante destacarmos a diferença entre mística e espiritualidade, já que o trabalho possui uma proposta de uma espiritualidade. Quando se fala de mística para o cristianismo medieval temos a interpretação do conceito de unidade com Deus, uma experiência na tentativa de alcançá-lo imediatamente a Deus. Segundo Panikkar, a mística é a experiência plena da vida. É a percepção de uma realidade que transcende o ser de uma forma integrada e integradora. Sobre a espiritualidade,

reflexão sobre o espaço relacional que o cuidado proporciona a partir dos trabalhos filosóficos de Luigina Mortari, espaço onde suas experiências podem transcender qualquer cultura. Porém, para que essa transcendência aconteça, é preciso superar o pensamento cada vez mais fragmentado ocorrido em nossa sociedade, e para entender como esse processo pode ter um início, a defesa da superação do dualismo platônico de Alfonso García Rubio é apontada.

O quarto capítulo é destinado a falar da dimensão humana da espiritualidade, e de uma proposta de espiritualidade cristã que considere a inclusão da dimensão do sofrimento das mulheres e meninas, e as acolha para que sejam aliviadas em seus fardos, em uma atitude de profecia e sinal de esperança para o mundo e mostrar que a partir da vida e dos feitos de Jesus Cristo é possível estabelecer uma cultura de cuidado.

As reflexões de Leonardo Boff em diálogo com Luigina Mortari apontam que, a dimensão ontológica e ética do cuidado são indissociáveis. Porém, um caminho prático precisa ser traçado, a partir de Jesus Cristo, e para isso utilizamos as interpretações presentes no aparato bíblico-teológico de Ivoni Reimer e Heitor Utrini. Para falar do cuidado como um Lugar do Espírito, a pneumatologia moltmaniana, em sua definição do Espírito como Fonte da Vida, é um ponto de partida. A teologia pública de Jürgen Moltmann movimenta o conceito de uma espiritualidade libertadora seja exercida no cotidiano trazendo justiça e o poder do Espírito sobre as relações e experiências humanas.

O movimento da *Ruah* divina é dinâmico e imprevisível (Jo 3,6-8). Cabe à consciência cristã agir a partir desse aspecto para propor uma espiritualidade que seja capaz de alcançar todas as dimensões da vida humana, de fato. A força co-criadora da vida nos torna aptos para reinventá-la, e a práxis crística encarnada nos

podemos afirmar que ela é uma dimensão da vida humana que tem a ver com uma busca de sentido, conexão, transcendência para si, mediada ou não por uma religião. Neste trabalho não encaramos a mística e espiritualidade como processos fragmentados com um sentido em si mesmos. A proposta é engajar todas as dimensões e movimentos experienciais do ser humano para uma jornada, a partir “de baixo” e “de dentro”, de reconhecimento do cuidado como um lugar do Espírito, onde o ser humano deve agir de forma concreta para humanizar as relações domésticas de cuidado. A “mística da compaixão” de Metz é apontada como um movimento primário interior para o exercício de uma espiritualidade atuante no exterior. MAZZINI, M. *Mística do cotidiano*. Enciclopedia Digital Theologica Latinoamericana, p.1.

torna capazes de tomar atitudes essenciais de cuidado, independente de raça, classe, gênero, em prol das pessoas necessitadas incluindo quem cuida nesta condição.

Economia do cuidado

*Somos invisíveis, junto a invisíveis e com forças invisíveis tecemos nosso caminho*¹¹.

O tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio, em 2023, foi “desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”¹². Apesar do tema ter sido evidenciado nas discussões sobre gênero no Brasil e o número de pesquisa do termo “cuidado” ter aumentado significativamente de 2020 em diante por exemplo¹³, o termo “economia do cuidado” começou a tomar forma nas discussões sociológicas feministas a partir de 1960, dentro dos estudos acerca da divisão sexual do trabalho¹⁴.

Na teologia cristã, os termos “economia” e “cuidado” são vistos em unidades de sentido muito específicas. Geralmente, “economia” se trata da ação de Deus para-com-o-ser, da relação de Deus com-o-ser, trata-se da atividade divina¹⁵. Já o “cuidado” passa por uma série de implicações enquanto ação-do-ser-cristão: o cuidado dos mais vulneráveis, com a própria espiritualidade, cuidado pastoral, do meio ambiente etc.

Mas, o sentido desses termos juntos informa outra situação ainda um tanto nebulosa para a sociedade brasileira e, conseqüentemente, para a espiritualidade cristã: as realidades e conseqüências resultantes da divisão sexual do trabalho que abarca a totalidade dos lares brasileiros (e mundo), ou seja, o trabalho doméstico não remunerado e suas implicações.

As realidades que formam o que chamamos de economia do cuidado, como serão apontadas neste capítulo, são realizadas, em sua maioria, por mulheres e meninas que, segundo Federici, representam “não somente uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e,

¹¹ CAPASSO, R.; GUERRA, D. D.; KIELING, G. Redes de Cuidado, p. 12.

¹² TOKARNIA, M. Tema da redação do ENEM traz luz à organização patriarcal da sociedade, p.1.

¹³ GOOGLE TRENDS, Termo Economia do Cuidado, p. 1.

¹⁴ HIRATA, H. Nova Divisão Sexual do Trabalho? p. 234.

¹⁵ Sobre o termo “economia” na teologia, ver SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. Dicionário de conceitos fundamentais do Cristianismo, p. 205.

portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a histórias das relações capitalistas”¹⁶. Apesar dos grandes arroubos e confusões criadas por visões político-econômicas distintas (e um tanto indefinidas) no Brasil da última década, é mais do que necessário, de forma pedagógica, resgatar a natureza dos termos, suas evoluções e contribuições para a sociedade, com o intuito de compreender de forma holística a realidade brasileira.

Por isso, como método, usaremos as contribuições advindas da Teoria da Reprodução Social considerando também as feministas materialistas autonomistas¹⁷, também a perspectiva da Teoria Interseccional. Mencionaremos também a *Labor Process Theory* como contribuição para as reflexões. O intuito é trazer linhas conceituais, inclusive de sociólogas brasileiras, que se preocuparam em observar e criticar o sistema econômico-social sobre o trabalho de cuidado para compreender as faces de um neoliberalismo contemporâneo (ou um capitalismo tardio) e suas consequências sobre as atuantes dessa economia – mulheres e meninas – em um país do Sul Global como o Brasil.

O caso brasileiro precisa ser tratado à parte, por possuir particularidades nas atividades de cuidado remuneradas como o trabalho doméstico e o cuidado de pessoas, como também nas atividades não remuneradas e em suas divisões de tarefas. A realidade brasileira do trabalho reprodutivo é uma trama resultante de elementos coloniais. O Brasil foi o destino que mais recebeu pessoas escravizadas africanas no mundo, cerca de 5 milhões aproximadamente¹⁸. O recorte de gênero é também gritante: segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres representam 92% das pessoas ocupadas no trabalho doméstico remunerado, sendo 62% de mulheres negras¹⁹.

Por que falar desse aspecto do cuidado é importante? Para responder a essa pergunta, é preciso considerar que o cuidado está presente na vida humana em sua totalidade como garantia de assistência, satisfação das necessidades e, inclusive, na preparação do próprio ser humano dotando-o de autonomia, saúde, condições necessárias que contribuem também para o movimento de mercado e economia da

¹⁶ FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa*, p. 31.

¹⁷ BHATTACHARYA, T. *Teoria da Reprodução Social*, p. 240.

¹⁸ SLAVE VOYAGES, *Tráfico transatlântico de escravos*, p. 1.

¹⁹ DIEESE, *Trabalho doméstico no Brasil*, p. 1.

sociedade. Porém, essa faceta da vida tão imprescindível foi colocada de fora das relações econômicas, já aqui temos o primeiro problema pelo qual urge falarmos sobre ele.

Ainda, o cuidado é considerado um “trabalho reprodutivo”, e por isso, não foi contabilizado nas relações econômicas por não produzir um lucro direto, assim como as atividades de produção. E as consequências dessa visão dicotômica do trabalho, feita a partir da sua divisão sexual, além de ter sido essencial para estabelecer as relações do capital²⁰, continua sendo uma contribuição robusta para a desigualdade de gênero. Por isso, é imperativo que falemos de cuidado enxergando o que ele, de fato, compreende em nossa realidade.

A modalidade de cuidado identificada por Guimarães²¹ como “cuidado como obrigação”, por exemplo, que será a dimensão na qual este trabalho se concentra, implica em uma série de dinâmicas plurais cujas ações causam grande impacto na vida humana. Porém, as relações estabelecidas pelo cuidado, seus significados e seres atuantes desse cuidado se encontram em uma situação de invisibilidade por serem feitos de forma gratuita e regular, cujo significado está restrito e cauterizado no “amor”, “responsabilidade familiar”, até mesmo chamado de “vocação biológica da mulher”, e cujos sujeitos atuantes em sua maioria são mulheres e meninas, que não são vistas como pessoas que trabalham arduamente, mas como seres obrigados a desempenhar esse serviço dentro de uma constituição familiar.

Algumas pesquisas demonstram uma latente “crise de cuidados” em curso, cujas consequências têm sido noticiadas e propagadas cada vez mais em coletivos, manifestações populares, políticas, principalmente após o advento da COVID-19²². Dentre elas, temos os dados do Censo Demográfico, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), Censo Escolar da Educação Básica, do IBGE²³, como exemplo. Eles demonstram “as recentes mudanças nas famílias, na dinâmica populacional e no mercado de trabalho”²⁴.

²⁰ HIRATA, H. Nova Divisão Sexual do Trabalho?, p. 234.

²¹ VIEIRA, P. P. F.; GUIMARÃES, N. A. As ajudas.

²² THINK OLGA, Saúde das mulheres, p. 1.

²³ PASSOS, L.; GUEDES, D. R. Participação feminina no mercado de trabalho e a crise de cuidados na modernidade, p. 67.

²⁴ PASSOS, L.; GUEDES, D. R. Participação feminina no mercado de trabalho e a crise de cuidados na modernidade, p. 90.

A presença cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho acontece de forma relacionada à diminuição da taxa de natalidade e ao aumento da população idosa que também demandará cada vez mais de cuidados de longo período²⁵. Com as demandas socioeconômicas, as mulheres não estão mais disponíveis, exclusivamente, para trabalho de cuidado não remunerado.

Essa situação acarreta o acúmulo de trabalhos, fazendo com que mulheres tenham jornadas duplas, triplas de trabalho. Somando a esta situação o trabalho informal, que para mulheres e meninas pobres é o mais flexível devido às necessidades da demanda doméstica e o possível devido às suas dificuldades de saírem desse âmbito para se dedicarem a uma formação, vemos uma vida sobrecarregada. Esta demanda de vida pode não suprir, a longo prazo, a própria demanda de cuidados que a condição precária de longas e somadas jornadas de trabalho, saúde física, mental, trará para essas mulheres e meninas.

Por motivo dessa sobrecarga de cuidados, mulheres e meninas são marginalizadas, impedidas de construir uma autonomia financeira, pessoal, e poderão ter dificuldades de obter algum tipo de seguridade social a longo prazo. Atualmente, mulheres e meninas se encontram esgotadas física e emocionalmente. Não se trata, apenas, de uma “querela feminina”, mas de um evento com causas e consequências concretas, capaz de produzir novas formas de exploração, muitas das vezes, com anuência da instituição religiosa.

Diante desse quadro, vamos aprofundar primeiro a discussão dando clareza aos termos para em seguida delimitar o tema, e expor suas implicações e particularidades no caso do Brasil, suas consequências e desafios

²⁵ PASSOS, L.; GUEDES, D. R. Participação feminina no mercado de trabalho e a crise de cuidados na modernidade, p. 86.

2.1

Conceitos e contextos

A necessidade de trazer luz sobre o cuidado como trabalho fundamental para a vida humana²⁶ levou pesquisadoras e pesquisadores de vertentes variadas a se debruçar sobre o tema, a fim de mensurar não apenas a quantidade de pessoas trabalhadoras, suas modalidades e impactos na economia. Mas, também, a dissertarem sobre o impacto das desigualdades na vida dessas pessoas diante dos rostos, experiências e relações sociais estabelecidas em torno do ato de cuidar.

Por isso, os estudos feministas dentro da sociologia do trabalho também contribuem com a distinção entre trabalho doméstico remunerado e não remunerado, que neste texto será apresentado através dos desenvolvimentos de Silvia Federici. Ela expõe suas atenções sobre um longo aparato histórico, provando assim que o interesse por esse tema é anterior às recentes manifestações políticas atuais.

Como exemplo dessas manifestações políticas sobre cuidado temos o Brasil que realizou em 2023 uma consulta para a construção de uma Política Nacional de Cuidados²⁷, cujo tema faz parte dos compromissos de Direitos Humanos, espinha dorsal da agenda 2030 da ONU²⁸. Ainda sobre Federici, vale ressaltar que seus estudos mostram que o trabalho de cuidado é o principal subsídio à economia, pois sem ele não haveria outras atividades produtivas, tampouco econômicas.

Em 1934, a economista canadense Margaret Reid publicou *Economics of Housewold Production* (Economia da produção doméstica), um dos primeiros estudos a criticar a exclusão do trabalho doméstico não remunerado da coleta de dados estatísticos²⁹. Ela advoga que, em uma discussão honesta acerca do mercado de trabalho, não se deveria negligenciar a vasta mão-de-obra diferente em

²⁶ É importante observar que o cuidado é fundamental para a vida do planeta como todo. Mas, neste trabalho, focaremos no cuidado de vidas humanas, sem deixar de mencionar em como a vida de todo planeta é afetada nesta dinâmica, porém, neste trabalho vamos nos ater ao aspecto sociológico e não o ecológico.

²⁷ IPEA, Política Nacional de Cuidados dá o primeiro passo para cuidar de quem cuida, p. 1.

²⁸ ONU MULHERES, ONU assinala primeiro Dia do Cuidado e Apoio, p. 1.

²⁹ HANSON, A. C. Economics of Household Production, p. 136.

competências e graus, independente do trabalho doméstico ter ou não valor atribuído³⁰. A partir destas atenções dadas às “donas de casa”, o trabalho das materialistas autonomistas no campo da reprodução social dá mais um passo ao contribuir com uma crítica ao trabalho de Marx e ao de outras feministas de linha unitária³¹ como Lise Vogel, por exemplo.

Vogel argumenta que o trabalho doméstico está atrelado ao valor de trabalho necessário³². Mas, nesta forma de compreender como o trabalho de cuidado está atrelado ao capitalismo há problematizações, levantadas pelas materialistas feministas autonomistas que, segundo elas, acaba não alcançando a dimensão da precariedade e miséria nas quais mulheres e meninas são submetidas por não estarem dentro do chamado “trabalho produtivo”.

Um dos exemplos de feminismo materialista autonomista difundidos atualmente está na crítica de Silvia Federici, no qual uma das principais características desse exemplo está em atribuir o valor não somente à força de trabalho, mas, principalmente, na reprodução do trabalhador. Segundo Federici, o sujeito não é apenas um ser produtor de material, uma vítima do capital. Ele é o protagonista do capital. É o que molda a cultura, os gostos, a moda, opinião, ou seja, a própria *reprodução social*. Pois, antes da produção de mercadoria, está a reprodução dos próprios trabalhadores e sua organização que permite e subsidia o próprio capitalismo³³.

Partindo deste protagonismo humano diante do capital e longe da intenção de amplificar novas narrativas dicotômicas sobre trabalho e não-trabalho, sem esquecer das contribuições da LPT (*Labor Process Theory*, ou Teoria do Processo de Trabalho) ressaltamos o valor da Teoria da Reprodução Social (TRS) neste texto para compreender e inserir mais desdobramentos acerca dos estudos sobre trabalho,

³⁰ HANSON, A. C. *Economics of Household Production*, p.136.

³¹ Feminista unitarista é um termo que define as feministas que se debruçam sobre o marxismo e defendem que não haveria certa necessidade de desenvolver um campo autônomo (daí vem o termo autonomista) apartado do conceito marxista de “trabalho necessário”, alegando que o trabalho doméstico tem valor de uso, e não troca como as outras relações capitalistas. Para uma breve introdução dos debates feministas materialistas, ver HOPKINS, C. T. *Muito trabalho, pouco lazer: reprodução social, migração e trabalho doméstico remunerado em Montreal*. Ver BHATTACHARYA, T. *Teoria da Reprodução Social*, p. 191.

³² Ideia sistematizada por Karl Marx de que o trabalhador o realiza para pagar seu próprio salário. A mais-valia constitui no trabalho excedente, aquilo que o trabalhador produz para seu empregador, como lucro. VOGEL, L. *Marxismo e a opressão às mulheres*, p. 60.

³³ FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa*, p. 12.

com o objetivo de refletir sobre as mutações dos perfis de empregos e a precarização, e como isso interfere diretamente na vida de mulheres e meninas, mesmo elas estando de fora do processo de acumulação (em teorias materialistas focadas na relação trabalho-consumo), por não produzirem lucro direto.

Silvia Federici também contribui para a Teoria da Reprodução Social ao contra-argumentar o conceito de “trabalho necessário” – oriundo das perspectivas materialistas ortodoxas, mais precisamente, baseadas em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* de Friedrich Engels – quando enfatiza que

longe de ser um resquício pré-capitalista, o trabalho doméstico não remunerado das mulheres tem sido um dos principais pilares da produção capitalista, ao ser o trabalho que produz a força de trabalho. Argumentamos ainda que nossa subordinação aos homens no capitalismo foi causada por nossa não remuneração, e não pela natureza “improdutiva” do trabalho doméstico, e que a dominação masculina é baseada no poder que o salário confere aos homens³⁴.

Federici não apenas acusa as estruturas patriarcais, mas enfatiza as suas consequências partindo da análise da construção histórica dessas estruturas para, a partir desse panorama, repensar as relações capitalistas do ponto de vista da reprodução da vida. O trabalho reprodutivo, ao invés de ser tratado como algo “necessário”, é protagonizado como o motor do capitalismo. Falar desta forma é como algumas pessoas nas Teorias das Reproduções Sociais, como Federici, avançam da premissa de Marx acerca do trabalho.

Não basta apenas reconhecer a reprodução social como a atmosfera econômica, mas é necessário incluir as complexidades das relações de reprodução e cuidado que estão essencialmente ligadas ao trabalhador e subsidia o Capital não só com pessoas aptas para o trabalho, mas também com a reprodução de novas pessoas para manterem este sistema em funcionamento.

Os estudos sociológicos acerca da Divisão Sexual do Trabalho na França, delimitados na década de 70, também colaboram para compreender de forma globalizante a questão da reprodução social, e entender que não há uma troca igualitária de trabalho. Na verdade, há exploração da reprodução humana e tudo aquilo que a envolve pelo capital. O termo Economia do Cuidado surge necessariamente a partir de algumas reflexões teóricas citadas até aqui, como forma

³⁴ FEDERICI, S. Calibã e a Bruxa, p. 12.

de abranger as atividades (remuneradas ou não) diretamente ligadas ao que chamamos de manutenção da vida.

O cuidado não pode ser colocado à parte das relações econômicas. Ele é essencial para a vida não apenas em casos de assistência relacionada às áreas da saúde. Ele é a parte fundamental das relações, pois, sem ele não há gerência da vida, também não há acumulação de capital sem o aproveitamento não remunerado do tempo e dedicação das pessoas que gerenciam a vida humana reproduzindo, nutrido, educando, tornando outras pessoas aptas para o mercado de trabalho.

A socióloga brasileira Nadya Guimarães contribui para os estudos sobre cuidado, não só com sua atenção à América Latina e suas peculiaridades, mas também com a classificação das diversas modalidades de cuidado em *circuitos*, a fim de compreender cada uma delas e diferenciá-las³⁵. Essa é uma movimentação de estudos importante dentro dos conceitos estudados no campo da Divisão Sexual do Trabalho, porque começa a tirar a nebulosidade sobre as formas de cuidado existentes, auxilia a identificar as suas diferenças e respectivas consequências.

Em seu trabalho sobre o gênero do cuidado, Guimarães define os circuitos de cuidado como “profissão”, “obrigação” e “ajuda”³⁶. Ela estabelece a operação de um circuito dando os seguintes aspectos que o compõe: o tipo de relação social que o consiste, o significado destas relações, o tipo de transação econômica e o tipo de retribuição³⁷. Além disso, o tipo de pessoa que atua nestes circuitos também é fator relevante para a análise de Guimarães, pois auxilia em compreender qual gênero, classe, raça é predominante e quais são os impactos socioeconômicos que o cuidado pode implicar nestas relações.

Susan Ferguson, uma das pioneiras a tratar sobre a Teoria da Reprodução Social, disse:

nossa compreensão do capitalismo é incompleta se o tratarmos apenas como um sistema econômico que envolve trabalhadores e proprietários, se não examinarmos as maneiras pelas quais uma reprodução social mais ampla do sistema — o trabalho reprodutivo diário e geracional que ocorre nas famílias, nas escolas, nos hospitais, nas prisões e assim por diante — sustenta o impulso para a acumulação³⁸.

³⁵ GUIMARÃES, N. A. Os circuitos do Cuidado.

³⁶ GUIMARÃES, N. A. Os circuitos do Cuidado, p. 2.

³⁷ GUIMARÃES, N. A. Os circuitos do Cuidado, p. 2.

³⁸ BHATTACHARYA, T. Teoria da Reprodução Social, p. 23.

Os conceitos e desenvolvimentos acerca do trabalho apresentados até aqui indicam consistentemente a importância de identificar e discernir sobre os mais variados aspectos que constituem a Economia do Cuidado. Não devemos correr o risco de ignorar ou sequer deixar de enxergar, tomar conhecimento sobre esse trabalho essencial para a vida como um todo, pois estas atitudes em relação às pessoas que cuidam acarretam a contribuição direta para desigualdades de gênero, sociais, e atingem diretamente a saúde e a vida dessas pessoas, em sua maioria, mulheres e meninas.

A partir dessa breve explanação é possível que se torne mais palpável a demanda social que o cuidado representa e a importância de se questionar os processos nos quais ele acontece, e dos quais ele é resultado. Podemos afirmar também que o cuidado é o maior subsídio à economia, e ao capital. É importante ter em mente que o capital e seu regime de acumulação não dependem somente da exploração do trabalhador assalariado, precarizado, mas também da oferta de trabalho gratuita e praticamente ininterrupta que as pessoas cuidadoras não remuneradas também desempenham na sociedade.

Aqui temos a inserção de mais um termo (ou agente) neste trabalho: pessoa cuidadora não remunerada. Antes de demonstrar como as teorias e categorias de cuidado nos ajudam a compreender as atuais consequências de seu trabalho no mundo e, mais especificamente, no caso brasileiro – com suas nuances e peculiaridades, vamos desenvolver este panorama também com as indicações das categorias possíveis de cuidado existentes.

Ainda é necessário desdobrar um pouco mais este assunto em sua forma sociológica, com o objetivo de acrescentarmos mais significados aos sentidos e atenção dados ao trabalho de cuidado, para a partir disso meditarmos acerca da espiritualidade. Sendo o Brasil um país majoritariamente cristão³⁹, é importante salientar a contribuição da religião culturalmente para esse panorama do cuidado, entender que tipo de relação há entre a espiritualidade cristã e o cuidado, suas reivindicações e implicações no discurso cristão.

³⁹ MORI, L. Porque o Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus, p. 1.

Como a espiritualidade é cada vez mais considerada pelas ciências como uma dimensão indispensável do ser⁴⁰, ela também pode permear o trabalho de cuidado e inclusive orientar, até mesmo definir como esse cuidado é realizado. Por isso, vamos aos desdobramentos das categorias desse cuidado, as dimensões que ele permeia e aguçar o olhar para a proposta de se opor à romantização do sofrimento de pessoas que cuidam, do sofrimento de mulheres e meninas.

Para que, a partir dessa consciência, possamos enxergar o cuidado como uma experiência humana fundamental, um ato de responsabilidade coletiva, moldador de nossa essência e dotado de uma dimensão espiritual. Avançando assim, com uma proposta de espiritualidade cristã que supere dualismos como público-privado, masculino-feminino, compreendendo que o cuidado é um lugar do Espírito, um lugar cujas relações por Sua presença precisam refletir a comunidade equânime que o Espírito promove.

⁴⁰ MADUREIRA, D. Cientistas investigam como a espiritualidade pode ajudar na saúde do corpo, p. 1.

2.2

Care: mercado de trabalho, cuidado não remunerado e suas dimensões

As definições de trabalho de cuidado recebem uma série de significados que geralmente não abarcam a diversidade do tema. Temos a primeira limitação no conceito de *care*. Guimarães, Hirata e Sugita⁴¹ demonstram em suas análises feitas respectivamente no Brasil, França e Japão que ele varia de acordo com as realidades. Elas apresentam que a denominação de *care* varia em cada país de acordo com suas construções dos regimes de previdência social, processos demográficos, econômicos que moldam a estrutura etária e ocupacional das populações de cada país⁴².

A diversidade de conceitos nos ajuda a compreender a construção social que influencia diretamente no sentido de cuidado para cada país. Mas, como afirmado por Guimarães, Hirata e Sugita, apesar da associação às ações de cuidado a palavra *care* não cobre todas as práticas⁴³. O avanço na compreensão do cuidado inicia quando percebemos que uma palavra apenas não consegue abarcar a complexidade das realidades sociais⁴⁴. Elas salientam que, apesar dos esforços conceituais a fim de reconhecer, estruturar, profissionalizar o trabalho de cuidado (*care work*), ele também remete à esfera familiar, doméstica⁴⁵.

Para elucidar qual será a esfera do trabalho de cuidado contemplada neste estudo, e sobre o que é este trabalho de cuidado não remunerado, o entendimento de Nadya Guimarães sobre o que ela denominou “circuitos de cuidado” é fundamental para observar a pluralidade de ações e relações compreendidas na esfera do cuidar. Principalmente pelo fato de que este trabalho apresentará reflexões sobre cuidado e espiritualidade a partir do Brasil e América Latina, lugares marcados por profundas desigualdades sociais, fazendo com que “a pluralidade das

⁴¹ GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S.; SUGITA, K. Cuidado e Cuidadoras, p. 154-157.

⁴² GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S.; SUGITA, K. Cuidado e Cuidadoras, p. 151.

⁴³ GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S.; SUGITA, K. Cuidado e Cuidadoras, p. 155.

⁴⁴ GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S.; SUGITA, K. Cuidado e Cuidadoras, p. 155.

⁴⁵ GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S.; SUGITA, K. Cuidado e Cuidadoras, p. 156.

formas e das relações sociais sob as quais o trabalho de cuidado se exerce”⁴⁶ seja “mais ampla que aquela que povoa os estudos contemporâneos acerca das chamadas “profissões do cuidado””⁴⁷.

Outra perspectiva que usaremos é a da Interseccionalidade, conceito cunhado com foco em raça e gênero pela advogada e defensora dos direitos civis Kimberlé Crenshaw⁴⁸. Este conceito é importante para a compreensão de que raça, gênero, até mesmo classe não são características exclusivas de experiência e análise⁴⁹. Essas características se entrelaçam e geram uma realidade complexa que não é abrangida quando se olha raça, classe e gênero de forma isolada, como se fossem excludentes entre si. Na verdade, a abordagem não aprofundada das experiências enredadas de mulheres, pobres, pretas e pardas no Brasil e América Latina, por exemplo, invisibiliza o sofrimento delas e se torna uma nova “maquiagem” da opressão⁵⁰.

No mercado de trabalho, o *care* corresponde geralmente aos serviços na área da saúde: a medicina, enfermagem, suporte hospitalar, cuidadores domiciliares qualificados, doulas de parto, doulas da morte, cuidadores de instituições de longa permanência etc. São trabalhos reconhecidos com cursos e diplomações disponíveis, que exigem uma mercantilidade. A este circuito, Guimarães classifica como “cuidado como profissão”⁵¹. É categorizado como circuito por confluir as seguintes variáveis: diversidade de afazeres, possíveis significados, sujeitos atuantes, possível mercantilidade ou outro tipo de troca⁵².

No âmbito doméstico, o *care* diz respeito aos serviços que contribuem para manutenção da vida em sua totalidade. Nisto podemos incluir os afazeres domésticos, o maternar caso tenha bebês e crianças, e tudo o que envolve o cuidado dentro da esfera privada, inclusive a antevisão das necessidades da dinâmica da casa e da família através de limpeza, organização e planejamento de aquisição e administração de insumos para realizar estes afazeres. Se neste núcleo familiar

⁴⁶ GUIMARÃES, N. A. Os circuitos do cuidado, p. 2.

⁴⁷ GUIMARÃES, N.A. Os circuitos do cuidado, p. 2.

⁴⁸ CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex.

⁴⁹ CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex, p. 140.

⁵⁰ CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex, p. 154.

⁵¹ GUIMARÃES, N. A.; VIEIRA, P. P. F. As “ajudas”, p. 9.

⁵² GUIMARÃES, N. A.; VIEIRA, P. P. F. As “ajudas”, p. 8,9.

existem pessoas idosas, acamadas, portadoras de deficiências ou transtornos, o cuidado é esticado a essas em suas peculiaridades.

Esses sujeitos que demandam cuidados são capazes de definir a intensidade com que este trabalho é exercido, além do aumento das demandas inerentes como idas às farmácias, supermercados, acompanhamento médico e terapêutico que podem se estender por anos, décadas. O circuito concernente ao acompanhamento do desenvolvimento, crescimento, melhora do quadro destas pessoas, a gestão das finanças para economia ou investimento para a família em alguma área etc., Guimarães denomina como “cuidado por obrigação”⁵³. Pois, geralmente, é feito pela familiar feminina com determinado grau de parentesco (mãe, filha, irmã, tia, avó) o que isenta essas mulheres e meninas de remunerações.

Na construção do trabalho de cuidado remunerado não há necessariamente uma relação direta com gênero. Com exceção do trabalho doméstico, provavelmente por ser atividade compreendida dentro da esfera familiar. Ele foi reconhecido com muito custo como um trabalho digno no Brasil, a partir de 2013, com a promulgação da Emenda Constitucional 72 que garantiu igualdade de direitos entre pessoas trabalhadoras domésticas e os demais trabalhadores⁵⁴, dadas as suas peculiaridades que serão expostas no próximo tópico.

Na construção do trabalho não remunerado, chamado por Guimarães de “cuidado como obrigação”⁵⁵, vemos como sua característica uma relação direta de gênero e a naturalidade com que este serviço é atribuído às mulheres e meninas. Por ser desenvolvido dentro do âmbito familiar, carrega em si uma carga ética que o invisibiliza enquanto trabalho ao “sacralizá-lo” como “amor”, “afeto”. Além disso,

desde que seja mulher, cuidar do membro da família que está adoecido e requer atenção constante ou ainda, cuidar dos familiares para que atravessem uma fase de fragilidade a fim de preservar o direito à vida, torna-se prioritário sobre os próprios projetos. Ao identificar-se com o ato de cuidar, a mulher, muitas vezes, distancia-se da possibilidade de outras escolhas, ou distancia-se dos próprios projetos. Cuidar do outro torna-se o seu cotidiano⁵⁶.

⁵³ GUIMARÃES, N. A.; VIEIRA, P. P. F. As “ajudas”, p. 9.

⁵⁴ SENADO FEDERAL, A PEC das domésticas garantiu a igualdade de direitos entre os trabalhadores, p.1.

⁵⁵ GUIMARÃES, N. A.; VIEIRA, P. P. F. As “ajudas”, p. 10.

⁵⁶ GUEDES O. de S.; DAROS, M. A. O cuidado como atribuição feminina, p. 124,125.

Em relações parentais ou não-parentais mais próximas existem tensões, negociações que envolvem o tipo de relação estabelecida entre o alvo de cuidado e quem cuida⁵⁷. Os afetos e as vivências compartilhadas dificultam muito uma possível precificação por este serviço de cuidado principalmente em áreas de pobreza⁵⁸:

Nesse caso, o “amor” e a “responsabilidade familiar” são os significados que dão sentido à conduta e estruturam o reconhecimento social e a identidade subjetiva de quem as performa. Nesse circuito, conquanto as atividades sejam auto e hetero-reconhecidas como “de cuidado”, a essas não se dá o caráter de “um trabalho”, mas o de cumprimento de uma “obrigação”⁵⁹.

Com a inserção da mulher no mercado de trabalho considerado formal, a divisão sexual do trabalho continuou inalterada. Se não há a terceirização do serviço doméstico devido aos baixos salários, há a responsabilização de meninas da família, podendo desencadear a parentalização⁶⁰ deste trabalho de cuidado ou o acesso ao que Guimarães chama de “cuidado como ajuda”⁶¹. Se não há estas alternativas a mulher acaba acumulando os trabalhos, resultando em jornadas duplas, triplas, dependendo da quantidade de pessoas que estão necessitadas de cuidados em sua rotina.

Esses dados e conceitos nos ajudam a compreender as linhas múltiplas e tênues que o cuidado não remunerado atravessa. Muitas dessas mulheres e meninas atuantes nas tarefas de cuidado acumulam funções, são sobrecarregadas pela rotina de cuidado da casa, padecem de pobreza de dinheiro, tempo⁶², precisando anular

⁵⁷ GUIMARÃES, N. A.; VIEIRA, P. P. F. As “ajudas”, p. 14.

⁵⁸ GUIMARÃES, N. A.; VIEIRA, P. P. F. As “ajudas”, p. 14.

⁵⁹ GUIMARÃES, N. A.; VIEIRA, P. P. F. As “ajudas”, p. 10.

⁶⁰ “Parentalização” é o termo utilizado para significar a inversão geracional que se desenvolve no âmbito familiar, onde a criança passa a se encarregar das funções parentais em relação aos próprios pais. Isso acaba amadurecendo a criança precocemente, ultrapassando a razoabilidade das responsabilidades que a mesma pode assumir para colaborar na dinâmica familiar. Isso, junto a um possível comportamento regressivo emocional dos pais, falta de rede de apoio, sobrecarrega a criança com uma responsabilidade pela mediação de conflitos, fortalecimento dos laços familiares, manutenção da paz, e manutenção do lar para evitar estresse e brigas dos pais com ela e entre si. É um tema tratado amplamente no campo psicanalítico e nas terapias familiares. SANABIO, A. G. Filhos parentalizados, p. 1.

⁶¹ “Cuidado como ajuda” também é um trabalho não remunerado. A diferença do trabalho como obrigação está justamente no fato dele não ser de cumprimento compulsório, mas envolver algum tipo de reciprocidade comunitária, podendo esta envolver serviços, favores, presentes, não necessariamente dinheiro. Exemplos: a mãe que trabalha em casa busca o seu filho e o da vizinha que trabalha fora na escola, vizinho que empresta carro ou leva algum familiar em uma emergência hospitalar. GUIMARÃES, N. A.; VIEIRA, P. P. F. As “ajudas”, p. 10.

⁶² MACHADO, R.; FACHIN, P. As mulheres sofrem com níveis elevados de pobreza de tempo, p. 1.

vários aspectos e projetos de suas vidas para serem apenas reagentes mediante às necessidades de outrem, podendo esta necessidade perdurar por anos.

A liquidez das relações domésticas e de cuidado acabam por dificultar a compreensão do que é este trabalho, e sua importância. Quanto mais compreender o seu valor, seja em termos monetários ou em outras formas de troca, maior será a compreensão sobre seus impactos na vida de quem os exerce compulsoriamente. Por isso, dar nomes e esmiuçar estes componentes provenientes da divisão sexual do trabalho pode ser o primeiro passo para se compreender a crise de cuidados, possíveis soluções antropológicas, e também as implicações na espiritualidade dessas mulheres e meninas que cuidam.

2.3

O cuidado na América Latina e particularidades do caso Brasil: perspectivas interseccionais

É importante observar que na América Latina vemos o desenvolvimento de teorias sociais que tentam abarcar as opressões infligidas às pessoas vulnerabilizadas. No caso do Brasil temos nomes como o de Lélia González, Beatriz Nascimento e, atualmente, Sueli Carneiro, Carla Akotirene como pessoas que trabalham múltiplas interseccionalidades, e que buscam dialogar com as realidades existentes na vida das pessoas negras.

A demanda por um pensar interseccional nas teorias feministas surge mediante uma certa universalização do discurso de gênero ocidental que, em geral, produz saberes e reivindicações a partir da experiência branca europeia. Apesar desse recorte obter conquistas importantes para todas as mulheres, como o sufrágio feminino, direito à educação, direitos reprodutivos, liberdades civis, a “identidade feminina” do movimento produzia certo apagamento de outros tipos de diferenças como raça, classe, orientação sexual etc.⁶³

Lélia González manifesta a vontade de inclusão de outras dimensões sociais em seu texto “por um feminismo afro-latino-americano”. Ela propõe um exercício de reflexão da sociedade brasileira acerca do seguimento negro para que ela enxergue as contradições sociais sobre as quais está instituída. González afirma que esse apagamento ou “esquecimento” por parte do feminismo “está no que cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos nós, se encontram em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista da realidade”⁶⁴.

Apesar de não usar necessariamente o termo “interseccionalidade”, Beatriz Nascimento aponta o desenvolvimento histórico de uma hierarquia racial brasileira, estratificada pela relegação de pessoas pretas aos lugares mais baixos dessa

⁶³ OLIVEIRA, A. C. A. Lélia González e o pensamento interseccional, p. 92.

⁶⁴ GONZÁLEZ, L. Por um feminismo Afro-latino-americano, p. 13.

hierarquia no processo de industrialização⁶⁵. Seguindo o raciocínio, ela apresenta as pessoas pretas ocupando os mesmos lugares de serviço e subserviência, sem acessarem os espaços predominadas pelas pessoas de cor mais clara, mantendo assim um processo de dominação, no qual a mulher negra é a expressão mais radical dessa estrutura, pois ainda ocupa os mesmos espaços de trabalho que no tempo colonial⁶⁶.

Sueli Carneiro possui uma frase célebre: “entre a esquerda e a direita, eu sei que eu continuo preta”⁶⁷. A perspectiva interseccional de Sueli fala de uma tríplice discriminação (gênero, raça e classe) para alertar os movimentos feministas brasileiros, a fim de que evitem a negligência, discriminação de outros fatores que compõem a estrutura brasileira, que foi baseada no “mito da democracia racial”⁶⁸. Sueli também alerta para que evitem sustentar uma generalização da “identidade feminina” uniformizando as experiências tendo por base a experiência da mulher branca⁶⁹.

Partindo da ideia de Crenshaw sobre interseccionalidade nas estruturas jurídicas, Carla Akotirene traz a ideia de sistemas de opressão, incluindo as violências cometidas contra mulheres e meninas pretas pelo aparato do Estado. Isso acontece quando o Estado torna a busca por justiça, amparo, saúde e segurança em mais uma situação de violência devido às suas políticas públicas defasadas por desconhecimento da saúde da população negra e pela inoperância dos órgãos públicos⁷⁰. Um dos exemplos de estigmatização trazido por Akotirene está na invalidação das mulheres negras em busca de assistência por serem moradoras de espaços considerados perigosos, de tráfico de drogas, pelo fato de centros de referência serem distantes geograficamente dos territórios vulnerabilizados.⁷¹

⁶⁵ NASCIMENTO, B. A mulher negra no mercado de trabalho, p. 260.

⁶⁶ NASCIMENTO, B. A mulher negra no mercado de trabalho, p. 261.

⁶⁷ CAROS AMIGOS, 2000, capa.

⁶⁸ O “mito da democracia racial” é um termo utilizado para fazer uma crítica à ideia de que existe igualdade racial no Brasil porque ele é um país miscigenado. Lorena Ribeiro explica que o discurso da Democracia Racial ganhou força nos anos 1930, durante o governo de Getúlio Vargas e as políticas culturais da época, junto à repercussão da obra Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre, publicada em 1933. O discurso da Democracia racial, segundo Ribeiro, acabou conformando um pensamento que ainda hoje dificulta o enfrentamento do racismo no Brasil. FERREIRA, A. C. A presença estrangeira na construção do mito da democracia racial no Brasil, p. 1.

⁶⁹ FRATESCHI, Y. O pensamento feminista negro de Sueli Carneiro para além dos reducionismos de classe e gênero, p. 1.

⁷⁰ AKOTIRENE, C. Interseccionalidade, p. 40.

⁷¹ AKOTIRENE, C. Interseccionalidade, p. 40.

A inclusão do elemento racial auxilia não somente a compreender as condições das mulheres brasileiras, mas também a compreender as particularidades do trabalho doméstico brasileiro, que é formado em sua maioria por mulheres e meninas pretas. Ao falarmos do trabalho de cuidado no Brasil, partiremos da premissa que a opressão social é uma opressão racial, pois “classe e raça são analiticamente separáveis, mas na realidade brasileira são indissociáveis”⁷². O Brasil é o país que mais emprega pessoas trabalhadoras domésticas no mundo⁷³. Como dito na introdução deste capítulo, 94% delas são mulheres e 62% dessas mulheres são negras⁷⁴.

É interessante perceber que, por exemplo, o Produto Interno Bruto per capita do Distrito Federal, o maior do país, foi estimado em R\$ 92.732,27 em 2021⁷⁵. A pesquisa Emprego Doméstico, no Distrito Federal, revela em 2016 que 94,4% das pessoas empregadas domésticas são mulheres e, deste total, 80% são negras⁷⁶. É inegável que no Brasil a raça é um componente estruturador desse tipo de trabalho, presente nos ambientes como um forte marcador de desigualdades. Esses dados não refletem a realidade da subnotificação de domésticas, diaristas que não trabalham com carteira assinada, pois não há uma fiscalização do Estado sobre as conjunturas e rearranjos concernentes àquilo que é considerado esfera do privado⁷⁷.

Na sociedade brasileira atual a situação particular é esta: “o trabalho doméstico remunerado no Brasil se constitui em um bem de luxo da sociedade brasileira, herdado dos tempos da escravidão”⁷⁸. A desvalorização social da mulher no Brasil, somada às suas consequências, auxiliam a perpetuar esta atividade como lugar de mulheres e meninas pretas, pobres, com baixa escolaridade, e com mais uma característica peculiar: a junção de trabalho doméstico combinada com assistência à creche. Se a mulher é contratada como doméstica, o cuidado de menores de idade já está incluído em suas responsabilidades; e se contratada como

⁷² OSORIO, R. G. A desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas, p. 11.

⁷³ ALVES, C. C. F. O trabalho reprodutivo sobre o capital, p. 225.

⁷⁴ DIEESE, Trabalho doméstico no Brasil.

⁷⁵ AGÊNCIA BRASÍLIA. Puxado por construção e serviços, PIB do DF cresceu 3% em 2021.

⁷⁶ ALVES, C. C. F. O trabalho reprodutivo sobre o capital, p. 228.

⁷⁷ ALVES, C. C. F. O trabalho reprodutivo sobre o capital, p. 228,229.

⁷⁸ GUIMARÃES, N.; HIRATA, H. El cuidado em America Latina, p. 91.

babá, parte do trabalho doméstico também já está inclusa em suas responsabilidades diárias⁷⁹, sem acréscimo de remuneração por estes serviços.

Com as taxas de natalidade em queda, o aumento da população idosa como tendência é observado em países da Europa, Ásia e também América Latina. Uma “crise de cuidados” tem sido latente sobretudo em tempos atípicos como o da COVID-19, ou dada a vulnerabilidade social de algumas localidades que fazem o trabalho de cuidado se tornar cada vez mais caro e escasso⁸⁰. No Brasil, a crise de cuidados não foi apenas sanitária na pandemia, mas uma conjuntura inserida dentre outras crises socioeconômicas e políticas em curso nos últimos dez anos, que colocam desafios para as práticas de cuidado no Brasil⁸¹.

A realidade da pandemia em 2020 estabeleceu novos rearranjos sociais de cuidado, expondo novas dinâmicas nas relações domésticas de trabalho, as contradições do trabalho de cuidado e até mesmo da economia neoliberal. O relatório *Care Work and Care Jobs for the future of decent work*, da Organização Internacional do Trabalho, diz:

Transformações demográficas, socioeconômicas e ambientais estão aumentando a demanda por trabalhadores de cuidado, muitos dos quais estão presos em empregos de baixa qualidade. Se não forem adequadamente abordados, os déficits atuais no trabalho de cuidado e sua qualidade criarão uma crise global de cuidado severa e insustentável, aumentando ainda mais as desigualdades de gênero no mundo do trabalho⁸².

Com os dados e particularidades do caso Brasileiro, fica cada vez mais evidente que um quadro socioeconômico preocupante está se formando em nível global, com o envelhecimento das populações somados às diminutas taxas de natalidade junto à escassez de trabalho de cuidado. As mulheres, que antes ficavam apenas em casa com as tarefas domésticas e de cuidado não remuneradas, entraram no mercado de trabalho. As mulheres pretas e pobres, que no Brasil são força de

⁷⁹ GUIMARÃES, N.; HIRATA, H. El cuidado em America Latina, p. 108.

⁸⁰ GUIMARÃES, N. A. A “crise do cuidado” e os cuidados na crise, p. 8.

⁸¹ GUIMARÃES, N. A. A “crise do cuidado” e os cuidados na crise, p. 8.

⁸² “Demographic, socio-economic and environmental transformations are increasing the demand for care workers, who are often trapped in low quality jobs. If not addressed properly, current deficits in care work and its quality will create a severe and unsustainable global care crisis and further increase gender inequalities in the world of work.” Tradução da autora. ADDATI, L.; CATTANEO, U.; ESQUIVEL, V. *Care Work and Care Jobs for the future of decent work*, p. 5.

trabalho desde a colonização, continuam em serviços precarizados, mal remunerados, quando não estão também na informalidade com o objetivo de gerar uma renda extra a fim de sustentar suas casas.

Este acúmulo de trabalhos traz sobrecarga, inclusive para as meninas, que geralmente são as pessoas responsabilizadas por suas mães para fazerem as tarefas domésticas e a cuidarem dos irmãos, irmãs, pessoas idosas ou com mobilidade reduzida de suas famílias, caso tenham. Segundo o relatório *Por ser Menina*, da Plan International Brasil, as meninas fazem o dobro de tarefas domésticas que os meninos⁸³. Enquanto elas necessitam, muitas das vezes, conciliar a responsabilidade do cuidado do lar com os seus estudos, os meninos possuem maior tempo para desenvolver habilidades e praticar atividades de lazer fora do âmbito doméstico⁸⁴. Isso exemplifica que as premissas sociais da Divisão Sexual do Trabalho já incidem sobre a vida de mulheres e meninas, antes mesmo de suas buscas pessoais por estudos, lazer e carreira.

O trabalho doméstico não remunerado é o maior subsídio à economia⁸⁵, se fosse contado em valor monetário, representaria 13% do PIB mundial⁸⁶. Por que um trabalho tão essencial continua sendo invisibilizado pela sociedade? A não visão de sua importância incide em uma não provisão de melhorias e benefícios para as cuidadoras, o que poderia ocasionar uma crise de cuidados. Dada a situação em que nos encontramos enquanto sociedade “pós-pandêmica”, é inadmissível que esse tipo de relação tradicional com o trabalho doméstico e de cuidado continue, às custas da vida e saúde de muitas mulheres e meninas que sustentam o sistema financeirizado mesmo sem produzir lucro direto.

As justificativas para a manutenção desse *status quo* em sociedades ocidentais, e ocidentalizadas como o Brasil, muitas das vezes são dadas culturalmente através do apelo para uma “diferença biológica”, “habilidade natural” para o cuidado atribuída “por Deus” às mulheres. Existem alguns discursos, inclusive políticos conservadores como os da bancada evangélica do Congresso

⁸³ PLAN INTERNATIONAL BRASIL, *Por ser menina*, p. 8.

⁸⁴ PLAN INTERNATIONAL BRASIL, *Por ser menina*, p. 41.

⁸⁵ Em paridade com poder de compra. Ver THINK OLGA, *Economia do Cuidado*, p. 1.

⁸⁶ THINK OLGA, *Economia do Cuidado*, p. 1.

Nacional brasileiro, por exemplo, que incidem diretamente nessa forma de sacralização da divisão sexual do trabalho.

Essa bancada evangélica apela para uma autopromoção e busca de apoio da população brasileira, em sua maioria cristã, na tentativa de se manter no poder como os representantes do povo incumbidos de preservar a “essência da família tradicional”⁸⁷. Agem por meio de um pânico moral gerado por um medo de uma dissolução total dos papéis de gênero convencionais, e como Miguel afirma:

O pânico moral é ferramenta para promover uma mobilização rápida, apaixonada e imune ao debate. Afinal, os “valores” são entendidos como o fundamento de nosso eu; aceitar o questionamento deles é desestabilizar quem nós somos. A reação é altamente emocionalizada; a ameaça, percebida como iminente e devastadora, exige uma resposta contundente, não ponderação ou conversa⁸⁸.

O medo de um “marxismo cultural” resultante de pânico moral engendrado pela extrema-direita, apoiado por parte da população brasileira, não apenas impede setores da população de exercerem seus direitos civis e garantias na medida das desigualdades em que estão inseridas, como também se torna um forte motor do capitalismo ao reafirmar esses “papéis de homem e papéis de mulher” com medo de seu desaparecimento.

A extrema-direita milita apelando para uma junção de afirmações religiosas para corroborar que os “papéis” de “homem provedor” e “mulher cuidadora” são definidos pela biologia⁸⁹. Isso é defendido inclusive por mulheres que se afirmam como antifeministas, defensoras da “naturalidade feminina para ser do lar”, mas que, contraditoriamente, ocupam espaços de poder na esfera pública⁹⁰.

O pânico moral como estratégia política busca defender uma agenda sobre performances de gênero como se o papel de homem e mulher estivessem apenas ligados a uma forma individual de ser e estar no mundo⁹¹. Qualquer tipo de suspeita levantada sobre a incidência dessas performances de estarem diretamente ligadas à

⁸⁷ RABELO, C. Em sessão solene, deputados defendem conceito tradicional de família, p. 1.

⁸⁸ MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita, p. 6.

⁸⁹ MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita, p. 7.

⁹⁰ MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita, p. 8.

⁹¹ MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita, p. 9.

uma perpetuação de abusos, violência contra mulheres e meninas é, na verdade, lida como “ataque e destruição das tradições”⁹².

Um dos motes utilizados pela extrema-direita além do que chamam de “defesa da família tradicional” é o “combate à corrupção” e a “movimentação da economia”⁹³. A luta política que visa garantir direitos fora desse eixo conservador é considerada “secundária”, “identitarismo”, uma “onda globalista” que precisa ser aniquilada⁹⁴. Uma questão importante é que esse “papel” de homem e mulher não está restrito à esfera privada, eles são utilizados pelo capital para mascarar sua exploração das mulheres e meninas ao usufruírem diretamente de seu trabalho de cuidado não remunerado e ininterrupto.

Há um grande problema quando a defesa religiosa da vida despreza, em termos materiais, a própria vida. Esse desprezo existe e é composto pelo apagamento das realidades e violências em geral, e no caso do panorama brasileiro, o apagamento também acontece contra mulheres e meninas com requintes de crueldade religiosa⁹⁵. Porquanto, para a extrema-direita brasileira, a manutenção do *status quo* e da supremacia da formação da família nuclear moderna parece mais importante que a qualidade de vida de seus integrantes, principalmente se forem mulheres e meninas.

Essa defesa política simplista da vida e da utilidade da mulher enquanto ser com “peito, útero, ovário e trompas, para gerar”⁹⁶, não se permite ver que a situação da mulher no Brasil não se trata apenas de uma questão de identidade biológica. Mas consiste em um quadro complexo de violência e vulnerabilidades que encontram apoio no Capital que, por sua vez, depende do modelo da família nuclear para gerar mão-de-obra e lucro para os seus trabalhos, sem ter que oferecer subsídios para a saúde e manutenção dessa família, além de empregos e serviços precarizados.

⁹² MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita, p. 9.

⁹³ MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita, p. 9.

⁹⁴ O termo “onda globalista” foi utilizado pelo primeiro-ministro da educação empossado no governo Bolsonaro (2018-2022) Ricardo Vélez Rodríguez, com o intuito de se posicionar em seu discurso contra o que ele chamou de “marxismo cultural”, uma ideia propagada entre a extrema-direita para falar de uma ameaça comunista que estaria dominando a educação brasileira. MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita, p. 9.

⁹⁵ MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita, p. 11.

⁹⁶ MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita, p. 7.

A religiosidade cristã brasileira que restringe gênero a performances sexuais não se atenta para a real situação do trabalho doméstico e de cuidados, e também não enxerga que ele exige de forma caríssima o tempo, e violenta a saúde física, mental e, também, espiritual das mulheres e meninas. Desse modo, essa religiosidade segue, como corroboradora de políticas neoliberais, anarcocapitalistas, acirrando as desigualdades, gerando contradições e criando conspirações para se manterem no poder⁹⁷ de forma inquestionável.

No próximo capítulo trataremos das incidências da responsabilidade coletiva que o cuidado exige na vida de quem cuida e de quem é cuidado, e em como ele é um lugar de possibilidades, inclusive de profunda experiência espiritual. Suas dimensões sociais, existenciais e espirituais precisam estar encarnadas na espiritualidade cristã.

⁹⁷ MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita, p. 12.

3

Cuidado: lugar da “vocação” visível e da autoridade invisível

3.1

O cuidado como lugar marginalizante de mulheres e meninas

No capítulo anterior trouxemos para apresentação e reflexão a chamada Economia do Cuidado, os trabalhos e pessoas atuantes dessa economia, alguns dados e conceitos introdutórios que auxiliam a entendê-los e escancaramos a seguinte realidade: mulheres e meninas são as protagonistas do trabalho doméstico e de cuidado não remunerado⁹⁸. E, no Brasil, as mulheres e meninas negras são os rostos preponderantes nesse tipo de trabalho⁹⁹.

Além das citadas dificuldades socioeconômicas que são consequências diretas desse tipo de atividade não remunerada como, por exemplo, a precarização do trabalho, a exposição à miséria, a pobreza de tempo¹⁰⁰, falaremos neste primeiro tópico sobre como os excessos de tarefas e afazeres domésticos não remunerados também estão diretamente associados aos transtornos mentais e adoecimento físico de mulheres e meninas¹⁰¹, fatores alarmantes que podem contribuir massivamente para a “crise de cuidados”.

Nancy Fraser desenvolve a ideia de que a crise de cuidados é, na verdade, uma expressão das contradições socio reprodutivas do capitalismo

⁹⁸ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT), *Care at Work*, p. 40.

⁹⁹ BRASIL, *As mulheres negras no trabalho de cuidado*, p. 4.

¹⁰⁰ BRASIL, *As mulheres negras no trabalho de cuidado*, p. 4.

¹⁰¹ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT), *Care at Work*, p. 40.

financeirizado¹⁰². Fraser enfatiza a complexidade dessa “crise” como parte de uma crise geral que não pode ter suas dimensões como, por exemplo, a econômica, a ecológica, observadas de forma independente. Para Fraser, o olhar fragmentado sobre as crises acarreta no risco de invisibilização e negligência do que é a reprodução social para a sociedade e seus aspectos essenciais¹⁰³.

Com o olhar sobre o Brasil, América Latina e Caribe, Nadya Guimarães, por sua vez, chama as consequências da marginalização que o ato de cuidar impõe às meninas e mulheres de “longeva crise do cuidado que, aqui, assume antes a forma de uma longa crise de reprodução social do que um simples e recente ‘déficit de cuidado’”¹⁰⁴. No Brasil essa crise é estabelecida sobre estruturas muito antigas, como as desigualdades de classe, gênero e raça que permanecem presentes na sociedade mesmo com as mudanças de governos, rearranjos sociais, regimes econômicos no avançar dos anos.

Em 1974 foi lançado o livro *Housewife: high value, low cost* escrito pela socióloga britânica Ann Oakley¹⁰⁵. Esse trabalho foi pioneiro ao abordar a ligação direta entre a sobrecarga de trabalho doméstico e os transtornos mentais e doenças físicas. No Brasil, Pinho e Araújo demonstram que entre os problemas de saúde mais comuns podemos destacar a ansiedade, humor depressivo, insônia, distúrbios alimentares e de sono, sintomas psicofisiológicos¹⁰⁶.

Além das doenças adquiridas ao longo de suas vidas, esse trabalho não permite que as mulheres e meninas tenham uma vida menos limitada para estudar, trabalhar, cuidar um pouco de si, descansar. O trabalho doméstico e de cuidado as deixa à mercê da instabilidade de um trabalho informal, do sustento de outras pessoas na casa, inclusive, de pais, de parceiros violentos, às submetem ao desamparo de não ter uma aposentadoria digna, tampouco condições financeiras de providenciarem uma pessoa cuidadora para as auxiliarem.

Infelizmente algumas dessas mulheres e meninas só encontram na morte física a recompensa pelas suas dedicações, pois em vida foram assassinadas

¹⁰² FRASER, N. In.: BHATTACHARYA, T. Teoria da Reprodução Social, p. 46.

¹⁰³ FRASER, N. in. BATTACHARYA, T. Teoria da Reprodução Social, p. 46.

¹⁰⁴ GUIMARÃES, N. A. A “crise do cuidado” e os cuidados na crise, p. 14.

¹⁰⁵ BONNEY, N.; REINACH, E. Housework reconsidered, p. 1.

¹⁰⁶ PINHO, P. de S.; ARAÚJO, T. M. de. Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres, p. 561.

socialmente pelo Estado, pelas pessoas mais próximas e pela sociedade. É o que ocorrências como as noticiadas em Alagoas e Minas Gerais expõem: na cidade de São José da Tapera (AL) uma criança autista de seis anos foi resgatada em estado de choque e levada ao hospital pela polícia militar¹⁰⁷. Ela estava há pelo menos três dias ao lado do cadáver de sua mãe, que faleceu provavelmente por causas naturais. A polícia foi acionada pelos vizinhos que, pelo mau odor vindo da casa onde elas viviam, suspeitaram de algo grave.

O padrão se repetiu em São Sebastião do Paraíso (MG)¹⁰⁸. A criança, por sua vez, ficou com a mãe morta em casa por doze dias. O irmão da mulher viu que ela não entrava em contato há um bom tempo com sua família e foi procurá-la em sua casa. Achou a irmã morta no quarto e o sobrinho na cozinha, sem saber como expressar o que houve provavelmente por ser uma criança não-verbal. A polícia trabalhou com a hipótese de suicídio, mas a perícia confirmou a morte por infarto do miocárdio.

Por último, citaremos o caso cujas lágrimas sobre ele geraram a indignação última que resultou nesta pesquisa: em Uberlândia (MG), Ilza Maria Assunção, 56 anos, estava sem se comunicar com a família por um tempo. Um de seus irmãos foi até sua casa e a encontrou caída no chão e morta, e seu sobrinho Breno dos Reis, 19 anos, também morto¹⁰⁹. A polícia militar, civil e bombeiros foram acionados. Ilza tinha passado recentemente por procedimento cirúrgico do coração, e provavelmente faleceu por problemas cardíacos. Breno era tetraplégico, usava medicação constante e provavelmente morreu tempos depois, pela falta de cuidados, sede e inanição.

Isso nos leva à segunda pergunta que nos desafia enquanto pessoas possuidoras da dimensão espiritual enquanto seres que são humanos¹¹⁰: A relação entre a sobrecarga de cuidados e doenças mentais, físicas está presente nos estudos acadêmicos há pelo menos cinquenta anos. Por que na prática esta sobrecarga continua? Por que a sociedade não vê esse adoecimento e não tem compaixão por

¹⁰⁷ LEÃO, V. Mãe morre e criança passa dias trancada com o corpo em casa até ser resgatada em AL, p. 1.

¹⁰⁸ GARCIA, L. Criança autista fica 12 dias fechada dentro de casa com a mãe morta, p. 1.

¹⁰⁹ LEMOS, V. Mãe e filho com deficiência são encontrados mortos dentro de casa, p. 1.

¹¹⁰ Afirmativa a partir da ideia de dimensão espiritual conduzida por Edith Stein em seu livro *Ato e Potência* (1931).

essas mulheres enquanto estão vivas? Ao contrário, o que vemos de resposta a essas perguntas na cultura brasileira, por exemplo, são apenas os títulos dados a elas como “guerreiras”, “batalhadoras”, “mães especiais” etc.¹¹¹

A aparente “solução” da sociedade diante de uma crise de cuidados, cada vez menos latente, tem sido, culturalmente, dar paz mental a si colocando-as em um lugar sacrificial, supra-humano, desumanizante, romantizando o sofrimento, a falta de rede de apoio, falta de solidariedade e, conseqüentemente, invisibilizando o sofrimento dessas mulheres e meninas¹¹². O trabalho de cuidado, graças a um certo endeusamento do materno, uma sacralização da figura da mulher-mãe, isola mulheres e meninas em um pedestal de morte e abandono:

É importante entender que, com isso, a questão que deveria ser tratada em âmbito coletivo fica como responsabilidade das famílias *especiais*, mais especificamente das mães, que são vistas como lutadoras e guerreiras, e que fazem tudo pelos seus filhos, quando a realidade é que deveria existir uma sociedade que lutasse por elas e que defendesse políticas públicas e sociais de acessibilidade e inclusão¹¹³.

Sueli Marques Rosa, ao tratar da relação entre religião e deficiência física para mães de crianças com paralisia cerebral, apresenta não apenas com riqueza de detalhes os dados a respeito de como essas mães encaram suas situações e de suas crianças – inclusive de pontos de vista religiosos ou arreligiosos – mas também o processo de como acontece essa internalização de papéis como uma forma de sobrevivência:

A internalização de papéis ao saberem-se mães de uma criança com Paralisia Cerebral pôde ser observada como um processo de difícil modificação de hábitos e redefinição de condutas, imposto pela situação na qual inesperadamente se encontraram; o desequilíbrio entre as necessidades objetivas e subjetivas é claramente notado. A justificativa por não se desvencilharem deste papel mostra resignação, que pode ser observada através da dificuldade de dialogar com o papel assumido. Estas mães tentam desempenhar corretamente o papel que lhes foi imposto e que é totalmente legitimado pela sociedade, não apresentando, porém, capacidade para confrontá-lo, pois, caso o quisessem, não teriam condições materiais ou não receberiam o apoio necessário¹¹⁴.

Aquilo que Rosa chama de “teoria dos papéis”, que afirma a existência de uma imposição de modelos de desempenho pré-definidos para uma conduta,

¹¹¹ DIAS, F. M.; BERGER, S. M. D.; LOVISI, G. M. Mulheres guerreiras e mães especiais?, p. 14.

¹¹² AMARANTE, S. Mulher, p. 1.

¹¹³ DIAS, F. M.; BERGER, S. M. D.; LOVISI, G. M. Mulheres guerreiras e mães especiais?, p. 14.

¹¹⁴ ROSA, S. M. A relação entre religião e deficiência física para as mães de crianças com paralisia cerebral, p. 58.

performance individual dentro da sociedade¹¹⁵, encontra adequação à justificação do sofrimento na interpretação cristã, ao oferecer um sentido maior, reafirmando valores significativos da religião e o poder dessa visão de mundo que pode interferir na forma em como o ser humano enxerga sua existência, denominando assim uma teodiceia¹¹⁶.

Está aí mais uma motivação que explica o porquê da situação de mulheres, sejam mães com crianças com deficiências específicas, sejam mulheres e meninas que cuidam de uma casa e do sustento de suas famílias sem atipicidades serem sublimadas, espiritualizadas, beatificadas. A sublimação da sociedade do capital que impõe a essas mulheres e meninas condições esmagadoras de subsistência inaceitáveis de um ponto de vista material, do ponto de vista cultural também passa um verniz religioso em tons de ouro sobre as feridas e necessidades delas.

É importante salientar que muitas mulheres, meninas, mães, aceitam essas titulações para ressignificarem suas experiências, a fim de se fortalecerem, trazer valor às suas lutas e gerar resiliência para continuarem nelas e isso é uma atitude válida¹¹⁷. Porém, isso não significa que o afeto desprendido por elas ao abdicarem da própria existência para suprir as necessidades de todas as pessoas em sua volta deve ser recompensado com rótulos, mas com políticas públicas e direitos, pois, em uma sociedade como a brasileira, o cuidado integra “um sistema de produção e reprodução de desigualdades sociais estruturais”¹¹⁸.

Quando se questiona quais elementos materiais, históricos, culturais, subjetivos, políticos estão interligados na produção dessa afirmação sacral do materno, do cuidar como “essencialmente” feminino, o cristianismo historicamente não fica apartado. Tsallis e Ferreira, dissertando sobre o conceito de sacrifício, afirmam que “é curioso que esse modo de operar cristão encontre nas mulheres-mães um solo tão fértil para ser colocado em funcionamento”¹¹⁹.

¹¹⁵ ROSA, S. M. A relação entre religião e deficiência física para as mães de crianças com paralisia cerebral, pp. 56,59.

¹¹⁶ A Teodiceia é, de forma bem resumida, uma forma de explicar a situação do mal e do sofrimento no mundo conciliada com a existência de uma divindade criadora de bem. ROSA, S. M. A relação entre religião e deficiência física para as mães de crianças com paralisia cerebral, pp. 59-63.

¹¹⁷ DIAS, F. M.; BERGER, S. M. D.; LOVISI, G. M. Mulheres guerreiras e mães especiais?, p. 13.

¹¹⁸ DIAS, F. M.; BERGER, S. M. D.; LOVISI, G. M. Mulheres guerreiras e mães especiais?, p. 16.

¹¹⁹ PEREIRA, L. C.; TSALLIS, A. C. Maternidade versus sacrifício, p. 10.

Por isso, a narrativa que, além de atribuir culturalmente às mulheres e meninas o ato de cuidar, também o descola da humanidade é nociva a elas em sua saúde, e tal atitude reflete também sobre suas espiritualidades. Tsallis e Ferreira fazem um questionamento pertinente: “Ora, ‘teorias’ que propõem saídas individualizantes focadas nas mulheres-mães contribuem em que na mudança da condição feminina na sociedade?”¹²⁰ A solução para a crise de cuidados não está na individualização ou terceirização do trabalho doméstico de cuidado, muito menos remodelado como exclusividade ministerial do feminino.

A individualização da responsabilidade pelo cuidado e a sobrecarga inerente a esse movimento pode criar em mulheres e meninas uma imagem distorcida de si que, inclusive, pode atrapalhar em seus relacionamentos consigo mesmas, com Deus e com as pessoas. Uma mulher, menina negligenciada, isolada pelas rotinas domésticas e de cuidado, pobre de tempo, gasta muito de sua vida tentando sobreviver¹²¹. Sua existência é resumida em ser assistência ininterrupta às necessidades de outrem, onde o “tempo para si” se torna um bem fictício e distante da realidade.

A rotina dessas mulheres e meninas, que também pode estar aliada a um trabalho formal ou informal, impede a busca por tratamentos de saúde e aumenta o risco de doenças, pois estes necessitam de certa regularidade e dedicação dependendo da enfermidade¹²². A pobreza de tempo também pode levar, além de uma menor participação da vida pública, ao afastamento dos locais de tomada de decisão comuns à sociedade, a maus hábitos como sedentarismo, alimentação não saudável, automedicação, impedimento de acesso ao lazer, cultura¹²³.

E, como a espiritualidade é uma dimensão que compõe a vida humana, é uma parte que, nas mulheres e meninas, também sofre negligência por todo esse ônus imputado pela sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado. Pois, ao invés das mulheres e meninas terem seus sofrimentos visibilizados e acolhidos pelo corpo de

¹²⁰ PEREIRA, L. C.; TSALLIS, A. C. Maternidade versus sacrifício, p. 9.

¹²¹ MACHADO, R. As mulheres sofrem com elevados níveis de pobreza de tempo, p. 1.

¹²² NETO, A. C. de O. Pobreza de tempo, a nova doença feminina, p. 1.

¹²³ NETO, A. C. de O. Pobreza de tempo, a nova doença feminina, p. 1.

um Cristo que é capaz de aliviar os seus fardos¹²⁴, seus sofrimentos passam a ser justificáveis teologicamente no cristianismo.

Essas justificativas fluem, seja por meio da igreja que considere sua visão “mundial, dogmática, eurocentricamente nivelada e tranquila”¹²⁵, incapaz de voltar-se para o sofrimento humano ao preocupar-se apenas com a salvação das almas dessas mulheres e meninas; ou então, por meio dessa romantização da sobrecarga feminina sob o manto de uma “alegria produtiva” que mais conversa com as necessidades neoliberais de manutenção de um status quo hegemônico que o seguimento de Jesus Cristo.

Silvia Federici aponta como as estruturas socioeconômicas do capitalismo se aproveitam do trabalho doméstico não remunerado:

O movimento WfH identificou a “trabalhadora doméstica” como o sujeito social crucial na premissa de que a exploração do seu trabalho não remunerado e as relações desiguais de poder construídas sobre a sua condição de não remuneração foram os pilares para a organização capitalista de produção.¹²⁶

Federici cita a campanha WfH “*Wages for Housewives*” (salários para donas de casa, tradução da autora) como um movimento que ousou pensar a mulher fora da lógica de reprodução social em uma sociedade sexualmente dividida. Não apenas isso, o movimento também revela através de extensas produções acadêmicas como o livro “Calibã e a Bruxa” que, sem a divisão sexual do trabalho, sequer seria possível a existência do capitalismo¹²⁷.

É importante salientar que Federici, em momento algum, deixa de citar a importância do colonialismo, escravidão e *plantations* que nutriam a Europa para o surgimento do capitalismo, pois essas estruturas pressupuseram um modelo administrativo de linha de produção, produção para exportação, uso futuro da imigração, do trabalho de pessoas escravizadas e seu uso para reprodução da força de trabalho¹²⁸. O que Federici argumenta é que neste contexto germinava uma nova forma de exploração da classe trabalhadora que, com as revoluções industriais,

¹²⁴ Mt 11,28.

¹²⁵ METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 16.

¹²⁶ FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa*, p. 32.

¹²⁷ FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa*, p. 207.

¹²⁸ FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa*, p. 208.

virou assalariada, mas ainda dependente da escravidão em sua forma de baratear a mão de obra, e controle do assalariado e de sua reprodução¹²⁹.

Desse modo, fica provado que, apesar da ideia de empoderamento feminino atrelada à entrada de mulheres no mercado de trabalho, esse não se prepara para de fato absorver o feminino e suas complexidades. Tampouco dá alternativas humanizadas de acesso. Na verdade, o mercado do capital globalizado promove, desses modos, a feminização da pobreza¹³⁰ e o adoecimento físico, emocional de mulheres e meninas culminando em sua marginalização.

¹²⁹ FEDERICI, S. Calibã e a Bruxa, p. 209.

¹³⁰ FEDERICI, S. Calibã e a Bruxa, p. 137.

3.2

O cuidado como lugar de autoridade

“Nenhum ser humano tem o direito de justificar essa infelicidade dos outros”¹³¹. Essa máxima do teólogo público alemão Johann Baptist Metz principia seu percurso pedagógico-teológico, no qual discorre sobre o que ele intitula de “autoridade dos sofredores”¹³². Esse princípio é fundamental para compreendermos a necessidade urgente de visibilizar as diversas violências e micro agressões às quais mulheres e meninas são submetidas diariamente.

Além disso, quando somamos a essas violências àquelas resultantes da divisão sexual do trabalho, torna-se possível compreender que sequer na divisão do trabalho doméstico e de cuidado mulheres e meninas encontram um lugar de segurança, apoio e amparo. Estão fadadas a um sofrimento que não deveria ter sido legitimado pela sociedade, nem embasado por religiões.

Através da constatação material das explorações e violências dirigidas às mulheres e meninas, e as visíveis consequências na saúde física e mental delas, vemos quão necessária é uma hermenêutica de suspeita sobre a realidade feminina¹³³. Inclusive, pelo fato dessas realidades femininas serem possíveis com aceitação da religião cristã. Sobre essa perspectiva, Ivone Gebara ressalta a importância do exercício da suspeição sobre as realidades da vida e do feminino, não apenas frente às teologias cristãs, mas também aos monoteísmos. Segundo Gebara:

As antropologias monoteístas sempre guardaram um fundo abstrato de igualdade e uma base histórica concreta de desigualdade e de hierarquias entre grupos e pessoas. E como o ser perfeito, Deus, que está na base dessas elaborações nunca pode ser igualado nem totalmente assimilado aos seres mortais, sob o risco de perder sua transcendência, então a desigualdade ontológica persiste quase como um fundamento antropológico. Daí em diante, a culpa de não se ser perfeito, ou a culpa de não ser o que Deus quer de nós tornou-se o tormento de muitos fiéis, sobretudo das mulheres.¹³⁴

¹³¹ METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 16.

¹³² METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 21.

¹³³ GEBARA, I. *O que é teologia feminista*, p. 22.

¹³⁴ GEBARA, I. *O que é teologia feminista*, p. 22.

Falando em termos materiais, essa culpa do não-ser o que Deus quer de nós foi retroalimentada por milênios no ocidente e regiões ocidentalizadas pelo discurso cristão. A patrística foi um período essencial para o estabelecimento de uma igreja oficial, que decidiu sobre seu credo, ritos e concílios. Ao mesmo tempo, temos alguns escritos e interpretações como os de S. Jerônimo, S. Agostinho, Tertuliano como verdadeiras sementes cristianizadas de medo e ódio às mulheres. Segundo Jerônimo, por exemplo:

Ele [apóstolo Paulo] não disse: ‘é bom não ter uma esposa’, mas: ‘é bom não tocar em mulher’ como se até o toque trouxesse perigo. Como se aquele que foi tocado por ela não escapasse da que “caça a vida preciosa” e faz com que o entendimento do jovem fuja.¹³⁵

Agostinho, por exemplo, questionando a função da mulher para além da procriação, escreveu:

Se a mulher não foi criada para ajudar o homem na geração de filhos, para quê foi criada? Se fosse para trabalhar a terra, ainda não existia trabalho que necessitasse de ajuda, e se precisasse melhor seria a ajuda de um varão. O mesmo se pode dizer de companhia, caso a solidão o afligisse. Pois, quanto mais conveniente não seria a companhia de dois amigos para conviver e conversar, do que a companhia de um homem e uma mulher? Mas, se conviesse que um comandasse e o outro obedecesse para evitar que vontades opostas perturbasse a paz entre os que vivem juntos, a ordem poderia ser mantida, considerando que um foi criado primeiro e o outro depois, especialmente se o último foi feito a partir do primeiro, como ocorreu com a mulher. Ou alguém dirá que Deus não poderia, se quisesse, criar outro homem a partir da costela do primeiro, em vez de uma mulher? Portanto, não encontro nenhuma outra razão para a criação da mulher, além da de gerar filhos.¹³⁶

O texto de Tertuliano mais conhecido que expõe a problemática relação com o sujeito feminino é *De Cultu Feminarum* (sobre a moda feminina):

A sentença de Deus sobre o teu sexo permanece nesta era: a culpa, por necessidade, também deve permanecer. Tu és a porta de entrada do diabo; tu és quem abriu a árvore (proibida); tu foste a primeira a abandonar a lei divina; foste tu quem

¹³⁵ “Non dixit, bonum est uxorem non habere: sed, bonum est mulierem non tangere: quasi et in tactu periculum sit: quasi qui illam tetigerit, non evadat, quae facit adolescentium evolare corda”. (Tradução da autora) JERÔNIMO, *Adversus Jovinianum Libri Duo*, p. 229.

¹³⁶ “Aut si ad hoc adiutorium gignendi filios, non est facta mulier viro, ad quod ergo adiutorium facta est? Si quae simul operaretur terram; nondum erat labor ut adiumento indigeret, et si opus esset, melius adiutorium masculus fieret: hoc et de solatio dici potest, si solitudinis fortasse taedebat. Quanto enim congruentius ad convivendum et colloquendum duo amici pariter quam vir et mulier habitarent? Quod si oportebat alium iubendo, alium obsequendo pariter vivere, ne contrariae voluntates pacem cohabitantium perturbarent; nec ad hoc retinendum ordo defuisset, quo prior unus, alter posterior, maxime si posterior ex priore crearetur, sicut femina creata est. An aliquis dixerit de costa hominis Deum feminam tantum, non etiam masculum, si hoc vellet, facere potuisset? Quapropter non invenio ad quod adiutorium facta sit mulier viro, si pariendi causa subtrahitur.” (Tradução da autora) AGOSTINHO, *De Genesi Ad Literam Libri Duodecim*, p. 1.

persuadiu aquele a quem o diabo não teve coragem de atacar. Tu destruíste com facilidade a imagem de Deus, o homem. Por tua causa – isto é, por causa da morte – até mesmo o Filho de Deus teve que morrer. E ainda pensas em te adornar além das tuas vestes de peles? ¹³⁷

No medievo, vemos o medo da mulher sendo refinado ao observarmos a estrutura das discussões teológicas, exegéticas, morais, homilias. Como bem disse Delumeau, “o medo da mulher não é invenção dos ascetas cristãos. Mas é verdade que o cristianismo muito cedo o integrou e em seguida agitou esse espantalho até o limiar do século XX”. ¹³⁸ O controle dos corpos e da culpa era algo normalizado na cristandade. O medo foi instrumento que não só ajudou o cristianismo histórico a controlar a sociedade, mas também preparou a cultura ocidental para as revoluções industriais que necessitavam de divisões parcelares, sexuais de trabalho, hierarquias.

Em uma de suas pregações, por exemplo, o missionário franciscano Bernardino de Siena abordou a questão com as seguintes palavras:

É preciso varrer a casa? – Sim. – Sim. Faze-a varrê-la. É preciso lavar de novo as tigelas? Faze-as lavá-las. É preciso peneirar? Faze-a peneirar, faze-a então peneirar. É preciso lavar a roupa? Faze-a lavá-la em casa. – Mas há a criada! – Que haja a criada. Deixa fazer a ela [a esposa], não por necessidade de que seja ela que o faça, mas para dar-lhe exercício. Faze-a vigiar as crianças, lavar os cueiros e tudo. Se tu não a habituas a fazer tudo, ela se tornará um bom pedacinho de carne. Não lhe deixes comodidades, eu te digo. Enquanto a mantiveres atenta, ela não permanecerá à janela, e não lhe passará pela cabeça ora uma coisa, ora outra. ¹³⁹

É importante lembrar que, embora durante o período medieval tenha ocorrido uma exaltação de Maria e expansão do culto mariano, e a criação de pedestais poéticos nos quais os trovadores idealizavam suas amadas, a mulher real continuou a ser tratada como um objeto inserido em uma teia de significados complexos. A exaltação da Virgem Maria teve como contrapartida a desvalorização da sexualidade ¹⁴⁰. As mulheres alvos do amor cortês dos poetas eram divinizadas, beatificadas, apresentadas como seres ideais e inalcançáveis ¹⁴¹. Isso demonstra que,

¹³⁷ “Viuit sententia Dei super sexum istum in hoc saeculo: uiuat et reatus necesse est. Tu es diaboli ianua; tu es arboris illius resignatrix; tu es diuinae legis prima desertrix; tu es quae eum suasisti, quem diabolus aggredi non ualuit; tu imaginem Dei, hominem, tam facile elisisti; propter tuum meritum, id est mortem, etiam filius Dei mori habuit: et adornari tibi in mente est super pelliceas tuas tunicas?” (Tradução da autora) TERTULIANO, *De Cultu Feminarum*, p.1.

¹³⁸ DELUMEAU, J. O pecado e o medo, p. 468.

¹³⁹ DELUMEAU, J. O pecado e o medo, p. 477.

¹⁴⁰ DELUMEAU, J. O pecado e o medo, p. 475.

¹⁴¹ DELUMEAU, J. O pecado e o medo, p. 475.

apenas falar do feminino a partir do medo ou apenas de um ideal moldado, sem considerar suas realidades e reivindicações, pode produzir e reproduzir nebulosas percepções que contribuem para a continuidade da opressão de mulheres e meninas.

Por isso, podemos inferir que a aceitação cultural sobre o controle dos meios de produção e reprodução exercido pelo feudalismo, escravidão e, posteriormente, pelo capitalismo foi “naturalizada” com anuência da religião cristã. As narrativas sobre “mulheres perigosas”, portas de entrada do mal no mundo, somadas às mais diversas formas de existência feminina que necessitavam de uma rotina de drásticas reprimendas, incutiram cada vez mais uma ideia de papéis sob a quais homem e mulher¹⁴² deveriam se conformar para “restabelecer a ordem”, “redimi-la”¹⁴³.

Essa naturalização e cristalização dos papéis de gênero foi bem-sucedida a ponto de relatos como o de Saffioti apontarem o fenômeno social de mulheres e meninas que sofrem, são violentadas, sobrecarregadas, e, mesmo assim, muitas delas entendem o fato de estarem sujeitas a essas condições como imperativo moral de seu gênero¹⁴⁴.

Inclusive, movimentos antifeministas como o *Trad Wife*¹⁴⁵ tem viralizado em redes sociais como o *TikTok*¹⁴⁶ e valorizado a família nuclear ocidental informando erroneamente que o modelo ocidental adotado atualmente é o tradicional (em um sentido de certo “resgate” da família contra costumes considerados “modernos”) sendo que este modelo familiar, em termos materiais, é produto da modernidade¹⁴⁷.

¹⁴² O texto resume aqui homem e mulher ao sexo biológico, levando em consideração que o raciocínio ocidental apresentado foi construído a partir de uma preconceção identificada atualmente como heteronormativa.

¹⁴³ Este pensamento está documentado tanto em teorias sociológicas consideradas clássicas como Durkheim (Família e Sociedade), Engels (A origem da família, da propriedade privada e do Estado) com formas embrionárias, e em teorias sociológicas feministas como Federici (O Ponto Zero da Revolução), Saffioti (Gênero, Patriarcado, Violência) com uma abordagem interseccional e pós-capitalista.

¹⁴⁴ SAFIOTTI, H. Gênero, Patriarcado, Violência, p. 37.

¹⁴⁵ Segundo a criadora de conteúdo Estee Williams, “Trad Wife (abreviação da expressão “esposa tradicional” em inglês) é uma mulher que prefere assumir um papel tradicional ou ultra tradicional no casamento, incluindo a crença de que o lugar da mulher é em casa”. PEREIRA, G. A.; ABRÃO, J. A. de M. Trad Wife, p. 2.

¹⁴⁶ Vale salientar a capacidade de popularização de conteúdos que a rede social TikTok contém. Fato esse que é aproveitado pela extrema-direita ao trazer para sua agenda a manifestação das esposas tradicionais para se tornar cada vez mais popular entre os mais jovens. É necessário também informar que a popularização do movimento *Trad Wife* também tem sido atrativa, cujos números grandes de visualizações transformaram essa teoria de controle de corpos femininos em uma mercadoria lucrativa. PEREIRA, G. A.; ABRÃO, J. A. de M. Trad Wife, p. 4.

¹⁴⁷ FEDERICI, S. O ponto zero da revolução, p. 77.

A família nuclear moderna, ao contrário do que o movimento *Trad Wife* tenta propagar, não foi um “projeto original”, espaço de união, partilha e amor incondicional. Segundo Federici, foi uma estrutura moldada pelas relações de poder com o advento do capitalismo industrial¹⁴⁸. Foi uma estratificação social apoiada para gerar novas forças de trabalho e que coloca as mulheres e meninas em um “trabalho oculto”.¹⁴⁹ A desmistificação dos “papeis de homem e de mulher” na sociedade é importante para questionar as consequências que essa estratificação social tem acometido às mulheres e meninas em nossa sociedade apresentadas no capítulo anterior.

Por isso, diante das problemáticas arraigadas da sociedade pelo patriarcado, capital, antes de quaisquer discussões acerca da moral, dos costumes ocidentais, dos papeis de gênero e suas subversões, urge falarmos enquanto pessoas dotadas de certa espiritualidade – e enquanto pessoas cristãs –, de uma espiritualidade conduzida pela messiânica figura de Jesus. Precisamos nos lembrar de seu olhar messiânico e sua sensibilidade ao sofrimento que indica que a compaixão pelo sofrimento vem antes de qualquer julgamento:

Essa sensibilidade messiânica ao sofrimento não tem nada a ver com plangência, com um culto tristonho ao sofrimento, mas tem tudo a ver com uma mística bíblica de justiça: paixão por Deus como empatia pelo sofrimento alheio, como mística prática de compaixão. Um cristianismo que se apegue à sua raiz bíblica volta sempre a se deparar com isso.¹⁵⁰

A partir do olhar compassivo de Jesus, é que podemos nos dirigir às pessoas próximas com coragem de desafiar qualquer status quo visando o bem das vidas humanas. A justiça salvadora de Jesus é para as pessoas pobres, vítimas inocentes, e malfeitores¹⁵¹. Antes de qualquer papel social estratificado, o sofrimento humano precisa ser contemplado e cessado pela fé que busca justiça.

O que Metz vai chamar de “mística da compaixão” é um dos exercícios fundamentais interiores que irão refletir Cristo no exterior, revelando assim uma espiritualidade solidária, que enxerga as faces dos sofrimentos existentes no mundo e sai ao encontro das pessoas que sofrem, visto a autoridade que elas possuem. Sobre o objetivo da “mística da compaixão”, Metz explica:

¹⁴⁸ FEDERICI, S. O ponto zero da revolução, p. 72.

¹⁴⁹ FEDERICI, S. O ponto zero da revolução, p. 69.

¹⁵⁰ METZ, J. B. Mística de olhos abertos, p. 19.

¹⁵¹ METZ, J. B. Mística de olhos abertos, p. 20.

Ela é “mística” na medida em que pode ser o início de uma experiência de Deus, no mínimo uma espécie de “atmosfera de Deus”. Ela é e continua sendo ao mesmo tempo “política”, porque nessas “interrupções” interpessoais, os outros, feridos e vulneráveis, poderão ser percebidos (tornando-se visíveis) numa última invulnerabilidade, impressa por toda nossa ação política. Portanto, essa mística política não é uma mística da política ou dos políticos, assim como Jesus não foi um político. Mas essa mística é, sim, política, assim como Jesus não é, de modo algum, apolítico em sua mensagem.¹⁵²

Partindo de uma mística da compaixão é que podemos entender que toda pessoa cristã é convocada, na verdade, à uma interferência direta na *Pólis*¹⁵³ por meio da vivência de uma espiritualidade atuante. Não se trata de promover projetos de poderes, projetos de governos tendo certas teologias, espiritualidades como mote, mas de compreender que a espiritualidade perpassa pelas tramas mais sutis do cotidiano, assim como o cuidado e, por isso, ela precisa ser reconhecida neste espaço fértil da vida.

Quem realmente sofre nas multifaces do cuidado é quem tem autoridade e a isso precisamos nos atentar: mulheres e meninas conhecem o cuidado não apenas de forma limitada ao seu sentido ontológico, mas em suas próprias experiências o vivem em sua forma encarnada. Aliando o conhecimento dessa realidade à reflexão de gênero, classe e raça podemos “evitar que vidas sejam ceifadas e que o verdadeiro sentido da experiência religiosa cristã seja deturpado por incompreensões que adoecem as relações sociais e familiares.”¹⁵⁴

A mística da compaixão não acontece sem uma conversão radical dos corações. Não haverá transformação social se a vivência da espiritualidade cristã for resumida a uma fé apenas professada, que camufla com “pena”, “simpatia” as mesmas pessoas apáticas, egoístas, conformistas de sempre, sem revisar o seu modo habitual de agir¹⁵⁵ também perante as injustiças estruturais propagadas cultural e religiosamente dentro da sociedade ocidental e ocidentalizada.

¹⁵² METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, pp. 21, 22.

¹⁵³ *Pólis* é uma unidade política que não corresponde à ideia moderna de Estado. Ela compreende “Estado” e “Sociedade Civil”, o chamado “domínio público” e o “domínio privado”. *Dicionário de Filosofia Moral e Política*, p. 1.

¹⁵⁴ RONSI, F. Q. *A mulher na igreja e na sociedade*, p. 9.

¹⁵⁵ METZ, J. B. *Para além de uma religião burguesa*, p. 9-10.

3.3

O cuidado como lugar de experimentação relacional e espiritual

Uma igreja que professa a humanização de Deus na história não deveria apenas ensinar aos fiéis qual é a vontade do Deus que se tornou homem, mas também “estudar”, ela mesma, essa vontade divina nas experiências históricas¹⁵⁶.

Para não ficarmos apenas nos dados sociológicos, faremos uma reflexão do cuidado como lugar de experimentação relacional a partir da filosofia, mais especificamente do trabalho de Luigina Mortari. A fala de Metz acima traz uma exemplificação do que também devemos buscar e observar acerca da “vontade do Deus que se tornou homem” nas experiências humanas, terreno da espiritualidade. Atentando a essas necessidades, também incluiremos uma perspectiva teoantropológica pelas lentes da superação de um dualismo antropológico trabalhada por Alfonso Garcia Rubio, a fim de caminhar para uma espiritualidade cristã de cuidado que reconhece o cuidado como um lugar do Espírito.

Mortari é uma epistemóloga que, em seu livro *Filosofia do Cuidado*, utiliza o olhar fenomenológico como metodologia qualitativa para falar do cuidado como um “ser-aí”, partindo da compreensão de Heidegger e sua abordagem que o relaciona como característica ontológico-essencial desse *ser-aí*, ou seja, “é o cuidado, que ilumina, na sua essência, aquele ente que é o ser humano”¹⁵⁷. Para Mortari, por ser algo essencialmente ligado ao ser humano e tão essencial, presente, próximo, acaba permanecendo desconhecido¹⁵⁸.

No livro de Gênesis vemos uma das imagens da criação do ser humano onde ele é apresentado como um potencial “modelável” em sua origem (Gn 2,7). O cuidado é esse fenômeno modelante, pois “se cuidamos de algumas coisas, será a experiência dessas coisas e o modo de estar em relação com elas que dará estrutura

¹⁵⁶ METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 29.

¹⁵⁷ MORTARI, L. *Filosofia do cuidado*, p. 8.

¹⁵⁸ MORTARI, L. *Filosofia do cuidado*, p. 9.

à nossa essência. Se cuidarmos de certas pessoas, o que acontece nessa troca relacional com o outro se torna parte de nós”.¹⁵⁹

É interessante o uso da expressão do cuidado ontologicamente como uma “fábrica do ser”¹⁶⁰ por Mortari, pois, em termos materiais, o cuidado como responsável pela geração e manutenção da vida é também essa “fábrica do ser”. Por estar presente na condição humana que, por sua vez, é vulnerável, esse lugar de vulnerabilidade é totalmente preenchido pelo trabalho de cuidado. A condição de ser humano não chega a uma autossuficiência nem intrínseca, e extrínseca, principalmente, em uma sociedade em que se vive uma crise socioambiental, econômica no capitalismo¹⁶¹.

Mesmo em uma cultura capitalista que massifica a importância de individualismos, o ser humano não consegue ser autossuficiente, ele carece de transcender-se:

O ser humano não é um ponto fixo no devir do ser – não é uma coisa acabada e completa –, mas um núcleo de ser em contínuo devir, movido por uma energia que o impulsiona continuamente a ir além do modo no qual se encontra a ser. É um ser à procura da sua forma e, por isso, é chamado a ir sempre além, a ultrapassar o próprio modo presente¹⁶².

Assumir que somos modeláveis, transcendentais, vulneráveis é necessário para assumir o cuidado. Precisamos visibilizá-lo em nossa existência cristã não apenas o reconhecendo como parte do ser, mas também admitindo viver a sua proposta de experiência de forma encarnada. Do contrário, permanecemos inertes e reféns das condições dadas em uma sociedade capitalizada, proclamando um cuidado que é professado pelo cristianismo histórico, mas jamais desmascarado como um mito imposto de forma dissimulada pelo Capital que perpetua desigualdades e gera desumanização das pessoas que cuidam.

A experiência do cuidado precisa transcender a cultura que a relegou à esfera do privado, e ser assumida na coletividade. Mortari identifica na composição do cuidado a sua essência composta por necessidades, e dentre elas a necessidade

¹⁵⁹ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 9.

¹⁶⁰ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 9.

¹⁶¹ FRASER, N. in BHATTACHARYA, T. Teoria da Reprodução Social, p. 48.

¹⁶² MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 19.

terapêutica¹⁶³. Faz parte da essência do cuidado não apenas a antevisão de necessidades e o trabalho incessante para atendê-las, mas também a reparação, lugar onde se encontra esse aspecto terapêutico.

É importante refletir sobre a “essência terapêutica” do cuidado. Ao falar desse aspecto, Mortari separa dois termos gregos que são usados para referenciar a ação terapêutica: *terapia* e *iatreia*, que em suas etimologias, o primeiro diz respeito à consideração pela complexidade da pessoa e também abarca a *dimensão espiritual da experiência*, enquanto o segundo se refere à atividade médica para tratar as aflições do corpo¹⁶⁴.

A partir deste sentido, podemos inferir que há grande relação entre o cuidado e a espiritualidade. A espiritualidade não está presente apenas no que concerne à intenção de cuidar, mas também é constitutiva da atividade humana de cuidado.

Um dos impasses para o reconhecimento da relação entre cuidado e espiritualidade teve por base o conhecimento platônico e seu produto do dualismo alma-corpo que caracterizou o pensamento ocidental. Influenciando assim a busca por conhecimento e autoconhecimento a partir do prisma da compartimentação a vida e fragmentação dos aspectos humanos¹⁶⁵. No cristianismo ocidental, este dualismo o perpassou e foi catalisador da cristalização de uma ótica dual da vida.

Sobre esse dualismo cristão, García Rubio é assertivo em afirmar que

trata de um dualismo mitigado e não radical, mas, mesmo assim, leva a estabelecer uma acentuada oposição entre elementos positivos pertencentes ao mundo das realidades da criação e da salvação. A predominância da relação oposição-exclusão faz com que seja acentuado de maneira unilateral um dos polos relacionados, enquanto o outro é descuidado ou desprezado.¹⁶⁶

Trazer para discussão a relação problemática de oposição-exclusão assumida entre alma-corpo, divino-humano, é essencial para as discussões acerca do cuidado, pois ele também é lugar de experimentação espiritual. Mortari corrobora essa afirmativa atentando para o seguinte exemplo: “cuidar de um recém-nascido significa ocupar-se de um corpo que sente em modo espiritual o toque de quem-

¹⁶³ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 36.

¹⁶⁴ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 27.

¹⁶⁵ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 32.

¹⁶⁶ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p. 97.

cuida [...]. Uma intervenção sobre o outro não é “somente” sobre a carne do corpo, mas atinge o profundo da carne da alma”¹⁶⁷.

A espiritualidade está presente na corporeidade e vice-versa. “Não existe existência sem o cuidado de si; mas o cuidado de si tem necessidade do sustento que vem do receber cuidado de outros”¹⁶⁸. Por isso, podemos afirmar que o cuidado do corpo cuida também do espírito, cuida da vida. E que a sobrecarga do corpo também pode sobrecarregar o espírito, negligenciar a vida.

As pesquisas e reflexões, contribuições teóricas apresentadas no capítulo anterior e a atual realidade da marginalização de pessoas que cuidam dentro das relações de cuidado domésticas demonstram uma dificuldade latente no que diz respeito à uma encarnação da experiência do cuidado. Quirino e Oliveira, por exemplo, trazem uma discussão importante sobre o cuidado e como ele deve estar presente em vários aspectos da formação do futuro presbítero:

A pessoa humana, em seu desenvolvimento, adquire formas e modos de cuidar, as quais se sofisticam. Nesse sentido, cuidar não se limita, por exemplo, à atividade ou tarefa de tratar uma ferida, aliviar algum desconforto ou curar de uma doença. Cuidar alcança sentido bastante amplo, como a maneira de se relacionar consigo mesmo, com o outro, com a criação e com Deus, configurando, portanto, uma forma de viver plenamente.¹⁶⁹

Quirino e Oliveira também qualificam o cuidado em *sobrevivência* e em *interesse e carinho*, onde argumentam que o primeiro é comum em todas as espécies e os outros são considerados exclusivamente humanos¹⁷⁰. O trabalho de não limitar a ação do cuidado enquanto pessoa cristã é essencial para uma vida de plenitude. Porém, em uma sociedade estratificada, com um pensamento dualista, ocorre, na prática, a valorização do aspecto de relacionamento onde há “interesse e carinho” em detrimento da “sobrevivência”.

No caso do trabalho de mulheres e meninas que cuidam, a sociedade adiciona mais uma estratificação ao feminizar o cuidado enquanto sobrevivência, ao invés de ser propagado como uma atitude considerada humana e responsabilidade de

¹⁶⁷ MORTARI, Filosofia do cuidado, p. 34.

¹⁶⁸ MORTARI, Filosofia do cuidado, p. 36.

¹⁶⁹ QUIRINO, A. T.; OLIVEIRA, B. M de. Teologia do Cuidado na formação do futuro presbítero, p. 6.

¹⁷⁰ QUIRINO, A. T.; OLIVEIRA, B. M de. Teologia do Cuidado na formação do futuro presbítero, p. 6.

todas as pessoas, dificultando cada vez mais uma compreensão que seja capaz de romper com a hegemonia histórico-social¹⁷¹.

Quando o ser humano promove um cuidado, que, por sua vez, abarca a espiritualidade humana, assume responsabilidade perante vidas oprimidas. E ele não vai reparar a sobrecarga de mulheres e meninas apenas utilizando elogios como resposta ao trabalho e dedicação exclusivos delas. Tampouco vai trazer alívio apenas ao alegarem que as recompensas delas estão em um distante além-mundo.

É preciso ter consciência de que o cuidado terapêutico traz sobre si a responsabilidade o trabalho de antever as necessidades das mulheres e meninas para aliviá-las, preservá-las, dar a elas uma chance de viver uma vida de plenitude, suportando juntamente com elas os fardos que o cuidado solitário impõe. E, com isso, a relacionalidade e a espiritualidade na experiência no cuidado será de fato crísticamente encarnada.

¹⁷¹ QUIRINO, A. T.; OLIVEIRA, B. M de. Teologia do Cuidado na formação do futuro presbítero, p. 6.

Cuidado e Espiritualidade

Acerca do termo espiritualidade, temos conceitos como o rememorado por Vieira e Senra ao afirmarem que “o termo espiritualidade evoca a noção de respiração, foi cunhado na cultura grega (*pneuma*) e chegou até nós a partir da tradução latina (*spiritus*)”¹⁷². Além da historicidade do termo, existem concepções diferentes das religiosas como a encontrada no filósofo e teólogo valenciano Maria Corbí, por exemplo.

Uma das linhas fundamentais do pensamento de Corbí sobre as religiões diz respeito à proposta de uma “espiritualidade leiga”, a fim de ser uma resposta que compreende o momento em que a sociedade ocidental vive em relação às religiões¹⁷³. Para Corbí, por mais que as religiões sejam construções culturais que se amoldam às necessidades de organizações das sociedades que as promovem - fato esse que as submetem a certas atualizações, modelizações, inclusive as deixam passíveis de desaparecimento - a espiritualidade resiste por ela ser uma necessidade antropológica intrínseca ao ser humano.

Segundo Corbí,

A experiência espiritual é liberdade completa, é o fim de qualquer submissão. O poder autêntico da espiritualidade vem de sua profundidade... Tudo nasce de dentro e se apoia na própria interioridade e na própria autonomia, mas a base da própria e total autonomia, da iniciativa, da criatividade e da liberdade radical é a experiência, em nós mesmos, da grande dimensão do existir¹⁷⁴.

Por isso, podemos afirmar que a espiritualidade constitui em uma dimensão humana e reflete o cuidado que se tem com a vida, constituindo expressão de como as pessoas se inter-relacionam e interagem em relação às circunstâncias e eventos que as envolvem, podendo ou não integrar a crença e fé em um ser superior que o aproxima daquilo que transcende a natureza humana.

¹⁷² VIEIRA, J. A. C.; SENRA, F. Espiritualidade sem-religião, p. 607.

¹⁷³ MOREIRA, A da S. Religiosidade Laica, p. 25.

¹⁷⁴ CORBÍ, M. Para uma Espiritualidade Leiga, p. 169.

Dentre os caminhos das teologias espirituais cristãs, podemos destacar Federico Ruiz Salvador que, por sua vez, afirma sobre a espiritualidade cristã que ela é praticamente uma síntese da experiência cristã, que por sua vez é uma vida consciente com Deus. A experiência cristã tem sua base na graça divina somada à ação do Espírito e a uma resposta humana a essa ação. Ela é colocada como “realidade misteriosa de graça-vida-experiência que encontramos na Bíblia e na história”¹⁷⁵.

Tratar da espiritualidade está longe de apenas retratar a história do cuidado, seus diversos significados para as populações e o desenvolvimento de teologias e espiritualismos no ocidente. O exercício crítico, reflexivo-reivindicativo é importante para movimentar a teologia. A teologia latino-americana possui essa característica marcante, haja vista todo o desenrolar histórico-social permeado de morte, escravização e exploração de recursos promovidos pelo continente europeu no Sul Global, mais especificamente, na América Latina.

Existe a necessidade de trilharmos também o caminho reflexivo-propositivo, devido às perguntas como “diante de uma percepção de uma realidade nada agradável, o que devemos fazer?”. Para espiritualidade cristã, o exemplo principal deve estar na vida e nos feitos de Jesus Cristo marcados nos Evangelhos. A partir disso, podemos construir possibilidades de futuro concretas e repensar o futuro das relações humanas, e domésticas de cuidado que permeiam todos os dias da vida, e lutar para que haja libertação das mulheres e meninas.

Para falarmos de ação cristã no mundo, é fundamental antes nos atentarmos para o movimento do Espírito Santo e seu característico soprar sobre o caos (Gn 1,1). O Espírito Santo é figurado em uma das obras da pneumatologia moltmaniana como “fonte da vida”, baseado na perspectiva da Bíblia Hebraica (Salmo 36) e no diálogo de Jesus com a mulher samaritana em João 10. Pois “A figura da “fonte da vida” e da água que vivifica tudo o que está murcho e seco é usada para tornar compreensível o agir do Espírito Santo: Como “água da vida”, ele torna vivo e fértil aquilo que está secando e morrendo”¹⁷⁶.

¹⁷⁵ “Realidad misteriosa de gracia-vida-experiencia que encontramos en la Biblia y en la historia” (Tradução da autora). SALVADOR, F. R. *Caminos del Espiritu*, p. 28.

¹⁷⁶ MOLTSMANN, J. *A Fonte da Vida*, p. 21.

Nos textos de Atos dos Apóstolos, onde é ressaltada a ação dinâmica do Espírito Santo, vemos que a característica de sua atuação no seio dos crentes resulta em comum-idade, superando barreiras socioculturais, econômicas, de gênero, idade, promovendo a justiça e comunhão ativa¹⁷⁷. Uma experiência clara de uma vida de sinodalidade. A fim de superar dualismos, tanto a abordagem pneumatológica quanto a proposta de uma espiritualidade cristã transitará pelo texto de forma ecumênica. Dialogar com processos teológicos e vivências comunitárias diferentes acerca desses temas pode abrir caminhos para uma profunda reflexão crítica acerca das práticas do cuidado.

Visto que o Espírito Santo não se prende às tentativas de “curatelas dogmáticas” a seu respeito, exercitaremos uma compreensão acerca da ação do Espírito como *Sitz In Leben* da sinodalidade¹⁷⁸ e a inclusão do cuidado como *Locus Spiritum* em nossa reflexão.

¹⁷⁷ BARRETO, A. R. B.; SANTOS, A. L. S. dos. O Espírito Santo e a vivência da sinodalidade em Atos dos Apóstolos, p. 153.

¹⁷⁸ BARRETO, A. R. B.; SANTOS, A. L. S. dos. O Espírito Santo e a vivência da sinodalidade em Atos dos Apóstolos, p. 155.

4.1

“Eis teu filho! Eis tua mãe!”: uma práxis de Jesus Cristo

As palavras de Cristo na cruz são alvo de pesquisas, comentários milenares e muita reflexão quando passamos por este emblemático texto. Acerca do cuidar, Boff diz do aspecto multiproposital que o cuidado é capaz de assumir quando afirma que “O cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade”¹⁷⁹.

A vida cristã é permeada por novos paradigmas de convivialidade: “Não repreendas duramente um ancião, mas admoesta-o como a um pai; aos jovens, como a irmãos; às senhoras, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda pureza” (1 Tm 5,1-2). Vemos na primeira carta a Timóteo, por exemplo, que a vida cristã é um solo fértil para o surgimento de relações de familiaridade entre os fiéis.

Não só apenas o cristianismo histórico foi lugar de exercício dessa familiaridade entre fiéis. As falas de Jesus Cristo sobre o que é ser sua família no Reino de Deus extrapolam os limites dos próprios cargos eclesiásticos, relacionamentos organizacionais que se desenvolvem durante as mais diversas institucionalizações religiosas: “E, repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, disse: eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3,34-35).

As subversões das figuras familiares em Cristo não acontecem apenas com certo objetivo caprichoso de “atrapalhar” a ordem “natural”, mas são propostas radicais de partilha e cuidado que extrapolam inclusive os sentidos atuais de fraternidade, solidariedade, e assumem uma radicalidade de se permitir afetar pela necessidade de cuidado da outra pessoa e encarná-lo na própria existência:

Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: “Mulher, eis o teu filho!”. Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa (Jo 19,25-27).

¹⁷⁹ BOFF, L. Saber cuidar, 2023, p. 14.

Acerca de uma abordagem do conceito bíblico-teológico do compadecimento prático de Cristo, Ivoni Reimer observa o termo utilizado para compaixão/misericórdia no Antigo Testamento *rahamin* (derivado de *rehem*: útero, ventre) e também o termo *splanchnízomai* utilizado no Novo Testamento (derivado de *spanchna*: entranhas, útero, ventre)¹⁸⁰. A ideia é perceber que o útero, ventre, é o lugar do sentimento mais profundo como a misericórdia, e que essa ideia é gerada nos textos bíblicos a partir do feminino, mas transposta para Deus e Jesus Cristo:

Misericórdia/compaixão é sentimento oriundo das entranhas; não é apático, nem enclausurado no ‘ter pena de alguém’, mas é matriz dinâmica de reflexões e atitudes interventivas e transformadoras ou recriadoras. A misericórdia é sentimento-ação, práxis permeadas pela ética do cuidado¹⁸¹.

O impulso para a transformação precisa estar diretamente alinhado com a compaixão, ou conversão do olhar. A afirmação teológica de um Deus que protege, cuida tão radicalmente, do mais profundo do útero, visa no texto bíblico,

empoderar o lado mais frágil nestas relações, buscando compensar a assimetria social e/ou romper com a mesma. Sem dúvida, dignas e carentes da proteção divina são as pessoas que se encontram “como ovelhas sem pastor”, “oprimidas e maltratadas” em decorrência da ganância socioeconômica¹⁸².

Esta é uma afirmação teológica relevante se o sentido de ser/estar igreja cristã tem por finalidade os pobres, marginalizados, engrenados em um sistema socioeconômico predatório de gentes. Isso coloca a perspectiva cristã em contraposição aos avanços socioeconômicos que desfiguram a humanidade e toda forma de vida existente. Na Bíblia Hebraica, a não observação das mazelas da sociedade judaica também tinha implicações de cunho religioso. As desigualdades eram a clara denúncia de uma não observação da Torá feita pelo povo judeu¹⁸³.

Se a perspectiva cristã estabelece esses claros contrastes com uma “sociedade do desempenho”¹⁸⁴, o modo-de-ser cristão no mundo precisa acompanhar este

¹⁸⁰ REIMER, I. R.; REIMER, H. Misericórdia quero!, p. 28.

¹⁸¹ REIMER, I. R.; REIMER, H. Misericórdia quero!, p. 28.

¹⁸² REIMER, I. R.; REIMER, H. Misericórdia quero!, p. 31.

¹⁸³ REIMER, I. R.; REIMER, H. Misericórdia quero!, p. 31.

¹⁸⁴ Expressão presente na obra “Sociedade do cansaço” de Byung-Chul Han. Han utiliza esse termo para falar da sociedade que performa desempenho e produção, para ganhos ilimitados que sistemicamente têm produzido doenças psíquicas como depressão, ansiedade, burnout, disfarçados por uma positividade tóxica que pressiona por produtividade. Essa positividade é exemplificada por Han através do lema *Yes, we can*, usado no livro como representante de um imperativo de

“pairar do Espírito sobre o caos” (Gn 1,2). Não apenas teologicamente, mas também com o exercício sólido de uma espiritualidade convertida à práxis de Jesus Cristo – misericórdia e compadecimento. Cristo em suas palavras de vida e nas últimas de sua vida, aboliu as estratificações sociais que reservavam os integrantes em papéis socialmente determinados, em nome de uma comunhão profunda e cuidado mútuo. Ressignificando o cuidado (inclusive o doméstico, parental informal representado pela figura de Maria e João) de forma intensa e profunda como responsabilidade de toda pessoa que O segue.

Sobre a experiência do Espírito Santo na renovação (ou nova criação) de todas as coisas, Moltmann afirma:

Na experiência do Espírito surge uma nova comunhão de senhores e servos, de senhoras e servas. O Espírito de Deus não respeita as diferenças sociais. Pelo contrário, abole-as. No cristianismo, todos os movimentos de avivamento cheios do Espírito perceberam e disseminaram os elementos de revolução social da experiência do Espírito. Tornam-se perigosos para o patriarcalismo, para a Igreja masculina e para os escravocratas.¹⁸⁵

Moltmann continua dizendo que a fé cristã atravessa a vida de uma forma tão profunda, que apenas as palavras “morte” e “nascer de novo” conseguem nos aproximar da morte e ressurreição de Jesus Cristo¹⁸⁶. Esse é um movimento de lançamento fundamental de novos paradigmas. O que torna impossível sermos coniventes com os privilégios que “a ditadura do modo-de-ser-trabalho-dominação” impõe: a masculinização das relações que excluíram os cuidados como inerentes a todos os seres humanos e o feminilizou e o relegou à esfera do lar. Cuidados dos quais a masculinidade preferiu se retirar para dominar, explorar, manipular os poderes públicos e a vida¹⁸⁷.

Nesse caso, para a práxis cristã de cuidado acontecer, certos movimentos de consciência que percorrem o ser e suas percepções são necessários. Por isso, ao falar de práxis do cuidado, vale ressaltar aqui as decorrências de Boff e Mortari, como uns dos iniciadores de uma base ideológica para esse objetivo.

desempenho em uma sociedade pós-moderna do trabalho, aliado à uma sociedade fragmentada. HAN, B. C. Sociedade do cansaço, p. 14-16.

¹⁸⁵ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 31.

¹⁸⁶ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 33.

¹⁸⁷ BOFF, L. Saber cuidar, p. 113.

Boff apresenta uma proposta do resgate do sentido de cuidado, afirmando a necessidade de entender e realizar o cuidado de uma forma diferente, e não às custas do trabalho¹⁸⁸. O cuidado não é apenas uma forma de trabalhar, mas um modo de se relacionar. Tendo essa consciência, Boff argumenta que a origem do ser humanidade não está no *logos*, na razão, mas no *pathos*, o sentimento¹⁸⁹.

Boff utiliza o termo *pathos* que perpassa pelo empirismo platônico, pelas escolas medievais (Agostinho, Duns Scotus, São Boaventura), Pascal, Schleiermacher, Heidegger¹⁹⁰. Boff infere que o sentimento é o que nos sensibiliza para os acontecimentos do entorno, ou seja, “é o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos, chama-se cuidado”¹⁹¹.

Além disso, Boff continua navegando em seu texto filosoficamente, a partir da fábula de Higino sobre cuidado, como forma de chegar à conclusão da presença do cuidado no mais íntimo do ser. “A fábula diz: “o Cuidado foi quem primeiro moldou o ser humano”. O cuidado se encontra antes, é um a priori ontológico, está na origem da existência do ser humano”¹⁹². Ele coloca o cuidado como uma experiência de sentimento intrínseca que converte o ser a ser humano e que, por isso, precisa ser resgatada.

Mortari aponta que é necessário envolver o sentimento e o senso de responsabilidade para com a outra pessoa: Não é apenas o fato de ver o cuidado e reconhecê-lo como importante que gera atitudes práticas, é necessário assumir a responsabilidade e ver o outro em sua alteridade e necessidade de ser cuidado, pois é isso que torna a vida possível¹⁹³.

Mortari continua sua linha de raciocínio com um apontamento fundamental desse movimento integrativo de cuidado:

O senso de responsabilidade exige do pensamento uma posição precisa: saber que todos nós somos frágeis, sentir a própria debilidade e compreender que o outro compartilha esta minha própria condição; pois somente entendendo que todos somos

¹⁸⁸ BOFF, L. Saber cuidar, p. 114.

¹⁸⁹ BOFF, L. Saber Cuidar, p. 115.

¹⁹⁰ BOFF, L. Saber Cuidar, p. 116.

¹⁹¹ BOFF, L. Saber Cuidar, p. 115.

¹⁹² BOFF, L. Saber Cuidar, p. 117.

¹⁹³ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 141.

frágeis e vulneráveis é que nos damos conta da tensão que nos impulsiona a agir pelo outro, a fazer por ele aquilo que gostaríamos que fosse feito por nós. Nesse sentido, o mandamento cristão de ‘amar o próximo como a ti mesmo’ enuncia a verdade primordial da ética. Perceber a debilidade ontológica do outro vincula-nos, com certa força, a assumir a responsabilidade por ele.¹⁹⁴

Ao assumir a responsabilidade pelo outro ser, não deve levar apenas a um saber ontológico. Deve levar também a um saber sensível (*pathos*) para colocar não apenas o movimento de curar, reabilitar para a vida, mas também o devir que permite que o outro ser floresça. “O cuidado não significa apenas reparar as feridas, mas também fazer florescer as possibilidades de ser”¹⁹⁵, é dar espaço e garantia para que a outra pessoa cuidada possa se mobilizar e atualizar sua própria existência no mundo¹⁹⁶.

Com o auxílio das reflexões pertinentes de Boff e Mortari sobre o cuidado, vimos que dimensão ontológica e ética do cuidado são indissociáveis. Mas, existe um caminho material que precisa ser percorrido na prática para acolher de forma integral às necessidades de pessoas que precisam de cuidados, de pessoas que cuidam formal, informalmente e, também, de mulheres e meninas que cuidam sem remuneração e seguridade social em seus ambientes domésticos.

No capítulo anterior elucidamos o quanto mulheres e meninas são exploradas dentro de casa e vivem engrenadas nas relações do capital. Suas vulnerabilidades as têm adoecido. No tempo da escrita desse trabalho entrou em discussão uma proposta de redução da jornada de trabalho e pelo fim da escala 6x1 na Câmara dos Deputados em Brasília¹⁹⁷.

A jornada de trabalho vem sendo discutida no âmbito das redes sociais, por movimentos como o Vida Além do Trabalho; e em mídias digitais como o Projeto Colabora¹⁹⁸. Essas iniciativas digitais promovem essa discussão sobre os desafios de ter um emprego no capitalismo atual no Brasil. As queixas circulam entre aumento do número de ocorrências de *burnout*, desgaste físico e mental, ansiedade

¹⁹⁴ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 142.

¹⁹⁵ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 143.

¹⁹⁶ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 144.

¹⁹⁷ MIRANDA, T. Proposta de redução da carga horária de trabalho e fim da escala 6x1 gera debates no Plenário da Câmara, p. 1.

¹⁹⁸ Projeto Colabora é formado por pessoas que contribuem com um jornalismo pós-capitalista no site da revista digital Outras Palavras. FERREIRAL, A. C. Fim da escala 6x1, p. 1.

generalizada, picos de pressão arterial, simultâneos à precarização do serviço, trabalho excessivo, baixas remunerações, aumento de contratação por pessoa jurídica das pessoas trabalhadoras por tempo curto e sem garantias de direitos trabalhistas¹⁹⁹.

Não apenas a situação da precarização do trabalho influencia no surgimento de patologias. Denúncias de assédio sexual, moral contra colegas de trabalho e empregadores, compõem esse quadro complexo e altamente prejudicial à saúde²⁰⁰. De acordo com os dados divulgados pela Associação Nacional de Medicina do Trabalho, o Brasil é o segundo país do *ranking* de países com mais diagnósticos de burnout²⁰¹. Um dos trechos da petição pelo fim da escala diz:

A jornada de trabalho no Brasil frequentemente ultrapassa os limites razoáveis, com a escala 6x1 sendo uma das principais causas de exaustão física e mental dos trabalhadores. A carga horária abusiva imposta por essa escala de trabalho afeta negativamente a qualidade de vida dos empregados, comprometendo sua saúde, bem-estar e relações familiares²⁰².

O objetivo é exemplificar o movimento que tem adentrado nas casas públicas acerca das relações de trabalho, pois, quem trabalha de forma remunerada têm sofrido sobrecarga e também carrega para suas relações domésticas mais sobrecarga para as pessoas que precisam ficar em suas casas, mantendo o ambiente ordenado de forma a contribuir para a saúde e subsistência dos moradores.

O sistema capitalista claramente explora direta e indiretamente toda a família para acumulação. Ele promove a desigualdade inclusive dentro das casas, têm minado a saúde das pessoas trabalhadoras e tornado escasso o tempo qualitativo para o cultivo de um bom relacionamento familiar e comunitário. Pessoas trabalhadoras remuneradas precisam ter um trabalho organizado que leve em consideração o bem-estar. E, que nesse bem-estar, a vida fora do trabalho também seja repensada e esteja inclusa.

As mulheres e meninas, mesmo não sendo diretamente contratadas, vivem engrenadas e sendo estranguladas nesse sistema. Elas precisam de amparo, cuidado

¹⁹⁹ FERREIRAL, A. C. Fim da escala 6x1, p. 1.

²⁰⁰ FERREIRAL, A. C. Fim da escala 6x1, p. 1.

²⁰¹ FERREIRAL, A. C. Fim da escala 6x1, p. 1.

²⁰² AZEVEDO, R; VAT. Por um Brasil que vai além do trabalho, p. 1.

e a confiança de que sua existência no mundo será garantida o suficiente para atualizarem suas formas de existência, e o cuidado precisa revelar essa força propulsiva²⁰³.

Quem reduzirá a carga mental, física e espiritual das mulheres e meninas que trabalham sem remuneração com disponibilidade de 24 horas por sete dias na semana? O sistema capitalizado se opõe a isso, pois não há uma relação trabalhista direta entre eles e as mulheres e meninas. O Estado está iniciando uma Política Nacional de Cuidados, porém, sabemos que em um país com dimensões continentais como o Brasil, ainda temos dificuldades em massificar projetos já existentes, quanto mais os embrionários.

Uma pessoa que vive em uma rotina de trabalho causticante, seja esse trabalho remunerado ou sem remuneração, não possui condições e espaço de cuidado, desenvolvimento de si, de seus relacionamentos, poder de escolha para além do que o capital estabelece como modo-de-ser na sociedade. Mulheres e meninas estão sofrendo agora, e quem está dentro das casas delas e sua comunidade de afetos também.

Uma cultura que nega tempo e cuidado a quem cuida em detrimento da produtividade e lucro já é uma contradição em si mesma. Uma religião que acena positivamente com o discurso que reforça essa produtividade e lucro violentos é anticristo.

Na cruz, vemos nos Evangelhos que Jesus Cristo deu a João a responsabilidade de se filiar a Maria. A filiação de João implica em tratá-la como sua mãe, e nisto podemos incutir a responsabilidade pela vida de Maria após a morte de Jesus. A responsabilidade do cuidado de João não incide apenas em uma curatela, pois os familiares de Jesus, talvez, poderiam ter feito isso. Mas, a filiação joanina denota o cuidado movido por Cristo que supera papéis familiares determinados.

A práxis de Jesus Cristo é o cuidado que traz novas possibilidades de vivência para quem o recebe. “O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para

²⁰³ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p. 144.

que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Ainda sobre o momento da cruz, mais especificamente em João, Iwashita, por exemplo, ao falar da vida e missão de Maria, argumenta sobre a recepção da igreja por Maria e uma superação do discurso acerca de uma tensão intrafamiliar e, além disso, coloca Jesus como o revelador de Deus e a recepção dessa revelação transmutada nesse cuidado expresso na nova missão de Maria, que deixa de filiar Cristo para filiar João²⁰⁴.

A práxis de Cristo foi proposta para João. Ela é o cuidado que supera quaisquer diferenças familiares, e que impele João a receber Maria em sua casa a partir das palavras de Jesus (Jo 19,27). Aqui vemos que a continuidade da presença de Maria entre os discípulos de Jesus relatada em Atos 2, pode demonstrar a proximidade proporcionada pela práxis crística que vai além de qualquer papel social e se revela como o fator importante para, quem sabe, Maria também poder estar em um espaço seguro para ressignificar sua existência entre os seguidores do caminho após a morte de Jesus.

A práxis misericordiosa e agente de Jesus Cristo, mesmo na cruz, propõe contato com a dor, expectativas e desejos de outrem para que haja a “troca dos fardos” (Mt 11,36). E isso se torna corroborável quando vemos em Alfonso García Rubio o quanto a vocação de servo de Cristo que resulta na cruz, revela o paralelismo antiético entre Jesus e Adão que aparece especialmente na cruz:

Jesus é interpelado para que se salve descendo da cruz (cf. Mc 15,29-32). Mas Jesus permanece na cruz. Adão, pelo contrário, quer salvar-se a todo custo tentando ser como Deus. E deslancha, assim, um processo de perdição e destruição. Jesus, fiel à vocação que vem do Pai, se salva e nos salva a todos. Adão se perde (convém lembrar que Adão é cada um de nós pecadores) porque não aceita seus limites e quer ser Deus.²⁰⁵

A cruz denuncia o erro do ser humano ao querer ser individualista e dominar, e aponta para qual tipo de existência constrói novas relações na história humana e da criação:

A saída para a situação de perdição encontra-se na atitude fundamental da vida de Jesus: disponibilidade em relação ao Pai, amor-serviço aos irmãos. O poder dominador que nega o outro (Deus, mulheres, homens, o mundo criado) determina a não-salvação. O poder-serviço negador de toda dominação, é o poder real de Jesus.²⁰⁶

²⁰⁴ IWASHITA, P. K. O Espírito Santo na vida e missão de Maria, p.103.

²⁰⁵ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p. 186.

²⁰⁶ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p. 187.

Esse poder-serviço de Jesus, que pode também ser poder-cuidado, esteve presente até seus últimos momentos de forma concreta, representada também pela sua proposta a João da curatela de sua mãe. O foco não é na prática joanina e se ela foi ou não levada adiante. Afinal, temos apenas o relato de Maria presente novamente em Atos 1.14 junta aos apóstolos. Mas, independente do recebimento de Maria na casa de João e no que foi feito após essa recepção, isso não anula a intenção clara de Jesus e sua real solidariedade como modelo. Essa compreensão e nova possibilidade de existência, inclusive para pessoas que cuidam, precisa ser conformada por todos e todas que assumem o seguimento de Jesus não apenas de forma confessional, mas também de forma concreta no solo da vida.

Pois, a partir da compreensão da existência é que podemos agir com essa responsabilidade que dá espaço para que mulheres e meninas que cuidam possam viver além do suprimento ininterrupto de serviços, aceitando compartilhar do fardo doméstico delas. Cristo chama, como Aquele que veio para aliviar os fardos da humanidade (Mt 11,36), toda pessoa que crê Nele para ser o seu trocador de fardos e, porque Ele trocou os fardos, nós podemos experimentar pela fé essa possibilidade de trocar com essas mulheres e meninas os seus fardos.

Essa troca de fardos só pode acontecer a partir desses movimentos de conscientização, possibilitando assim a conversão de cada ser humano para o seu lar, onde a *metanoia*²⁰⁷ das relações familiares e a humanização de quem cuida pode se tornar uma realidade palpável e vivível.

O caminho da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo responde à pergunta “quem cuida de quem cuida?” quando leva seu corpo místico à

viver a *solidariedade*, especialmente em relação aos mais abandonados; a se comprometer pela causa da justiça e da verdade, nas relações sociopolíticas e econômicas bem como nas relações familiares e comunitárias; a tentar viver a experiência da gratuidade, rompendo o círculo fechado e asfixiante da mera comercialização das relações humanas e da relação com Deus; a deixar de lado a esterilidade dualista, vivendo com intensidade a oração-encontro com o Deus-Ágape aberta – como real relação de integração-inclusão – aos compromissos assumidos para tornar o mundo criado por este Deus morada adequada para todos os seres humanos; a viver as tensões e conflitos do presente (certamente no âmbito da realidade macrosocial, mas também no plano comunitário e familiar bem como no interior de cada coração humano) na fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo, isto

²⁰⁷ Palavra transliterada de *μετάνοια*, que pode ser traduzida também do grego como arrependimento, correção, conversão. MALHADAS, D. et al. Dicionário Grego-Português (DGP), p. 166.

é, ao anúncio do Reino de Deus e à realização de sinais que presencializam esse Reino hoje, na ambiguidade da história; a se relacionar com o mundo criado de maneira responsável, valorizando o significado profundo, cristológico, das coisas criadas.²⁰⁸

Se há um Deus-Ágape, uma dimensão cristológica de significado das coisas criadas, precisa haver uma dimensão pneumatológica de antevisão e promoção de uma ação prática e concreta de cuidado. Seja no âmbito religioso, socioambiental, econômico e, principalmente, na partícula comunitária mais elementar: nas relações familiares e no âmbito doméstico.

²⁰⁸ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, pp. 212-213.

4.2

Por uma conversão das dinâmicas familiares e pela humanização de quem cuida

A face do crucificado, quando concluímos que, em meio às suas dores e significados da sua vida e morte, também *antevê* os cuidados que sua mãe necessitaria, podemos dizer também que a face de Jesus é uma face profética.

A palavra “antevisão” encontra nos textos da Bíblia Hebraica, por exemplo, seu correspondente aproximado no termo *ro'eh* (aquele que vê, tradução livre). É importante observar a figura do *ro'eh* no profetismo em Israel: “O termo *ro'eh*, cujo significado é “vidente”, deriva do verbo *ra'ah*, que significa “ver”. [...] Isto aponta para o papel primordial e mais antigo destes indivíduos na sociedade israelita, que era a de prever o futuro e de revelar as coisas ocultas a quem os procurasse”²⁰⁹.

Schwantes ao meditar sobre o profeta Amós, expressa que sua visão era diferenciada de seus contemporâneos, a partir da expressão “O Senhor Javé me fez ver”:

Nem todos viam o que ele via. Amós apresenta a realidade dos “dias de Jeroboão” em uma ótica muito peculiar. O profeta Jonas de 2Rs 14,25 via as coisas de outro modo. O sacerdote Amasias, que denunciara Amós junto à corte (cf. Am 7,10-17), fazia outra análise dos fatos. Amós perscrutava, pois, o que Jonas, Amasias e outros não enxergavam. Para Amós, essa diferença tem origem em sua experiência de Deus: “Falou o Senhor Javé, quem não profetizará?” (Am 3,8). Javé o “fez ver” (Am 7,1.4.7;8,1;9,1). Nisso reside a alteridade de nosso Amós. Sua visão da realidade é teológica, é mística²¹⁰.

O ciclo de visões de Amós não se limita a presságios, experiências extáticas com linguagem de signos própria, mas

enxerga o que está na raiz das coisas e em suas consequências. Olha para a frente e vai ao fundo. Ao ir à raiz, Amós constata opressão de cidades e do Estado sobre a gente pobre do campo. Ao olhar o futuro, vislumbra o fim dos totalitários. A visão profética não é, pois, nenhum jogo fortuito com símbolos indecifráveis. Ela revela e des-vela, com perspicácia e radicalidade, o que está aí e o que está por vir. Torna as coisas transparentes. Tamanha perspicácia, porém, não é só fruto de exercícios de êxtase ou de sábia reflexão pessoal. É também episódio sociorreligioso, cujo controle

²⁰⁹ PACHECO, T. da S. Experiências e práticas sagradas dos profetas bíblicos, p. 47.

²¹⁰ SCHWANTES, M. A terra não pode suportar suas palavras, p. 32.

situa-se além da própria pessoa. Situa-se no tempo e espaço religiosos que, simultaneamente, estão inseridos no comunitário e social²¹¹.

Amós é um exemplo importante no qual a profecia, gênero literário também presente de forma diversa nos textos bíblicos ocidentais, está como uma partida da experiência pessoal do profeta que vê a realidade da opressão e toca a realidade da dor comunitária²¹². Essa proposta de caminho iniciado pela antevisão que vai de encontro e toca a dor da realidade é fundamental para a práxis cristã, que também é uma dimensão profética, para tirar as dinâmicas familiares de cuidado da invisibilidade imposta pelo capital. Por isso, podemos afirmar que antever e “ver a realidade segundo o cuidado: trata-se de uma parte prática essencial do cuidado”²¹³.

Outro registro de personagem que viu a realidade a partir da urgência de cuidado, agiu segundo a práxis crística – compaixão, misericórdia, antevisão das necessidades de outrem – foi o samaritano relatado no evangelho de Lucas. Vamos utilizar o texto de Utrini que, ao falar da perícopa de Lucas 10, 25-37, traz alguns panoramas atuais e pertinentes para nossa reflexão.

O texto do Bom Samaritano em Lucas se encontra contextualizado na viagem de Jesus até Jerusalém e, segundo Utrini, “além dessa finalidade cristológica de preparação para o êxodo de Jesus, percebe-se ainda, nessa viagem, uma intenção eclesial, pois ela se constitui em uma importante etapa para a formação e capacitação das futuras testemunhas”²¹⁴.

É importante observar que a tradição lucana da narrativa sobre o samaritano também procura romper com o esperado, legislado, e dá um passo além, de forma provocativa: ela critica, ainda que de forma implícita, o sacerdote e o levita, figuras que tradicionalmente poderiam se abster de ajudar²¹⁵. No caso do levita o protocolo de pureza para rituais durava até a feitura dos mesmos, apenas os sacerdotes eram impedidos em qualquer tempo de tocar em cadáveres, assim como eles supunham que era o estado do homem à beira do caminho²¹⁶.

²¹¹ SCHWANTES, M. A terra não pode suportar suas palavras, p. 38.

²¹² SCHWANTES, M. A terra não pode suportar suas palavras, p. 38.

²¹³ MORTARI, L. Filosofia do cuidado, p.141.

²¹⁴ UTRINI, H. C. S. O sonho de uma “Igreja Samaritana”, p. 111.

²¹⁵ UTRINI, H. C. S. O sonho de uma “Igreja Samaritana”, p. 116.

²¹⁶ UTRINI, H. C. S. O sonho de uma “Igreja Samaritana”, p. 117.

As provocações no texto estão presentes nas seguintes situações: o fato de essa narrativa ter sido uma resposta à pergunta de um jurista judeu, o confronto direto com os judeus por ser a figura do homem samaritano o principal exemplo de pessoa movida de compaixão e que quebra o ciclo de indiferenças das referências anteriores e parte para a ação²¹⁷. Jesus ensina que a compaixão não deve ser movida apenas por direcionamentos de afetos (ato representado pela pergunta do jurista respondida pela parábola e atitude dos religiosos nela), mas em uma tomada de decisões por cuidar em ato das feridas, e em proporcionar um espaço saudável para recuperação da pessoa que necessita²¹⁸.

Para haver uma real conversão das dinâmicas familiares de suas próprias casas para o cuidado das pessoas que estão sempre na posição de cuidar, é necessário também compreender a situação na qual mulheres e meninas estão inseridas para além de suas condições socioeconômicas. A condição de desgaste emocional não é causada apenas pelo constante ritmo de desgaste físico que a sobrecarga de trabalho gera, mas também por um item que adoece em igual medida: a carga mental feminina.

A carga mental feminina consiste em não apenas executar a maioria do trabalho doméstico, mas também o fato de sempre ter que pensar no trabalho doméstico, a fim de manter a casa em bom funcionamento e gerenciar o tempo. Segundo Carneiro, em 2016 o conceito de carga mental foi apresentado e divulgado em redes sociais através da cartunista francesa Emma em sua criação denominada *fallait demander*²¹⁹, que no Brasil foi traduzida e contextualizada com dados do IBGE pelo coletivo Bandeira Negra e intitulada “é só pedir...”²²⁰.

O trabalho de Emma desenhou, literalmente, a denúncia de que muitas mulheres não somente executam as tarefas de casa e do trabalho, mas estão, a todo o tempo, planejando, gerindo, comandando essas tarefas²²¹. E os homens são apontados na *charge* por serem o “papel oposto” culturalmente construído em relação às mulheres que, apesar de serem pessoas fundamentais em suas famílias,

²¹⁷ UTRINI, H. C. S. O sonho de uma “Igreja Samaritana”, p. 116.

²¹⁸ UTRINI, H. C. S. O sonho de uma “Igreja Samaritana”, p. 118.

²¹⁹ CARNEIRO, R. Cansaço e violência social, p. 6.

²²⁰ GELEDÉS. Quadrinho explica por que as mulheres se sentem tão cansadas, p. 1.

²²¹ CARNEIRO, R. Cansaço e violência social, p. 6.

até aceitam executar uma pequena parte das tarefas domésticas, mas apenas mediante solicitação da mulher²²². Ou seja, é uma figura que coexiste dentro do âmbito doméstico, que até aceita realizar algumas funções inerentes a esse meio, mas ao condicionar a execução da tarefa à solicitação da outra parte (exemplificado na tradução da charge pelo título “é só pedir”) se exime da responsabilidade pelo planejamento, ressaltando a desigualdade sexual imposta por eles ao trabalho doméstico²²³.

Por essa carga mental é que se faz necessária na prática a antevisão do cuidado para conseguir cuidar integralmente das pessoas que cuidam, em sua maioria, mulheres e meninas. É necessário conhecer a totalidade da sobrecarga feminina e entender que ela é um projeto político-econômico, desumano, que está completamente distante da práxis de Jesus Cristo. O cuidado integral precisa ser encarnado também como cura dos corpos marcados de mulheres e meninas, a fim de humanizar quem cuida, pois a situação de cuidado concentrado no feminino, na figura da mulher-mãe, é desoladora:

Essa concentração do cuidado, por sua vez, nos coloca diante da acepção neoliberal de um Estado que extingue o cuidado como equipamento e política social – um Estado mínimo, que é inclusive impedido pelo mercado de oferecer qualquer tipo de cuidado. Nos vemos, então, por um lado, diante da ausência de políticas sociais de cuidado e, por outro, diante da difusão massiva da noção de que as mães são as cuidadoras mais adequadas. Mulheres essas que maternam, entretanto, sem nenhum apoio estatal, seja em termos de rede de apoio, escolas e creches de qualidade, incentivo à licença maternidade, redução da jornada de trabalho e cuidados consigo, sua saúde e vida satisfatória²²⁴.

A retirada dessas camadas de sofrimento feminino da invisibilidade não deve nos mover apenas em sentimentos, mas em uma verdadeira troca de fardos (Mt 11,36), pois “a compaixão que não se concretiza em serviço não é autêntica”²²⁵. O serviço prático de se responsabilizar integralmente por esse trabalho de cuidado precisa estar dentro dos lares, pois “uma vida religiosa sem o espírito de Cristo está fadada a apresentar um Deus ausente das relações, que não vê, que passa adiante.

²²² GELEDÉS. Quadrinho explica por que as mulheres se sentem tão cansadas, p. 1.

²²³ CARNEIRO, R. Cansaço e violência social, p. 6.

²²⁴ CARNEIRO, R. Cansaço e violência social, p. 9.

²²⁵ UTRINI, H. C. S. O sonho de uma “Igreja Samaritana”, p. 122.

Sem a proximidade das relações não há conhecimento da dor, tampouco compaixão”²²⁶.

É necessário serviço prático, assumir as demandas domésticas na execução e no planejamento para converter as relações, humanizar quem cuida, e gerar uma nova ética de cuidado alheia ao capital. Esse caminho encarna a espiritualidade cristã, práxis de Jesus Cristo, que está longe de ser um caminho de desempenho crescente, facilidade e produtividade ininterrupta.

Acerca da diaconia de Jesus Cristo, Heimer infere a partir do Evangelho de Marcos que o caminho diaconal da misericórdia resulta em morte de cruz, porém, Deus a transformou em situação de vida nova, transformada e liberta, assentindo a vida e os feitos de Jesus Cristo os quais cristãos desde então podem e devem seguir²²⁷.

Para que a justiça corra “como um rio caudaloso” (Am 5,24) é preciso que as pessoas, principalmente as que proclamam a necessidade de uma espiritualidade cristã viva e atuante no cotidiano, encarne o processo de cuidado já vivenciado por muitas mulheres e meninas em suas casas diariamente como continuidade da práxis de Cristo. Uma espiritualidade que enxerga a necessidade de cuidado ministerial, institucional, estatal, dos ecossistemas mais variados e não antevê a necessidade de pessoas tão sobrecarregadas, ainda está de mãos dadas com o princípio de desigualdade que é basilar do capital.

Metz, em seu texto, “Para além de uma religião burguesa”, enxerga a contradição que há em um cristianismo professado que pratica as prioridades burguesas (autonomia, posses, estabilidade, sucesso) em detrimento das prioridades evangélicas (conversão, seguimento de Cristo, prontidão a sofrer)²²⁸. Para transformar as relações de poder e imprimir na humanidade novas formas de se pensar a partilha de responsabilidades sobre o cuidado, precisamos reconhecer o cuidado de mulheres e meninas não só como caridade, desprovida de seu aspecto messiânico²²⁹, mas como um lugar do Espírito, pois:

²²⁶ ANTUNES, T. A. Para as sobrecarregadas, o descanso de Jesus, p. 298.

²²⁷ REIMER, I. R.; REIMER, H. Misericórdia quero!, p. 36.

²²⁸ METZ, J. B. Para além de uma religião burguesa, p.11.

²²⁹ METZ, J. B. Para além de uma religião burguesa, p.11.

É na família, à qual se destinam as virtudes cristãs sob sua forma privatizada, que as contradições se tornam gritantes: a caridade aqui deve ser reduzida, por assim dizer, a um amor que renuncia a uma justiça global. Entretanto, onde a caridade cristã não é vivida, a não ser no seio da família, não demora a tornar-se também aí, incapaz de ser vivida. Da mesma maneira que o celibato, também a família cristã no fundo concorre demasiadamente para produzir uma forma isolada de existência, ou seja, exatamente, aquilo que a sociedade burguesa tende a fazer²³⁰.

As famílias enquanto lugares de conexões afetivas importantes não são problemáticas em sua existência, mas não ficaram isentas das lógicas do capital. As lógicas engendradas pelo dinheiro, pela sociedade, pela cultura que abraça o cuidado como senso comum, não questiona sua essencialidade, suas implicações na vida, espiritualidade, discurso cristão.

Precisamos, segundo Metz, de uma conversão criativa que supere essas lógicas, pois “parece-me que nenhuma outra coisa é solicitada hoje com mais exigência do que a imaginação criadora moral e política que brota do seio do Cristianismo messiânico e que não seja simplesmente a cópia de estratégias políticas e econômicas já em vigor”²³¹.

A proposta de uma espiritualidade cristã humanizadora das relações de cuidado não se trata apenas de oferecer soluções como a terceirização dos serviços domésticos, por exemplo, para que mulheres e meninas em casa tenham tempo de viver outras possibilidades em suas vidas. Uma espiritualidade cristã viva e atuante, que humaniza quem cuida, não é a conservação de uma doutrina ‘pura’, mas uma práxis radical²³² que elimine os papéis socioeconomicamente estratificados e aceite abrir espaço em si para a segurança e desenvolvimento de uma nova forma de ser cuidado nas relações e dinâmicas domésticas.

Precisamos enquanto pessoas cristãs responder a essa crise de cuidados para além da justificativa da existência de grupos promotores de formas alternativas de vida. Precisamos estar a par dos efeitos políticos da não-responsabilização equânime do cuidado para propor além da reformulação de iniciativas e políticas públicas apenas.

²³⁰ METZ, J. B. Para além de uma religião burguesa, p.14.

²³¹ METZ, J. B. Para além de uma religião burguesa, p. 18.

²³² METZ, J. B. Para além de uma religião burguesa, p. 38.

Necessitamos olhar para o lugar de cuidado como um *locus spiritum*, para alcançarmos a práxis de Jesus Cristo como aquele que abole diferenças em prol de uma comunidade saudável, que promove relações saudáveis de cuidado sem conformação com o mundo de fato, promovendo assim uma libertação genuína. Do contrário, continuaremos a viver em um cristianismo cuja graça é incapaz de superar as mais invisíveis formas de opressão. Precisamos ser propagadores, em nossas atitudes, de um cuidado encarnado, de uma “graça que nos dá a possibilidade de viver uma vida nova e solidária, que não decorre mais da opressão de outros”²³³.

Esse olhar revolucionário sobre o cuidado, não partirá “de cima”²³⁴, ou seja, de instituições que dependem da exploração dele, inclusive as “puramente religiosas”²³⁵, para sobreviver. Enxergar nas mulheres e meninas e sofredoras a autoridade de seu sofrimento deve partir “de baixo” e “de dentro”, na ação de cuidado e partilha integral, de quem está ao lado delas todos os dias. Essa foi a práxis de Jesus Cristo, que humaniza e traz nova possibilidade de vida além do que é socialmente incumbido.

²³³ METZ, J. B. Para além de uma religião burguesa, p. 80.

²³⁴ METZ, J. B. Para além de uma religião burguesa, p. 107.

²³⁵ METZ, J. B. Para além de uma religião burguesa, p. 116.

4.3

O cuidado como *locus spiritum*

Quando falamos do Espírito Santo, dentre os sentidos que aparecem na Bíblia Hebraica, a *Ruah*, são indicados os sentidos de vento, respiração, espírito²³⁶. Vale ressaltar que todo desenrolar teológico acerca da pneumatologia é um ponto de desenvolvimento fundamental de perspectivas distintas dentro do cristianismo.

Moltmann, por exemplo, relaciona o Espírito Santo, além de aspectos trabalhados na teologia cristã ocidental e ocidentalizada de pessoa divina e elemento divino, como sendo a face de Deus: “O rosto de Deus radiante de alegria é a fonte de luz do Espírito Santo. Sua luz nos inunda, e nossos rostos se tornam espelhos que refletem e espalham essa luz”²³⁷. Cristo e o Espírito Santo, na história, estão entrelaçados desde a concepção de Cristo pelo Espírito Santo até sua ressurreição, onde Cristo passa a enviar a presença do Espírito sobre a igreja²³⁸.

Moltmann desenvolveu sua pneumatologia para além de definições ontológicas e o aspecto histórico externo da salvação. Ele utiliza os textos do Evangelho de João, capítulos 14 e 15, para afirmar que há uma complexidade na correlação trinitária na missão de Deus para a vida. Por isso, ele também afirma: “ele [o Espírito Santo] procede do Pai, repousa sobre o Filho e irradia, mediante o Filho, para o mundo”²³⁹.

A característica do Espírito que é também Fonte da Vida, para Moltmann, é o dinamismo, e reconhecer esse aspecto é importante para perceber a presença Dele nas complexidades e enredamentos possíveis da vida. A experiência cristã no Espírito Santo não se define, nem se restringe a uma missiologia e expansão numérica, cultural, de cristianismos²⁴⁰.

²³⁶ KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*, p. 877.

²³⁷ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 22.

²³⁸ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 23.

²³⁹ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 25.

²⁴⁰ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 29.

Essa experiência deve ser o *locus* onde o Espírito se derrama para a missão do Reino de Deus, que não corresponde a imperialismos religiosos, normas morais, culturais; mas se outorga a ser propagadora de vida e transformação, cujo significado dessas palavras não está resguardado em ortodoxias, mas na preocupação pelo próximo e pelo bem-estar de toda vida existente²⁴¹.

O Espírito paira sobre o caos da existência (Gn 1, 2) e seu derramamento é sobre “toda carne” (At 2, 17). E nesse derramamento sobre toda carne, podemos incluir também todas as dimensões da humanidade, incluindo suas relações, pelo objetivo de uma comunhão cheia do Espírito²⁴². As relações comunitárias e recíprocas, de vida, com as pessoas na relação e acolhimento do Espírito Santo caracteriza a singularidade cristã desse movimento de relações.

Moltmann, diante das possibilidades apresentadas pelo relacionamento com o Espírito, afirma: “A “comunhão” não viola, liberta”²⁴³. Pois nas relações comunitárias com Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo experimentamos uma antecipação esperançosa da presença do Reino de Deus, no qual não existem autoritarismos, individualismos, distâncias hierárquicas e organizacionais, mas uma comunhão divina em dimensões profundas²⁴⁴.

Se “no Espírito, Deus está presente como um parceiro ou uma parceira de vida: companheiro de caminhada e sofrimento”²⁴⁵, ele participa da vida. Se ele está presente e é partícipe na vida, em tudo o que a envolve ele também está. O cuidado envolve e molda a vida como um todo, e, nos dados e reflexões até aqui apresentados, mostramos que uma das partes essenciais desse cuidado tem implicado em sobrecarga e sofrimento às pessoas que cuidam, este sofrimento é acrescentado quando a parte cuidadora é mulher e menina, e ainda mais intensificado quando estas são negras.

Mulheres e meninas vivem em uma sobreposição de opressões, e isso revela que onde há opressão, é mais do que necessária a presença do Espírito que promove a libertação delas. Uma espiritualidade cristã precisa visibilizar este sofrimento,

²⁴¹ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 30.

²⁴² MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 31.

²⁴³ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 95.

²⁴⁴ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 96.

²⁴⁵ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 96.

ampliar seus horizontes para fora de suas instituições, teologias, até mesmo sua práxis pastoral e abarcar, de forma consciente e intencional, uma catalisadora cultura de cuidado incluindo o doméstico.

Os dados sobre adoecimento dessas mulheres apresentados no segundo capítulo demonstram o quanto estão sozinhas, mesmo que sejam mulheres presentes em uma comunidade de fé, ou dotadas de certa espiritualidade. Para afirmar a existência de uma comunhão realmente genuína, profunda e libertadora a partir da ótica e do poder do Espírito Santo, é preciso assumir esta participação no sofrimento dessas mulheres e meninas de forma encarnada.

Moltmann afirma que “a palavra assumiu figura corpórea, para que obtivéssemos o Espírito Santo”²⁴⁶. Precisamos incluir a antevisão das necessidades de cuidado de mulheres e meninas que cuidam na vivência da nossa espiritualidade cristã, a fim de as aliviarem e dar espaço para que desenvolvam em suas vivências múltiplas possibilidades. O cuidado é vivido por mulheres e meninas de forma encarnada, e o Espírito que é Fonte de Vida encontra no cuidado um lugar seu, de movimento contínuo de fruição na vida, feitos, toques em toda sociedade que nasce, se desenvolve a partir das casas e lares.

Quando não vemos a restauração, libertação promovida pelo Espírito Santo no ambiente doméstico e em suas relações, inclusive nas tarefas de cuidado, precisamos, enquanto pessoas que dizem ter uma espiritualidade cristã, questionarmos o porquê do nosso olhar não reconhecer as relações domésticas de cuidado como lugar do Espírito. Salvador traz como exemplo o reducionismo como empecilho ao desenvolvimento de uma espiritualidade cristã integral:

A legítima unificação simplificadora pode degenerar em “reducionismo”, quando a fé e a experiência se limitam ao mistério que dava o acesso à totalidade, isolando-o de suas referências ao conjunto. Reducionismo esse que pode ser dogmático, existencial, artístico ou espiritual. Nos consta que, pela experiência dos séculos passados e a nossa, não é raro assistir graves “reduções” e parcialidades de todo tipo. A imagem escolhida, ao invés de introduzir a totalidade e se abrir à dialética do mistério, se fecha em um aspecto apenas e exclui os demais. Tem-se lugar um reducionismo empobrecedor. A história não somente descobre novos aspectos, mas

²⁴⁶ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 100.

também os descobre por reação. As reações podem ir pelos extremos. É um perigo que se repete com frequência nas “devoções”.²⁴⁷

Salvador atenta para uma visão que simplifica a complexidade da realidade e acaba a reduzindo, ignorando aspectos fundamentais, e isso incide também na prática espiritual cristã. Somando isso à visão fragmentada do capital sobre as relações humanas, que as reduzem à produtividade, e acrescentando a aceitação da divisão sexual do trabalho e consequente legitimação da exploração com requintes dogmáticos, temos um cenário alarmante enquanto sociedade.

Além disso, devemos ter uma preocupação verdadeira sobre a urgência de uma prática de espiritualidade no cotidiano que não negligencie a sobrecarga do trabalho doméstico não remunerado e expresse a práxis de Cristo, a vida do Espírito na partilha dos afazeres, planejamento e em tudo aquilo que envolve o ambiente doméstico, tendo a consciência de que o ambiente doméstico de cuidado é um *locus* do Espírito e Sua presença precisa ser evidenciada na transformação dessas relações.

Por isso, vale ressaltar que, mediante esse *locus* e seu potencial poderoso para ação do Espírito nas práticas cotidianas do cuidado doméstico, ele também precisa ser um espaço onde o Espírito Santo possa agir, a partir daqueles que são conscientes de Sua presença, para regenerar e cuidar das relações que o permeia. É preciso agir pelo bem-estar da vida dessas mulheres e meninas, por meio de uma encarnação do cuidado em cada pessoa cristã, pois, desse modo, poderemos pensar em novas relações e possibilidades na sociedade.

Se “o modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano”²⁴⁸, a práxis crística de misericórdia e antevisão das necessidades como cuidado ativo pode revelar o trabalho doméstico de cuidado como: um “novo” espaço de “descobertas” onde Deus se faz presente nas relações humanas, é um

²⁴⁷ “La legítima unificación simplificadora puede degenerar en “reduccionismo”, cuando la fe y la experiencia se limitan al misterio que daba el acceso a la totalidad, aislándolo de sus referencias al conjunto. Reduccionismo que puede ser dogmático, existencial, artístico o espiritual. Nos consta, por la experiencia de otros siglos y la nuestra, que no es raro asistir a graves “reducciones” y parcialidades de todo tipo. La imagen elegida, en lugar de introducir a la totalidad y abrirse a la dialéctica del misterio, se cierra en un aspecto y excluye los demás. Tiene lugar un reduccionismo empobrecedor. La historia no solamente descubre aspectos nuevos, sino que los descubre por reacción. Las reacciones suelen ir por los extremos. Es un peligro que se repite con frecuencia en las “devociones”. (Tradução da autora). SALVADOR, F. R. Caminos del Espiritu, p. 150.

²⁴⁸ BOFF, L. Saber cuidar, p. 38.

lugar onde Cristo precisa ser procurado, servido nas pessoas que cuidam, mais especificamente, nas mulheres e meninas.

É importante perceber a dificuldade de assimilação que pode se fazer presente, no que diz respeito a uma ideia teológica que afirma que o cuidado é um lugar do Espírito frente a uma afirmação categórica de sua onipresença. Pois, se fazer esta afirmação da necessidade de reconhecimento do cuidado como um *Locus Spiritum* é necessária, significa dizer que àqueles recebedores da revelação não o veem ou que podemos afirmar que o Espírito Santo não está presente nas dinâmicas das relações de cuidado. O que pode incorrer em questionamentos como: mas o Espírito Santo não está em todo lugar?

Alguns textos bíblicos poéticos corroboram essa essencialidade do Espírito Santo à vida como um todo dentro da sensibilidade cristã, como “O Espírito do Senhor enche o universo, e Ele, que mantém unidas todas as coisas, não ignora nenhum som” (Sb 1, 7). Outro texto que representa uma presença essencial do Espírito Santo é Jó 34, 14-15: “Se levasse de novo a si o seu espírito, se concentrasse em si o seu sopro, expiraria toda a carne no mesmo instante, e o homem voltaria a ser pó.”

Não apenas diante dessas afirmações, mas também das que concernem em revelar a ação do Espírito Santo diante da criação, da igreja, que apresentam esta onipresença²⁴⁹. Inclusive, segundo Welker, a presunção de uma presença abstrata e uniforme do Espírito em todo lugar do universo dificulta o entendimento de advertências dadas às comunidades cristãs neotestamentárias que sugerem que Espírito Santo pode ser entristecido (Ef 4, 30), até mesmo extinguido (1Ts 5, 19) da vida comunitária²⁵⁰.

A presença do Espírito Santo é mais que uma existência imaterial em toda parte, ela

não só mantém unida a criação. O Espírito conserva e protege a criação justamente porque a liberta reiteradamente de poderes inimigos de Deus, renovando-a e reerguendo-a. Por intermédio do Espírito Santo, Deus age nas e entre as criaturas.

²⁴⁹ WELKER, M. O Espírito Santo, p. 6.

²⁵⁰ WELKER, M. O Espírito Santo, p. 7.

Deus age nelas enquanto as escolhe para uma vida em Sua presença e as capacita para esta vida²⁵¹.

Por isso, o reconhecimento das relações de cuidado como um lugar do Espírito precisa estar em mente. Ele não está presente se há o esmagamento da vida dessas mulheres e meninas. O Espírito Santo que é fonte e aquele que reergue a vida não está presente nas mecânicas de opressão, e a comunidade cristã, cerne da consciência da atuação do Consolador mediante o envio de Jesus Cristo o extingue quando permite que mulheres e meninas que cuidam continuem colapsando sem apoio. O Espírito se move, promove vida, libertação, traz consciência e capacita, e quem age corroborando com a opressão e esmagamento da vida extingue o Espírito. “Não extingais o Espírito!” (1 Ts 5, 19).

O Cristo que não é visto e procurado nas relações mais essenciais, está sendo de fato visto e procurado nas relações mais imbricadas que a humanidade desenvolveu e faz com que as pessoas pequeninas, oprimidas pelo sistema e marginalizadas pela sociedade paguem por isso? Para essa pergunta, ecoam as palavras do Cristo: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso” (Mt 11, 28).

O convite ao descanso proposto por Cristo deve também nos rememorar o Deus criador:

Como o primeiro a descansar, Deus instituiu a necessidade de uma pausa habitual saudável em Gênesis 2.243, para todo o ciclo de vida, para a Terra, a fim de haver recuperação de forças, saúde e preservação. Em uma sociedade baseada na produtividade, a vida humana precisa participar mais do descanso, e nisso precisam estar incluídas as mulheres e meninas que cuidam para que muitas pessoas tenham vida e descanso²⁵².

O Deus criador descansa, e institui que toda criação descanse. A não observação do descanso, do *shabat* da terra (Lv 26, 32-35), foi a interpretação dada por Israel ao seu destino de cativo na Babilônia para que deixassem a terra descansar²⁵³. Moltmann, ao defender um novo estilo de vida e uma nova espiritualidade da vida, pontua:

²⁵¹ WELKER, M. O Espírito Santo, p. 7.

²⁵² ANTUNES, T. A. Para as sobrecarregadas, o descanso de Jesus, p. 298.

²⁵³ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 91.

Essa velha história é uma advertência para a humanidade toda de hoje: quando negamos o sábado à terra, privando-a, assim, de sua própria espiritualidade e explorando-a ininterruptamente, ela se torna deserta e vazia, e a humanidade será exterminada, para que a terra possa recuperar-se do sacrilégio da humanidade²⁵⁴.

Diante dessas palavras, nós devemos apoiar, enquanto potenciais fontes de vida do Espírito para a humanidade, uma urgente ação profética e concreta de cuidado sobre toda vida existente, incluindo a de mulheres e meninas que cuidam, pois há uma crise de cuidados iminente e sendo largamente anunciada por teóricas sociais e de saúde pública como expomos nos capítulos anteriores. O corpo de Cristo precisa agir cuidando das mulheres e meninas, aliviando seus fardos com a práxis da misericórdia, sendo farol de esperança para a humanidade e toda forma de vida, agindo de forma concreta para promoção do bem-viver. A partir daí, poderemos viver, de fato, a esperança do Reino do Deus que descansa e troca os fardos da humanidade.

²⁵⁴ MOLTMANN, J. A Fonte da Vida, p. 91.

Conclusão

Ainda nesta pesquisa, faz-se presente a proposta de uso de mais um trecho da música “Triste, Louca ou Má” citada nas primeiras linhas da introdução:

[...] Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar [...] ²⁵⁵.

A música do verso anterior, que também foi apresentado na introdução, mostra a “receita cultural” da mulher que cuida. O verso acima explicita nessa letra o seu caráter emancipatório, pois tem um ponto fundamental acerca da dificuldade de uma sociedade quiriarcial em conceber que uma mudança dentro de si acarreta a promoção de uma justiça de gênero, a partir das mulheres que, não sem dores, enfrentamentos, violências, propõem mudanças.

Não é concebível viver em uma sociedade que, cada vez mais abraça o discurso de “defesa da família” e ao mesmo tempo negligencia o aspecto de vulnerabilidade no qual muitas famílias se encontram²⁵⁶, gerada também pela sobrecarga do cuidado nas dimensões e dados apresentados até então nesta pesquisa. O cuidado é fundamental pois, é a partir dele que uma família nasce, cresce, se desenvolve e prepara os seres humanos para além do mercado de trabalho. Prepara também para diferentes possibilidades de vida, existência e sentido.

Mostramos que essas possibilidades diversas de existência, resignificação de suas próprias vidas, existem apenas quando não se é mulher nem menina que exerce uma atividade de cuidado não remunerada. Por isso a importância de observar a abrangência que o significativo cuidado proporciona. Precisamos aprender a exercer um olhar mais atento sobre o cuidado, dar a devida importância ao que ele

²⁵⁵ STRASSACAPA, J. Triste, Louca ou Má.

²⁵⁶ ALMEIDA, H. B. de H. A defesa da “família” e a destruição dos direitos de mulheres e crianças, p. 1.

proporciona para compreender as necessidades que ele impõe e legitimidade dele como um trabalho fundamental para existência e sobrevivência de toda sociedade.

Deixar de fazer essas considerações implica na perpetuação das desigualdades de gênero impostas pelo Capital. O cuidado não é uma obrigação feminina, não é uma vocação biológica do feminino, tampouco um imperativo de contornos religiosos sobre as mulheres. O cuidado é um lugar do Espírito, e quem está no Espírito precisa transbordá-lo. Não apenas em ações políticas, religiosas, mas também na unidade mais básica de conservação da vida humana possível atualmente: seu próprio lar.

O Espírito se derrama sobre toda carne (Jo 2, 28; At 2, 17), então toda carne, independente de gênero, precisa ser fonte de vida e canal de cuidado àqueles que necessitam, e aquelas mulheres e meninas que cuidam em redor também precisam ser alvos desse cuidado. Esse cuidado não significa apenas ampará-las em sua fome, sede, sono. Mas em dividir a sobrecarga de cuidados, afazeres domésticos, fazer o planejamento da dinâmica doméstica em conjunto para tirá-las da pobreza de tempo, dividir os cuidados de alguma pessoa PCD, acamada, que seja parte da família, ser uma rede real de apoio.

A paz mental advinda da “recompensa” de conceder títulos como os de “mulher guerreira”, “santa”, de forma a se abster de ajudar uma mulher, menina, precisa ser considerada como uma paz falsa, advinda de uma consciência que convenientemente evita o sofrimento humano. Precisamos urgentemente “perder a paz”, deixar de romantizar o sofrimento e passar a humanizar essas mulheres e meninas que cuidam, reconhecemos os seus direitos e promover amparo a elas.

É importante ressaltarmos a existência de iniciativas para além da recém-aprovada Política Nacional de Cuidados²⁵⁷, como soluções antropológicas que contribuem para a consciência social do cuidado e, para além da sociedade do Capital, proclamam inclusive uma mudança na forma de viver.

²⁵⁷ A Política Nacional de Cuidados aponta o cuidado como direito universal e corresponsabilidade social entre Estado, família, setor privado e sociedade civil. OLIVEIRA, C. Sancionada lei que institui a Política Nacional de Cuidados, p. 1.

Um dos exemplos mais abrangentes de solução antropológica é o dado pela Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC), cuja iniciativa se deu pela reunião do Papa Francisco com juventudes católicas do mundo em Assis em 2019 que, por motivo da pandemia de COVID-19, foi adiado para 2022²⁵⁸. Desse encontro, nasce dentre outras a iniciativa de articulação brasileira que, baseada nos princípios da Economia de Francisco e Clara, estabelece a proposta de uma “experiência concreta, mística, laboral e contemplativa”²⁵⁹ das “casas de Francisco e Clara”, como um local de nascimento de novas formas de compartilhar o bem-viver, com o objetivo de realmar a economia.

Eduardo Brasileiro é um dos articuladores dessa proposta. O lema principal se trata da visão de Francisco de Assis e o chamado do Papa Francisco que, além da Encíclica *Laudato Si'*, conclama a juventude para agir em prol do futuro da nossa Casa Comum, a Terra:

Em nossa condição social e histórica, a Economia de Francisco e Clara provoca-nos a construir um pacto para reconstruir a Casa Comum (Terra) semelhante ao que ocorreu com São Francisco de Assis, no relato de Tomás de Celano, que, ao entrar na Igreja de São Damião, ouve de Deus: “Francisco, vai e restaura a minha casa, que, como vês, está em ruínas”²⁶⁰.

A partir desse lema, a articulação estabelece uma organização baseada em uma economia humanizada, que leve em consideração a reinserção de sujeitos históricos que foram e ainda são excluídos dos processos de decisões globais, como a natureza e as pessoas pobres²⁶¹. Justamente os sujeitos histórico-sociais que são largamente explorados pelo capitalismo neoliberal.

A articulação brasileira para a economia de Francisco e Clara se divide tanto em trabalho de pesquisa acadêmica, com lançamento de livros, cartilhas informacionais e subsídios catequéticos, como nas Casas de Francisco e Clara, ambiente material para se tornar referência de acolhimento, ideias desenvolvidas, inclusão. O objetivo é produzir formas de comunhão alternativas à economia de mercado e possibilidade de rompimento das indiferenças e dos individualismos estabelecidos pelo Capital²⁶².

²⁵⁸ BRASILEIRO; E. et al. A Economia de Francisco e Clara, p. 6.

²⁵⁹ ABEFC, Casas de Francisco e Clara, p. 1.

²⁶⁰ BRASILEIRO, E. Realmar a economia, p. 24.

²⁶¹ BRASILEIRO, E. Realmar a economia, p. 26.

²⁶² BRASILEIRO, E. Realmar a economia, p. 24.

Essa articulação não acontece apenas de forma pessoal, mas ela já nasceu com a presença de entidades que, no entendimento dos articuladores, já trabalham pela concretude de uma economia relevante que inclua e que são aliadas no desenvolvimento econômico coerente com os parâmetros da Economia de Francisco e Clara²⁶³.

Vemos nessa organização um exemplo de trabalho robusto em prol da partilha, cuidado, garantia de direitos aliados à espiritualidade franciscana, que inclui, por exemplo, os povos originários²⁶⁴, suas vozes e contribuições para uma ecologia integral e caminhos de bem-viver. Apesar da vivência da espiritualidade franciscana, o trabalho da economia de Francisco recebeu, no Brasil, a adição de Clara de Assis em sua perspectiva, por ela ser um exemplo feminino engajado na busca por mudanças na sociedade e inspiração para economias possíveis:

Sua decisão de ruptura com as estruturas hegemônicas de poder nos dá pistas, até hoje, de como podemos repensar e agir sob a ética da Casa Comum, onde o desenvolvimento econômico e social está submetido ao respeito ao meio ambiente e ao trabalho digno de todos e todas, assim como a colaboração e a valorização do papel e da contribuição das mulheres na igreja e na sociedade²⁶⁵.

Clara foi pobre, e viveu a pobreza como paradigma para daí partir para a construção de uma sociedade de cuidados²⁶⁶. Como solução antropológica, é disso que a sociedade atual precisa fazer: construir um bem-viver a partir do olhar de quem necessita de cuidados, e não a partir de metas e lucros do paradigma tecnocrático e sua visão unilateral²⁶⁷. Como a proposta dessa pesquisa é falar de uma espiritualidade cristã, argumentamos para além das soluções antropológicas ao proferir que cuidado é lugar humano de experimentação espiritual.

O cuidado é lugar de compartilhamento, é o espaço de desenvolvimento de relacionamento, compaixão, de encontro das pessoas e, conseqüentemente, encontro com Cristo. Necessitamos de enxergar a relevância ontológica, ética do cuidado, mas sem descuidar a ponto de, seja por influências religiosas e culturais, reproduzir de forma pessoal o ciclo de exploração do Capital ao reproduzir a oposição-exclusão, colocando a ontologia acima da prática de partilha desse labor.

²⁶³ BRASILEIRO, E. Realmar a economia, p. 145.

²⁶⁴ BRASILEIRO, E. Realmar a economia, p. 69.

²⁶⁵ BRASILEIRO, E. Realmar a economia, p. 55.

²⁶⁶ BRASILEIRO, E. Realmar a economia, p. 53.

²⁶⁷ FRANCISCO, P. Laudato Si', p. 1.

Para isso acontecer, devemos lembrar e nos atentarmos para a práxis de Jesus Cristo e sua relação com o cuidado. Ele é o modelo de uma espiritualidade que promove inclusão, alívio dos fardos das pessoas sobrecarregadas tomando-os sobre Ele, e a transformação das relações de cuidado ao antever as necessidades das pessoas necessitadas, assim como fez com sua mãe Maria e com João, ressignificando suas responsabilidades e promovendo uma cultura de cuidado que ultrapassa as barreiras parentais.

A vida e os feitos de Jesus Cristo precisam ser vistas como promotoras de bem-viver, o que nos ensina, no cotidiano, a exercer essa espiritualidade crística em nosso cotidiano ativamente, como sinal do Reino de Deus que promove transformação integral, que inclui a fomentação da equidade de gênero dentro e fora dos lares; pois estes lugares de cuidado e as relações que os permeiam são espaços, lugares de manifestação e ação do Espírito. Nesses lugares, ele tem que estar presente.

Uma prática espiritual que se isenta de observar essa realidade, se condena a ser motor religioso concordante da exploração de mulheres e meninas, legitimadora do Capital, e parte fundamental para o agravamento de uma cada vez mais iminente crise de cuidados. Mais que reconhecer os erros e desdobramentos desse posicionamento propagador de opressões, é necessário aprofundarmos nas relações distintas das expressões de fé cristãs presentes na sociedade, em especial aquelas que fazem parte da vida da maioria numérica das mulheres e meninas pobres e pretas.

Compreender suas relações com suas espiritualidades é fundamental para compreendermos o que elas enxergam como suas necessidades e anseios, e como a desproporcionalidade entre os cuidados que prestam às pessoas e os que recebem interferem no desenvolvimento de suas espiritualidades, torna-se necessário ouvi-las.

Moltmann infere que “tornar-se santo significa tornar-se vivo, e santificar significa vivificar”²⁶⁸. A importância da santificação precisa ultrapassar as paredes das igrejas, os discursos, os manuais, os compêndios doutrinários, o individualismo e promover vida e espaços para ressignificação das vidas de mulheres e meninas,

²⁶⁸ MOLTSMANN, J. A Fonte da Vida, p. 61.

para que elas sintam em suas situações de cuidado o fluir da vida do Espírito não só por meio dos cuidados delas, mas também sobre suas vidas e necessidades.

Terminamos relendo e parafraseando o trecho da música citado no início desta introdução, como um chamado à reflexão e à mudança, pois, na verdade:

Só mesmo, aceita
Bem conhecida receita
Quem não sem interesses
Aceita que tudo deve continuar²⁶⁹.

²⁶⁹ STRASSACAPA, J. Triste, Louca ou Má. Paráfrase da autora do texto sobre a música.

6

Referências Bibliográficas

A PEC das Domésticas garantiu a igualdade de direitos entre os trabalhadores. Senado Federal. Brasília: 2022, p.1. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/04/pec-das-domesticas-garantiu-igualdade-de-direitos-entre-trabalhadores>>. Acesso em: 13 jun. 2024.

ABEFC. Casas de Francisco e Clara. Disponível em: <<https://economiadefranciscoeclara.com.br/projetos/casa-francisco-clara/>>. Acesso em 11 jan. 2025.

ADDATI, Laura; CATTANEO Umberto; ESQUIVEL, Valeria. **Care Work and Care Jobs for the future of decent work.** 28 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.ilo.org/publications/major-publications/care-work-and-care-jobs-future-decent-work>>. Acesso em 05 jul.2024.

AGÊNCIA BRASÍLIA. **Puxado por construção e serviços, PIB do DF cresceu 3% em 2021.** Brasília: 17 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2023/11/17/puxado-por-construcao-e-servicos-pib-do-df-cresceu-3-em-2021/>>. Acesso em 27 jun. 2024.

AGOSTINHO. Ad quid sit facta mulier. **De Genesi Ad Litteram Libri Duodecim.** Cap V, Liber IX. Disponível em: <https://www.augustinus.it/latino/genesi_lettera/index2.htm>. Acesso em 19 out. 2024.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019, p.40.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **A defesa da “família” e a destruição dos direitos de mulheres e crianças.** Jornal da USP. São Paulo, 24 de out. 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/articulistas/heloisa-buarque-de-almeida/a-defesa-da-familia-e-a-destruicao-dos-direitos-de-mulheres-e-criancas/>>. Acesso em 11 jan. 2025.

ALVES, Clarissa Cecília Ferreira. **O trabalho reprodutivo sob o capital: mulheres, classe e raça no trabalho doméstico e no cuidado.** Belo Horizonte: Letramento, 2021.

AMARANTE, Suely. **Mulher: sobrecarga de trabalho e maternidade.** Rio de Janeiro: IFF/Fiocruz, 29 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=62:mulher-sobrecarga&catid=8>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

ANTUNES, Tainá Almeida. **Para as sobrecarregadas, o descanso de Jesus:** por uma espiritualidade humanizadora das relações na economia do cuidado. Coisas Do Gênero: Revista De Estudos Feministas Em Teologia E Religião, 10(1), 285–302,

jan-jun 2024. Disponível em: <
https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/genero/article/view/2746>.
 Acesso em 09 dez. 2024.

AZEVEDO, Ricardo; VAT. **Por um Brasil que vai além do trabalho**: VAT e Ricardo Azevedo na vanguarda da mudança, 2024. Disponível em: <
<https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR135067>>. Acesso em 28 nov. 2024.

BARRETO, Alfredo Rafael Belinato; SANTOS, Adriano Lazarini Sousa dos. **O Espírito Santo e a vivência da sinodalidade em Atos dos Apóstolos**. Revista Caminhos. Goiânia: v. 20, n. 2, p. 152-167, maio/ago. 2022. Disponível em: <
<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/12373/5676>>.
 Acesso em 06 nov. 2024.

BHATTACHARYA, Tithi (org.). **Teoria da Reprodução Social**: remapear a classe, recentralizar a opressão. São Paulo: Elefante, 2023.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2023, 20ª ed.

BONNEY, Norman; REINACH, Elizabeth. **Housework reconsidered**: the Oakley thesis twenty years later. Work, Employment & Society. Vol.7, No.4, dez.1993. Sage Publications. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/23746023>>.
 Acesso em: 21 ago. 2024.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, família e Combate à Fome. **As mulheres negras no trabalho de cuidado**. Brasília: Nota Informativa nº1, 2023 MDS/SNCF, p.4. Disponível em: <
https://mds.gov.br/webarquivos/MDS/7_Orgaos/SNCF_Secretaria_Nacional_da_Politica_de_Cuidados_e_Familia/Arquivos/Nota_Informativa/Nota_Informativa_N_1.pdf> Acesso em 19 ago. 2024.

BRASILEIRO, Eduardo (org.). **Realmar a economia**: a economia de Francisco e Clara. São Paulo: Paulus, 2023.

BRASILEIRO, Eduardo; CONSOLARO, Gabriela; SANTOS, Guilherme Cavalli dos; PEREIRA, Ramon Jung (orgs.). **A Economia de Francisco e Clara**: denúncia às violências financeiras e anúncio de economias para o bem-viver. Belo Horizonte: ABEFC, 2023. Disponível em: <
https://economydefranciscoeclara.com.br/wp-content/uploads/2023/04/CARTILHA_ABEFC2023_PORT_DIGITAL.pdf>.
 Acesso em 11 jan. 2025.

CAPASSO, Raissa; GUERRA, Débora Del; KIELING, Gabriel. **Redes de Cuidado**: revoluções invisíveis por uma vida vivível. 1ª Ed. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021. Disponível em: <
<https://rosalux.org.br/product/redes-de-cuidado-revolucoes-invisiveis-por-uma-vida-vivivel/>> Acesso em 12 mar. 2024.

CARNEIRO, Rosamaria. **Cansaço e violência social**: sobre o atual cotidiano materno. Cadernos Pagu (63), 2021. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/vt9MnYcTkfTwZbyFMGqrQdQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 09 dez. 2024.

CORBÍ, Marià. **Para uma Espiritualidade Leiga**: sem crenças, sem religiões, sem deuses. São Paulo: Paulus, 2010.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex**: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Artigo 8. Disponível em: <<http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>> Acesso em: 10 jun. 2024.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo**: a culpabilização no ocidente. Vol.2. São Paulo: EDUSC, 2003.

DIAS, Fernanda Monteiro; BERGER, Sônia Maria Dantas; LOVISI, Giovanni Marcos. **Mulheres guerreiras e mãos especiais?** Reflexão sobre gênero, cuidado e maternidades no contexto de pós-epidemia de zika no Brasil. Physis: revista de saúde coletiva, Rio de Janeiro: v. 30, 2020, p.14. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/HrhtFfSfvdCbyQdzwnPzwy/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 29 ago. 2024.

Dicionário de Filosofia Moral e Política. Disponível em: <<https://www.dicionariofmp-ifilnova.pt/>>. Acesso em 20 out. 2024.

DIEESE. Infográfico. **Trabalho doméstico no Brasil**. Abril de 2022. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/infografico/2022/trabalhoDomestico.html>>. Acesso em: 21 jun. 2024.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Boitempo, 2023, 2ª ed.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante Editora, 2019.

FERREIRA, Ana Carolina. **A presença estrangeira na construção do mito da democracia racial no Brasil**. Acervo da UFF, 16 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.uff.br/?q=noticias/16-11-2023/presenca-estrangeira-na-construcao-do-mito-da-democracia-racial-no-brasil>>. Acesso em 05 jun. 2024.

FERREIRAL, Ana Carolina. **Fim da escala 6x1**: Há vida além do trabalho. Outras Mídias, 2024. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/fim-da-escala-6x1-ha-vida-alem-do-trabalho/#>>. Acesso em 27 nov. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Laudato Si'* do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum**. 24 de mai. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html> . Acesso em 12 jan. 2025.

FRASER, Nancy. Crise do Cuidado? Sobre as contradições sociorreprodutivas do capitalismo contemporâneo. In BHATTACHARYA, Tithi. **Teoria da Reprodução Social**: remapear a classe, recentralizar a opressão. São Paulo: Elefante, 2023.

FRATESCHI, Yara. **O pensamento feminista negro de Sueli Carneiro para além dos reducionismos de classe e gênero**. Blog da Boitempo. São Paulo: 22 out. de 2021. Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2021/10/22/o-pensamento-feminista-negro-de-sueli-carneiro-para-alem-dos-reducionismos-de-classe-e-genero/>>. Acesso em 05 jul. de 2024.

GARCIA, Luciene. **Criança autista fica 12 dias fechada dentro de casa com a mãe morta**. Jornal Estado de Minas, 18 mai. 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/05/18/interna_gerais,1367415/crianca-autista-fica-12-dias-fechada-dentro-de-casa-com-a-mae-morta.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2024.

GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

GELEDÉS. **Quadrinho explica porque as mulheres se sentem tão cansadas**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/quadrinho-explica-por-que-as-mulheres-se-sentem-tao-cansadas/>>. Acesso em 09 dez. 2024.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano**. Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, nº1, AfroLatinoAmérica, Brasil: 2011, p.13. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf> Acesso em 2 jul. 2024.

GOOGLE TRENDS. Termo Economia do Cuidado. **Google Brasil**, 01/01/2004 a 11/03/2024. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=economia%20do%20cuidado&hl=pt>> Acesso em 11 mar. 2024.

GUEDES, Olegna de Souza; DAROS, Michelli Aparecida. **O cuidado como atribuição feminina**: contribuições para um debate ético. Serviço Social em Revista, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 122–134, 2009. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/10053>>DOI: 10.5433/1679-4842.2009v12n1p122, pp.124,125. Acesso em 17 jun. 2024.

GUIMARÃES, N. A. **Os circuitos do cuidado**. Reflexões a partir do caso brasileiro. Comunicação ao painel “El trabajo de cuidado. Relaciones, significados, derechos. Miradas Latinoamericanas”, 2019 Congress of the Latin American Studies Association (LASA), Boston, 24-27 may 2019. Disponível em: < <https://www.studocu.com/es-ar/document/universidad-de-buenos-aires/sociologia/nadya-guimaraes-circuitos-do-cuidado-pdf/13154353>> Acesso em 11 jun. 2024.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. **A “crise do cuidado” e os cuidados na crise**: refletindo a partir da experiência brasileira. Revista Sociologia & Antropologia. Rio

de Janeiro, v.14, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sant/a/qv89WgWxdGKgmkcB9GtjXt/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 05 jul. 2024.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; HIRATA, Helena Sumiko; SUGITA, Kurumi. **Cuidado e cuidadoras: o trabalho de *care* no Brasil, França e Japão.** Sociologia & Antropologia, v. 01-01, pp. 151-180, 2011. Tradução de Philippe Dietman. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sant/a/kwYwJSWSd38BRbd5fCBGYmw/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 05 jun. 2024.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. **As “ajudas”:** o cuidado que não diz seu nome. ESTUDOS AVANÇADOS 34 (98), 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/LN8YgwX9J7Xgr67tZTVjf9B/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em 02 abr. 2024.

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena (org.). **El cuidado en América Latina.** Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, 2020. Disponível em: <<https://storageasemarketing01.blob.core.windows.net/fundacionmedife/Edita/Horizontes-Del-Cuidado/El-Cuidado-en-Am-Latina-DIGITAL-CORREGIDO.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2024.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis: Vozes, 2015.

HANSON, Alice C. **Economics of Household Production.** By Margareth G. Reid. Journal of Political Economy, v.45, n°1, 1937. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/255033>> Acesso em 12 abr. 2024.

HIRATA, Helena. **Nova Divisão sexual do Trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da Divisão Sexual do Trabalho.** Tradução: Fátima Murad. Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, set./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 06 jan. 2025.

IPEA. **Política Nacional de Cuidados dá o primeiro passo para cuidar de quem cuida,** p.1. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14116-politica-nacional-de-cuidados-da-o-primeiro-passo-para-cuidar-de-quem-cuida>>. Acesso em 12 abr. 2024.

IWASHITA, Pedro K. **O Espírito Santo na vida e missão de Maria.** Revista de Cultura Teológica, v.19, n°75, jul/set 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/download/15329/11451/37308>>. Acesso em 02 dez. 2024.

JERÔNIMO. **Adversus Jovinianum Libri Duo.** Disponível em: <https://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0347->

0420__Hieronymus__Adversus_Jovinianum_Libri_Duo__MLT.pdf.html>.
Acesso em 19 out. 2024.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter [ed.]. **Lexicon in Veteris Testamenti Libros**. Leiden: E. J. Brill, 1985.

LEÃO, Vivi. **Mãe morre e criança passa dias trancada com o corpo em casa até ser resgatada em AL**. Portal de notícias g1, 12 abr. 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2024/04/12/mae-morre-crianca-trancada-em-casa-corpo-al.ghtml>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

LEMO, Vinicius. **Mãe e filho com deficiência são encontrados mortos dentro de casa**. Jornal Correio Brasiliense, 13 out. 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/10/4955267-mae-e-filho-com-deficiencia-sao-encontrados-mortos-dentro-de-casa.html>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MACHADO, Ricardo; FACHIN, Patrícia. **As mulheres sofrem com níveis elevados de pobreza de tempo**. Entrevista com Luana Simões Pinheiro. Revista IHU Online, ed. 548, 07 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7763-as-mulheres-sofrem-com-elevados-niveis-de-pobreza-de-tempo>>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MADUREIRA, D. **Cientistas investigam como a espiritualidade pode ajudar a saúde do corpo**. BBC News Brasil. São Paulo, mai. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-56655826>> Acesso em: 14 mai. 2024.

MALHADAS, Daisi et al. **Dicionário Grego-Português (DGP)**, vol.1. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2010.

MAZZINI, Marcela. **Mística do cotidiano**. Enciclopedia Digital Theologica Latinoamericana. Disponível em: <<https://teologicalatinoamericana.com/?p=2524>>. Acesso em 11 abr. 2025.

METZ, Johann Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

METZ, Johann Baptist. **Para além de uma religião burguesa**: sobre o futuro do cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1984.

MIGUEL, Luiz Felipe. **O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira**. Cadernos Pagu, (62), 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/CsFcz5vm5bLShxPN3LHDYkk/?format=html&lang=pt>> . Acesso em 29 dez. 2024.

MIRANDA, Tiago. **Proposta de redução da jornada de trabalho e fim da escala 6x1 gera debates no Plenário da Câmara**. Trabalho, Previdência e Assistência. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/1110526-proposta-de-reducao-da-jornada-de-trabalho-e-fim-da-escala-6x1-gera-debates-no-plenario-da-camara/>>. Acesso em 25 nov. 2024.

MOLTMANN, Jürgen. **A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a teologia da vida.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOREIRA, Alberto da Silva. **Religiosidade Laica:** uma introdução ao pensamento de Maria Corbí. Horizonte, Belo Horizonte, v.8, nº19, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2010v8n19p21>>. Acesso em 20 dez. 2024.

MORI, Letícia. **Porque o Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus.** São Paulo: BBC News Brasil, mai.2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c29r21r69j8o>>. Acesso em 23 dez. 2024.

MORTARI, Luigina. **Filosofia do cuidado.** São Paulo: Paulus, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra no mercado de trabalho.** In: Hollanda, Heloísa Buarque de (org.). Pensamento feminista brasileiro. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

NETO, Alaor Carlos de Oliveira. **Pobreza de tempo, a nova doença feminina:** a escassez de tempo e a renda mais baixa nas mulheres as predispõem a uma atitude negligente com a própria saúde. **Veja**, São Paulo, 4 abr. 2022. Seção Letra de Médico. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/letra-de-medico/pobreza-de-tempo-a-nova-doenca-feminina>>. Acesso em: 02 set. 2024.

OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. **Lélia González e o pensamento interseccional:** uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil. Revista Territórios, v.6 nº10, 2020, p.92. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/territorios/article/viewFile/244895/34866>> Acesso em 2 jul. 2024.

OLIVEIRA, Camily. **Sancionada lei que institui a Política Nacional de Cuidados.** Agência Senado. Brasília, 26 dez. 2024. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/12/26/sanciona-lei-que-institui-a-politica-nacional-de-cuidados>>. Acesso em: 11 jan. 2025.

ONU MULHERES. **ONU assinala primeiro Dia do Cuidado e Apoio:** União Global fortalece agenda de cuidados. Nações Unidas Brasil, 01 nov 2023, p.1. Acesso em 12 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Care at work:** investing in care leave and services for a more gender equal world of work, p.40. Disponível em: <<https://www.ilo.org/publications/major-publications/care-work-and-care-jobs-future-decent-work>> Acesso em 19 ago. 2024.

OSORIO, Rafael Guerreiro. **A desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas.** Texto para discussão, IPEA. Brasília: maio de 2021, p. 11. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10623/1/td_2657.pdf> Acesso em 12 jun. 2024.

PACHECO, Thiago da Silva. **Experiências e práticas sagradas dos profetas bíblicos**. Revista Oracula, ano 10, nº15, 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/229081999.pdf>>. Acesso em 04 dez. 2024.

PASSOS, Luana; GUEDES, Dyeggo Rocha. **Participação Feminina no mercado de trabalho e a crise de cuidados da modernidade**: conexões diversas. In. Planejamento e Políticas Públicas (PPP), nº 50, jan.-jun. 2018, p.67. Disponível em: <<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8497>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

PEREIRA, Gabriela Agostinho; ABRÃO, Jorge Antonio de Moraes. **Trad Wife**: Performatividade e controle de corpo no TikTok. IV Encontro Virtual da ABCiber. 20 e 21 jun. 2024, online. Disponível em: <<https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2024/paper/view/2484>>. Acesso em 15 out. 2024.

PEREIRA, Livia Cretton; TSALLIS, Alexandra Cleopatre. **Maternidade versus sacrifício**: uma análise do efeito moral e práticas sobre a maternidade, comumente engendradas nos corpos das mulheres. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 15(3), julho-setembro de 2020. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v15n3/08.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

PINHO, Paloma de Sousa; ARAÚJO, Tânia Maria de. **Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres**. Revista Brasileira de Epidemiologia, 2012, 15 (3), p. 561. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/dxHcftTBL5b8P5YcXmwFwGG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 20 ago. 2024.

PLAN INTERNATIONAL BRASIL. **Por ser menina**: relatório executivo, 2021. Disponível em: <<https://plan.org.br/noticias/lancamento-pesquisa-por-ser-menina-no-brasil/>>. Acesso em: 05 jul. 2024.

QUIRINO, Ademilson Tadeu; OLIVEIRA, Bismarque Maciel de. **Teologia do Cuidado na formação do futuro presbítero**. São Paulo: Paulus, 2022.

RABELO, Carolina. **Em sessão solene, deputados defendem conceito tradicional de família**. Câmara dos Deputados. Brasília: 2017. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/526065-em-sessao-solene-deputados-defendem-conceito-tradicional-de-familia/>>. Acesso em 28 dez.2024.

REIMER, Ivoni Richter; REIMER, Haroldo. **Misericórdia quero!** Uma ética do cuidado a partir das entranhas. Estudos Bíblicos, São Paulo, v. 29, n. 114, p. 27–37, 2021. Disponível em: <<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/337>>. Acesso em 22 nov. 2024.

Revista Caros Amigos. ano III, Nº 35, fev. de 2000, capa. Disponível em: <https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/arquivo/asc_003949>. Acesso em 05 jul. 2024.

RONSI, Francilaide Queiroz. **A mulher na igreja e na sociedade**: a procura pelo direito de ‘ser’. Revista Encontros Teológicos, 35(1). Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1596>>. Acesso em 20 out. 2024.

ROSA, Suely Marques. **A relação entre religião e deficiência física para as mães de crianças com paralisia cerebral.** Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <<https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/947>>. Acesso em 10 abr. 2025.

RUBIO, Alfonso García. **Unidade na Pluralidade.** O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001, 4ª ed. rev. e ampl.

SAFIOTTI, Heleith. **Gênero, Patriarcado, Violência.** São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2015.

SALVADOR, Federico Ruiz. **Caminos del Espiritu:** Compendio de Teología Espiritual. Madrid, Editorial de Espiritualidad, 1998, 5ª Ed.

SAMANES, Casiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo.** São Paulo: Paulus, 1999.

SANABIO, Alexandre Gnatalli. **Filhos parentalizados:** repercussões da inversão geracional no desenvolvimento emocional infantil. Disponível em: <<https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/download/normas%20teses%20revisado%202020.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SCHWANTES, Milton. **A terra não pode suportar suas palavras:** reflexão e estudo sobre Amós. São Paulo: Paulinas, 2014.

SILVA, Mara Lucia Miranda et al. **Análise de validação do conceito de espiritualidade e sua aplicabilidade no cuidado em saúde.** Revista Ciencia y Enfermería, 2021. Disponível em: <<https://revistas.udec.cl/index.php/cienciayenfermeria/article/view/7067/6399>>. Acesso em 10 dez. 2024.

SLAVE VOYAGES. **Tráfico Transatlântico de Escravos.** Portugal/Brazil: 1501-1875. Disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SOFIOTTI, Heleith. **Gênero, Patriarcado, Violência.** Editora Expressão Popular, 2015.

STRASSACAPA, Ju; et al. **Triste, Louca ou Má.** Produtor: Zé Nigro. São Paulo: Estúdio Navegantes, 2016, streaming, duração: 4min e 25seg.

TERTULIANO. De Habitu Muliebri. **De Cultu Feminarum Libri Duo: Liber I.** Disponível em: <https://www.tertullian.org/latin/de_cultu_feminarum_1.htm>. Acesso em 07 abr. 2025.

THINK OLGA. **Economia do Cuidado,** 2021. Disponível em: <<https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>>. Acesso em 13 mar. 2024.

THINK OLGA. **Saúde das mulheres**: Mulheres são a linha de frente da saúde e do cuidado, mas seguem sozinhas, desamparadas e adoecendo. Disponível em: <<http://lab.thinkolga.com/saude-das-mulheres/>>. Acesso em 13 mar 2024.

TOKARNIA, Mariana. Tema da redação do ENEM traz à luz organização patriarcal da sociedade. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 5 nov. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-11/tema-da-redacao-do-enem-traz-luz-questao-estrutural-da-sociedade>> Acesso em: 07 mar. 2024.

UTRINI, Heitor Carlos Santos. **O sonho de uma “Igreja Samaritana”**: A perícopes de Lc 10,25-37 como paradigma do agir cristão a partir do Documento de Aparecida. Revista de Cultura Teológica, ano XXVII, nº 93, jan-jun 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i93.38160>>. Acesso em 05 dez. 2024.

VIEIRA, José Álvaro Campos; SENRA, Flávio. **Espiritualidade sem-religião**: o cultivo da qualidade humana. Síntese, Belo Horizonte: v.47, nº149, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/4614/4523>>. Acesso em 20 dez. 2024.

VOGEL, Lise. **Marxismo e a opressão às mulheres**: rumo a uma teoria unitária. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

WELKER, Michael. **O Espírito Santo**. Estudos Teológicos, v. 48, nº1, 2008. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/issue/view/29>. Acesso em 09 abr. 2025.